

LUÍS SILVEIRA

EDIÇÃO NOVA

do

TRATADO BREVE

DOS

RIOS DE GUINÉ

feito pelo

CAPITÃO ANDRÉ ÁLVARES D'ALMADA

LISBOA

1946



TRATADO BREVE  
DOS  
RIOS DE GUINÉ



*Edição patrocinada pelo Governo da Colónia da Guiné no*  
**V CENTENÁRIO DO DESCOBRIMENTO**



LUÍS SILVEIRA

EDIÇÃO NOVA

do



TRATADO BREVE  
DOS  
RIOS DE GUINÉ

feito pelo

R.170985

CAPITÃO ANDRÉ ÁLVARES D'ALMADA

LISBOA — 1946



## ESCLARECIMENTO

*O Tratado Breve dos Rios de Guiné do Cabo Verde, escrito pelo Capitão André Álvares d'Almada, contém elementos muito valiosos para o estudo da faixa do terreno africano que compreende a antiga Guiné portuguesa, muito mais dilatada do que a actual, e importa, portanto, hoje, não somente aos portugueses.*

*Apesar da riqueza documental que encerra, não foi brilhante a vida livresca do Tratado breve. Tempo longo decorreu após a redacção, até chegar a ser impresso. E algumas edições não passaram de adulterações abusivas.*

*Em 1841 Diogo Köpke, que prestou muitos estimáveis serviços publicando documentos importantes de história colonial, preparou uma edição do Tratado, feita à base dum manuscrito, em sua opinião decalque dum outro que esteve no Mosteiro de Tibães e que, após a extinção dos conventos, foi recolhido na Biblioteca Pública Municipal do Porto.*

*É esta, até hoje, a edição do Tratado de que se servem os estudiosos, edição tornada rara a ponto tal que falta em muitas Bibliotecas Públicas e escassas vezes aparece no comércio.*

*Teve Diogo Köpke conhecimento de mais um manuscrito de Almada, guardado na Biblioteca Nacional de Lisboa. Não o pôde ver, porém, e limitou-se a dar a correspondência dos capítulos dele com os do manuscrito que lhe servira de base. Impresso o texto, foi Köpke informado de que havia divergências importantes entre os manuscritos, e em nota final declarou que as havia de registar, um dia.*

*Não sei que tenha chegado a realizar o que prometeu.*

*Quem, portanto, até agora, queria estudar o texto de Almada, deparava, antes de mais, com a informação de que o livro impresso não continha o esclarecimento total desejado.*

*A circunstância de se realizar no ano corrente a celebração do 5.º Centenário do Descobrimento da Guiné mostrou com evidência a necessidade urgente de se preparar uma edição do Tratado breve, que servisse a variedade de investigadores que a ele precisam de recorrer como fonte.*

*Tomei a meu cargo o empreendimento, entre outras razões porque já fizera em 45 a edição dum manuscrito, que, de certo modo, completa e moderniza algumas das informações de Almada: a «Relação», de André de Faro.*

*Projecto a publicação de outros textos referentes à antiga África Ocidental Portuguesa, logo que para isso se proporcionem as condições. E assim ficarão acessíveis os materiais basilares para o conhecimento da antiga Guiné, terra onde a história da penetração portuguesa e da contribuição nacional para o conhecimento do continente não foi ainda bastante estudada, em grande parte por falta de instrumentos impressos convenientes.*

*Consideram-se na presente edição do Tratado de Almada os textos seguintes:*

1) — *A edição de Diogo Köpke, de 1841, feita sobre uma cópia moderna, que teve como modelo o ms. que foi do Mosteiro de Tibães.*

2) — *O ms. da Biblioteca Pública Municipal do Porto, (vindo de Tibães), e que tem hoje a cota ms. 603.*

3) — *O ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa n.º 297 — Fundo Geral, que traz o título de Tratado breve...*

4) — *O ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa n.º 525 — Fundo Geral, a que deram a epígrafe de: África Ocidental. Descrição de várias regiões e costumes de alguns povos.*

*A análise das quatro fontes leva a dificuldades quanto à adopção de solução óptima para se editar o Tratado de Almada.*

*O texto de Köpke reproduz um ms. de que não dispomos hoje, mas como Köpke dá garantias de lhe não ter provocado mais do que alterações de pormenor, parece indispensável dá-lo completamente, tanto mais que as citações até agora feitas têm tido esta base; não há vantagem em reproduzi-lo na forma oitocentista, que é já modernização feita por Köpke.*

*O ms. da B. P. M. P. é, substancialmente, o mesmo texto de Köpke, como ele próprio já verificara, e não se justifica a sua publicação, à parte.*

*O ms. 297 F. G. da B. N. L. considero-o cópia mais antiga do que o do Porto, mas as informações que dá são, geralmente, menos desenvolvidas. A redacção mostra-se, em muitos pontos, diferente da portuense, mas afirma os mesmos factos, acrescentando, porém, algumas novidades.*

## VIII

e dando, aqui e além, elementos mais precisos, conquanto seja deficiente noutros importantes passos. Algumas referências a datas, levam, todavia, a crer que o ms. do Pôrto poderá ler-se baseado num original mais antigo do que o ms. 297 de Lisboa.

O ms. da B. N. L. 525 F. G., é, manifestamente, um resumo, anónimo, feito, talvez, nos fins do séc. XVII. Não acrescenta novidades aos mss. B. P. M. P. 603 e B. N. L. 297, uma vez combinados. De notar é o facto de ter doze «emendas» in fine, que não trazem, todavia, observações com importância.

Não creio que algum dos mss. citados seja o original de Almada. Do estudo comparativo das várias lições convenço-me de que não é possível reconstituir, no que respeita à forma, o arquétipo de que todos os textos citados serão derivados; creio, porém, que se pode reunir o total de informações que esse arquétipo, provavelmente, continha, se tomarmos o texto mais completo por base e lhe juntarmos os acrescentos que os outros fornecem. Cheguei à conclusão que o texto de Köpke era o que satisfazia melhor às condições de texto básico, e o que revelava, no meu critério, maior homogeneidade e melhor estrutura.

Tornava-se preciso imprimir um texto principal que pudesse ser utilizado por leitores de vários ramos da investigação, e até por técnicos de diferentes especialidades, para quem conviria modernizar a forma gráfica das palavras e não apresentar dificuldades braquigráficas. Pelas razões já apontadas aproveitou-se para tal fim a redacção de Köpke.

Ao contrário do que é frequente em trabalhos desta natureza, não se pode, verdadeiramente, dar aqui um texto, e à margem ou em roda-pé as variantes, porque as redacções dos mss. são muito diferentes; mas também pareceu falta de economia e, sobretudo, desconcertante, dar na íntegra os vários mss., porquanto afirmam geralmente o mesmo por outras palavras, salvo as restrições que fiz referentes ao ms. 297 F. G. da B. N. L. Os aumentos deste, pouco extensos, já pareceu conveniente reproduzir com rigor de leitura.

Resolveu-se, pois, organizar o trabalho da forma seguinte: dar o texto de Köpke (que corresponde também, praticamente, ao ms. do Pôrto) em grafia actual e reproduzir os passos do ms. 297 F. G. da B. N. L. que encerram informação nova ou diferente em relação ao texto principal, não tomando em consideração os casos de simples redacção diferente, nem os de falhas de informação do ms. de Lisboa em relação ao do Pôrto. A título complementar transcreve-se o incipit de cada um dos mss., na grafia original.

Pareceu-me que, com esta solução, se editava um livro que poderia

*ser manuseado com proveito por toda a variedade de leitores e se reconstituía o conteúdo provável do arquetipo de Almada. Assim ficará o Tratado breve, simultaneamente, acessível a todos os leitores, e preparado para posteriores trabalhos aos investigadores especializados.*

#### DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES QUE CONSTITUEM A BASE DESTA EDIÇÃO

I. — Tratado breve // dos // rios de Guiné de Cabo-Verde, // desde o Rio de Sanagá até aos Baixos // de Sant'Anna &\*, &\*. Pelo Capitão // André Alvares d'Almada, // natural da Ilha de Santiago de Cabo-Verde, pratico e versado // nas ditas partes. // 1594 // Publicado por // Diogo Köpke... // Porto: // Typographia Commercial Portuense... // 1841 //.

D: 230 × 145. — XIV + 108 + 8 pag. e um mapa desdobrável.

II. — Ms. 603 da BPMP.

Tratado breve dos Rios de Guiné // do cabo verde desde Rio de // sanaga até os baixos de // santa Anna de todas as na//ções de negros q̃ ha na dita // costa & de seus Costumes ar//mas trajos juramentos, // guerras feito pelo capitão // Andre Alvares dalmada // natural da Ilha de san // thiago de cabo verde prati//co, & verçado nas ditas partes // Año 1594.

*Encadernação de pergaminho flexível. D: 202 × 150. É formado de 105 fls. numeradas a tinta, mais 1 fl. de índice e 2 fls. de guardas. O texto começa na fl. 3. As fls. 1 e 2, sem numeração, foram acrescentadas, e nelas se escreveu o prólogo. Faltam, por erro de foliação, as fls. 23 e 25. Transcrevo, seguidamente, a Tavoada. Capit.º 1.º dos Jalofo e seus costumes — 2.º que trata dos mesmos — 3.º do Rn.º do Ale — 4.º do Rn.º de borcalo barbaci — 5.º do Rn.º de Gambia — 6.º do Ryo de Gambia — 7.º dos Anatas e jalupos — 8.º do Rn.º de Cazamanca — 9.º do Rn.º dos buramos — 10.º dos Biyagos — 11.º do Ryo Grande — 12.º do mesmo — 13.º dos Rn.ºs do Natins bagas // cocolins — 14.º do Rn.º dos Capes the os baixos de Sancta Anna — 15.º de como se alevantão os Reys na terra dos Capes e suas cerimonia — 16.º dos Sunbas e suas guerras - - 17.º dalgũas guerras q̃ estes tiuerão — 18.º de como os Sunbas quizerão Conquistar a Terra dos Soussos e do que entre elles se passou — 19.º da fresquidão desta Terra. No frontispício e guarda a filigrana desenha um escudo com cruz latina. O papel do texto mostra vergaduras.*

III. Ms. 297 F. G. da BNL.

Tratado breue dos Reinos de guine // do cabo verde f.<sup>to</sup> pollo capitão // Andre alluares dallmada natural // da cidade e Ilha do cabo verde cursado // e pratiço nas ditas partes

*Encadernação moderna. Capa de cartão. Na lombada lê-se : Almada // Tractado // da Guiné // Regimento // da Inquisição.*

*D : 188 x 140 — [I], 101 fls. numeradas a tinta (há numeração antiga da pág. 19 em diante até 65 : 9 a 55). Da fl. 101 v.º a 103 repete : «...como entre os negros da nosa africa...», mas com redacção diferente do passo correspondente do texto.*

*Observações de outra mão, mas referentes à Guiné, de fls. 103 a 109 n.º.*

*As fls. 1 e rv.º antes do texto e 1 e rv.º depois da fl. 109 contém frases soltas, escritas por mão pouco hábil, que também dizem respeito aos lugares de Cabo Verde e Guiné.*

*O Tratado está encadernado juntamente com o «Regimento da Santa Inquisição,» cópia que se pode atribuir aos princípios do Séc. XVII.*

*Marea de água dos fins do séc. XVI : estrela sobre elipse, ligada a um coração.*

*Não tem índice. A discriminação dos capítulos pode ver-se em Köpke, pág. IX e sqs.*

IV. Ms. n.º 525 F. G. da BNL.

[Africa Ocidental. Descrição de várias terras e notícias dos costumes de alguns povos.]

*Encadernação moderna, de veludo vermelho. D : 208 x 135. 56 fls., numeradas a lápis. Letra do séc. XVII. Marca de água dos fins do séc. XVII : Grifos que sustentam escudo coroado, em cujo campo se abre cruz ; pendem do escudo duas circunferências tangentes, na primeira das quais se lê : E P.*

*Não traz índice. Contém os cap.ºs seguintes :*

*1.º — Dos Jalofos, 2.º — Do Ru.º do Alê em Biçano e do de Broçalo, 3.º — Dos Mandingas, 4.º — Dos Arriatas, Falupos, Jabundos, Bauhus e Casangas, 5.º — Dos Boramos, 6.º — Dos Bijagós, 7.º — Dos Beafares, 8.º — Dos Nalus, Bagas e Cocolins, 9.º — Da Serra Liôa, 10.º — Da conquista da Serra Liôa feita pellos Çumbas. Estes capítulos correspondem aos da edição «adulterada», de António da Costa Valle, de 1733.*



TRATADO BREVE DOS RIOS  
DE GUINÉ DO CABO-VERDE



TRATADO BREVE

dos

RIOS DE GUINÉ DO CABO - VERDE;

Desde o Rio de Sanagá até aos Baixos de  
St.<sup>a</sup> Ana; de todas as Nações de Negros  
que há na dita Costa, e de seus Costumes,  
Armas, Trajes, Juramentos e Guerras:

Feito pelo

Capitão ANDRÉ ALVARES D'ALMADA,  
Natural da Ilha de Santiago de Cabo Verde,  
prático e versado nas ditas partes.

Ano de 1594.



## PRÓLOGO

**Q**UIS escrever algumas cousas dos Rios de Guiné do Cabo Verde, começando do Rio de Sanagá, até à Serra Leôa, que é o limite da Ilha de Santiago; porque destas partes sei honestamente, e das cousas em que tive duvida me informei de algumas pessoas práticas e nas ditas partes versadas: — quis, como digo, escrever deste Guiné, não porque muitos não tivessem dele dito, mas porque pode ser que já dele não tiveram tão verdadeira notícia como eu, que vi a maior parte dele, e tratei em muitos Rios, metendo-me por eles muitas léguas, (como foi pelo de Gambia 150 léguas), e sobretudo me informei bem de todas as dúvidas, assim de homens nossos prácticos nas ditas partes, como dos próprios negros, colhendo deles notícias das cousas acontecidas nas mesmas. Tratarei pois brevemente das armas, trajes e costumes dos Negros, das suas guerras, dos seus juizos e de tudo o mais que nas ditas partes há notável; e nos Capítulos de cada Reino e Nação tratarei disto no melhor modo que ser possa, porque a minha tenção é tratar na verdade. Os que o lerem receberão de mim a vontade, e o desejo de melhor talento, para neste com melhor disposição dizer muito mais; mas o que disser, ainda que incomposto, será na verdade.



TRATADO BREVE  
DOS  
RIOS DE GUINÉ

CAPÍTULO I

QUE TRATA DOS NEGROS JALOFOS, QUE SÃO OS PRIMEIROS E MAIS CHEGADOS  
A NÓS ; E DE SEUS COSTUMES E TRAJES.

Os primeiros negros mais chegados a nós são os Jalofos, que começam do Rio de Sanagá, da banda do Sul dele ; e este Rio os divide dos Alarves, que ficam da outra banda do Rio, da banda do Norte.

Vão correndo estes Jalofos pela banda do Sul do dito rio, por ele acima e pelo sertão, até confinarem com os Fulos Galalhos, chamados cá dos nossos, *Gagos*, havendo de dizer Galalhos, que é o seu verdadeiro nome. Esta terra toda é arenosa, de poucas árvores e águas, que as não há senão em poços altos.

Este Reino dos Jalofos era muito grande, e estava debaixo da obediência de um Rei muito poderoso, o qual era entre esta nação como Imperador, e quando se falava nele se dizia o *Gran-Julofo*. Tinha outros reis que lhe davam obediência e pagavam tributos. Mas como o tempo costuma a desfazer a uns e levantar a outros, muitas vezes de nada, assim foi com este do Império dos Jalofos ; que sendo muito grande, temido e obedecido, veio o tempo a fazê-lo ser pequeno, e sujeito ao Rei do Galalho, que é o Gran-Fulo, a quem ele não temia, mas antes pelejava com ele muitas

vezes e o vencia. Desfez-se, ainda que não de todo, segundo o contam os antigos daquelas partes, desta maneira :

Sendo este Rei muito poderoso e senhor de muitas terras, mandou alguns capitães a governarem alguns lugares das suas terras e beira-mares. Estes capitães e governadores eram escravos seus ; entre os quais vinha um da casta dos Budumeis, que, posto que fossem escravos do Rei, eram de geração honrada. Este, que assim vinha governar por mandado do Rei, era altivo e de grandes espíritos ; e vendo-se governador começou a imaginar que também podia ser Rei. Começou a pôr por obra sua imaginação, e soube-se dar a tão boa manha que pouco a pouco se foi fazendo senhor dos mais lugares, assim do que ele governava como dos outros capitães, adquirindo com dádivas e promessas as vontades e amizades dos fidalgos e dos mais ; e como a côrte onde estava o Rei era longe, (e ainda que o não fosse), não foi sabedor de nada senão a tempo que já não pôde remediar ; porque este, como manhoso e sagaz, não deixou de lhe acudir com as dádivas e direitos reais, e dessa maneira o segurou até ver tempo e ocasião para efectuar o que tinha determinado ; e tendo já muita posse se levantou com o Reino, e o foi tomando por armas, vencendo o mesmo Rei em uma batalha que com ele teve ; pelo que lhe foi necessário acolher-se à terra e reino do Gran-Fulo, e de ali tornou, mas nunca pôde cobrar o que era seu, e tiveram seus antepassados e ele já tivera. Ficou nos fins do mesmo Reino, perto dos Fulos, encurralado dos inimigos e sujeito ao Gran-Fulo, ao qual tomou por defensor ; e devia ser parente deste o Rei Jalofa chamado *Bomaim Gilem*, que no tempo de el-Rei Dom Manuel, da Gloriosa Memória, veio a este reino dar obediência ao dito rei, e pedir-lhe que mandasse fazer no seu reino fortaleza, e pôr feitoria, para se valer da ajuda dos nossos contra estes, que lhe tinham usurpado o reino dos seus antepassados.

Fica hoje este reino do Gran-Jalofa por cima de Encalhor, que é coração daqueles Reinos dos Jalofos, e dá a obediência ao Gran-Fulo ; e quando entra algum no Reino por Rei lhe manda o Fulo o barrete, que é como corôa. Ficou o mais do reino sujeito ao Budumel e aos seus descendentes ; o qual se fez um grande rei, senhoreando muitas terras.

Era costume antigo entre os Jalofos de herdarem os filhos os reinos ; o qual se desfez, e não herdaram agora senão sobrinhos, filhos de irmãs da parte da mãe ; e segundo contam os antigos daquelas partes, nasceu isto de um rei deste império dos Jalofos, o qual veio a adoecer da lepra, e cobrir-se todo dela, de maneira que aborrido daquela enfermidade tão contagiosa, não aparecia entre os seus, nem deles era visto. Governava-se o reino por um irmão seu e pelos velhos da terra, os quais são

mui obedecidos de todas as nações dos negros e lhes dão sempre a mão. E estando o rei retraído pela causa desta enfermidade, soube que de aí a poucas jornadas estava um Caciciz Jalofó, chamado naquelas partes *Bixirim*, vindo ali ter de pouco tempo, tido e havido por homem de boa vida, e que fazia mui ricas curas comervas e outras cousas. Sabendo o rei isto, o mandou chamar; o qual vindo diante dele, e (como estes *bixirins* falam sempre pela boca do inimigo do género humano, o qual quer que sempre lhe sacrificuem, e façam sacrificios derramando sangue humano.) vendo ao rei da maneira que estava, lhe disse, que não podia ser são, sem primeiro ser banhado no sangue de dois moços, filhos do mesmo rei; e que depois de ser feito isto, o curaria, e seria são. E como a saúde é sempre desejada, e mais de um rei que havia já anos que não governava nem era quase visto dos seus; e como os daquelas partes costumam ter muitas mulheres, e estas parem muitos filhos, [e] quer sejam do rei quer não por seus são tidos e havidos; e como tinha muitos, pareceu-lhe fácil mandar degolar a dois; e pois o remédio da sua saúde, segundo lhe dizia o Caciciz, estava em banhar-se no sangue dos filhos, determinou de mandar pôr isto por obra. Chamou a duas mulheres suas principais, as quais lhe amostravam, segundo lhe parecia, mais amor que todas as outras, (e pode ser que por vezes lhe teriam dito, que, se pudesse ser, elas tomariam aquella enfermidade, com tanto que tivesse ele saúde), e chamando-as lhes disse o que lhe dissera o Caciciz. Elas ficaram preplexas e confusas; e estando assim, responderam ao rei que a sua saúde era muito desejada, não diriam elas, delas que eram suas mulheres, mas de todo o povo que o desejava, mas sendo a troca de dois filhos, que ainda podiam ser reis daqueles reinos, era uma cousa muita rija em que se não podia falar, porque quando elas consentissem, pela obediência e amor que lhe tinham como mulheres suas, o povo sabendo-o o não consentiria, e se levantaria contra ele; e entregaria o reino a seu irmão.

Vendo o rei a resposta destas mulheres nas quais tinha posta a esperança de sua saúde, ficou muito enfadado, e por muitos dias não quis ser visto senão do seu camareiro pequeno que o servia; e sabendo isto duas irmãs suas o foram visitar, e o repreenderam porque se não deixava ver, que seria causa de se acabar de consumir e gastar mais depressa a sua vida. Fez queixume às irmãs do que havia passado com as mulheres, e de como lhe não queriam dar, e consentir que se degolassem dois filhos dele e delas, para ele ser banhado no sangue delas para com isto ter remédio e ser curado. Disseram-lhe as irmãs que para ele ter saúde, elas e seus filhos se matassem, e ofereceram cada uma seu filho; e como naquelas partes os filhos dos irmãos e irmãs são tidos por filhos dos irmãos, e não

chamam aos tios senão pais, e os tios a eles filhos, aceitou o rei a promessa das irmãs, e como o Caciz não recusou o não serem seus filhos, foram degolados e ele banhado no sangue deles, e daí por diante o foi curando e applicando-lhe os remédios com ervas e outras cousas que o demónio lhe amostrava, de maneira que foi o rei são. E vendo-se são, considerando entre si de como as mulheres lhe não quizeram dar os filhos para a sua saúde, e que bem poderia ser não serem seus, chamou a côrte, e ajuntando-se os mais principais do seu reino e alguns reis sujeitos a ele, examinando este caso, determinaram entre todos uma lei que é até hoje guardada nos mais reinos dos Jalofos Barbacins, e Mandingas; a qual foi esta: Que visto como os Reis têm muitas mulheres e como bem pode ser não serem todos os filhos seus, e serem de outros pais, e que sendo assim herdariam os reinos alguns indevidamente, não lhes pertencendo, tirando a outros a quem de direito pertencesse, mandavam que daí por diante não herdassem os reinos naquellas partes os filhos dos reis, senão seus sobrinhos, filhos de suas irmãs da parte da mãe, porque estas sabidamente eram suas irmãs e seus filhos seus sobrinhos, e não os filhos de suas mulheres; porque bem claro mostraram as suas irmãs que o sangue se não rogava, pois ofereceram o sangue de seus filhos para a sua saúde, que era o seu sangue próprio que o tornou a vir curar e sarar; porque se os filhos de suas mulheres foram seus dele, não recusaram elas a fazerem o que suas irmãs fizeram.

Ficou esta Sentença e Lei guardada naquellas partes, tirando na terra do Budumel, que é geração perseguidora dos *Jonaes* ou a geração do Gran-Jalofo, para os quais foi o Budumel outro Herodes, porque lhe não ficou desta geração os que pôde haver à mão, não perdoando a idade, que não matasse. E até hoje não são seguros senão nesse pobre reino onde ficaram *Jonaes*, de que se apelida esta geração dos reis Jalofos verdadeiros; quer dizer naquela língua: *homens que não negam o que dizem*.

O Budumel, para desfazer tudo o que tinham os Reis passados feito e leis de tantos anos guardadas, fez em sua vida a um filho seu Rei, chamado Budumel. Este era bixirim e não bebia vinho; folgava antes com a conversação e amizade dos bixirins e mouros que a dos nossos, e em seu tempo se foi perdendo o trato da mercancia na sua terra com os nossos. Residia na sua côrte de Lambaia, longe do mar; vinha muito poucas vezes aos lugares marítimos. Este teve um filho, em sua vida chamado Amad Malique; e como entre eles não há nome de príncipes senão de Reis, em sua vida o declarou por Rei de Encalhor, que é o coração do reino dos Jalofos, e nele reside sempre; o qual depois da morte do pai,

tendo um filho por nome *Chiláo* o declarou por Rei de Lambaia ; ficando este governando o que governava seu avô *Budumel*, depois de fazer a seu pai rei de Encalhor ; dividindo o reino em duas províncias, ficando o pai, que é rei de Encalhor, governando do Cabo Verde até o Porto da Cabaceira no Rio de Sanagá, que é o pôrto onde surgem os navios que vão ao resgate, porque da Cabaceira avante fica sendo do Rei Jalofó, a quem eles tomaram o reino. E além deste beira-mar tem muitas léguas o filho do Budumel pelo sertão até partir por cima pelo reino de Bala com o reino de Borçalo, do qual se tratará ao diante. O filho Chiláo ficou governando do Cabo Verde para julavento os portos beira-mares até partir com o reino do Ale, e muitas léguas pelo sertão até partir com seu pai.

Estes Jalofos falam a sua língua, e muitos entendem a dos Fulos, porque há uma casta dos Fulos pretos metidos entre estes Jalofos, chamados *Tacurores*; e além disso confinam com os outros Fulos Galalhos, e são vizinhos ; e andam o mais do tempo juntos : e alguns destes Jalofos entendem a dos Mouros pela continuação de virem com cavalos a venderem a estes Jalofos, e andarem sempre muitos na côrte do Rei desta Terra.

Estes negros andam vestidos com umas roupetas a que eles chamam camisas, de panos de algodão, pretos e brancos, da maneira que querem. As roupetas são degoladas dos mantéus, e as mangas chegam até os cotovelos, e as camisas compridas que ficam dando um palmo por cima dos joelhos ; e uma maneira de calções muito avclutados, estreitos e justos por baixo nas pernas, os quais ficam dando por debaixo do joelhos como os nossos ; trazem as pernas nnas, e nos pés umas alpercatas de couro cru ; e nas cabeças umas carapuças do mesmo pano de algodão ao modo de diademas : os cabelos da cabeça trançados ; espadas de 3 palmos e  $\frac{1}{2}$  sem guardas, com as empunhaduras chãs, ao tiracolo, e facas de palmo e mais, largas, na cinta, em lugar de punhais. São grandes homens de cavalo, bons cavalgadores, boa gente de guerra ; e são os que usam a milícia bem disciplinada, nela costumados a sofrerem trabalhos ; com muito pouco mantimento se sustentam ; bebem muito pouca água, porque há muitos negros deste sertão que em muitos dias a não bebem, e quando a bebem não há de ser água pura, senão por muita necessidade ; bebem-a misturada com leite azedo de vacas, amassado o leite de maneira que fique tão ralo como a mesma água ; e desta maneira a bebem ; — ou deitando nela farinha de um milho a que chamam *maçaroca*, mantimento de mais substância que quantos há em Guiné. É tão bom quáse como o trigo. E tem estes Jalofos por costume não beberem água senão misturada com uma cousa ou outra, em tanto que pedindo nós muitas

vezes água no-la não davam senão misturada ; e com grande trabalho se dá sem ela, porque se tem eles por afrontados dando-a pura e clara, e pelo uso de a beberem poucas vezes, sofrem muito a sêde. São enxutos os mais deles, bem dispostos, de poucas carnes ; embarbecem já de muita idade.

Este reino Jalofo do Budumel é mui grande ; senhoreia muitas terras, e assim como tomou o reino ao Gran-Jalofo, ficou com o mesmo apelido de Gran-Jalofo. É rei poderoso ; tem muita gente de pé e de cavalo, e reis que lhe dão obediência ; é o rei mais poderoso daquela costa ; e posto hoje tenha o seu reino dividido em duas partes, como já fica dito, governando seu filho Chiláo a metade dele, e ele a outra metade, é o reino tão grande em si que tudo sofre, e ambos representam uma cousa, porque o filho governa sua parte como príncipe, dando em tudo obediência ao pai.

Os seus cavalos são mui domésticos, em tanto que podemos dizer que são mais domados por nso e razão que pelo freio ; porque se um negro destes diz ao seu cavalo que se deite, deita-se, — que se levante, levanta-se, — e que faça mesuras, fá-las ; deita-se o negro dele abaixo como um pássaro, sem ter a mão nele, e botando-se a correr, vai o mesmo cavalo após ele como um cão ; e desta maneira jámais nas guerras os perdem seus donos, salvo se os matam, porque estão quedos sobre os senhores mortos. É desta maneira os tomam os inimigos.

As armas que usam na guerra e na paz são as nomeadas, e além delas suas azagaias pequenas de umas farpas, e uma grande ; nas brigas pelejando a cavalo, despedem-as tirando com elas aos inimigos, ficando sempre a maior com que escaramuçam, e não a largam da mão. Não usam arremessões nem lanças compridas, como usamos, por causa da terra ser coberta de árvores, e eles fazerem suas guerras entre elas. Usam de outras armas de pouco custo, proveitosas para eles. Têm uns panos de algodão compridos, os quais torcem de maneira que fiquem bem torcidos, e estes panos cingem, começando das virilhas até aos peitos, muito juntos, e desta maneira armados lhes não passam as frechas nem azagaias. Trazem seus cavalos selados e enfreados, como trazemos os nossos ; as suas selas muito bem guarnecidas com boas cobertas, que eles mesmos fazem. Têm somente os arções trazeiros e dianteiros derribados para trás, porque, por amor do arvoredó, nas brigas e escaramuças vão sempre baqueando por detrás. São muito bons homens de cavalo. Há negro que correndo mata o rasto do cavalo com sua adaga ; outros que vão largando laranjas e as tornam depois a recolher ; outros que correndo uma carreira direita, saltam por cima do pescoço do cavalo duas e três vezes, tocando os estri-

bos um no outro. Há entre eles desafio muitas vezes e apostas de escaramuçarem um contra outro com aquelas suas azagaias grandes, a que chamam *talas*, sobre quem cortará o látego da silha ao outro sem lhe ferir ou matar o cavalo, e ferindo ou matando, paga a valia dele e perde o preço posto.

Usam adargas, as quais são de couros de búfalos, e de touros, e de elefantes, muito bem feitas e fortes, porque curtem muito bem os couros e os fazem brandos. Não são da feição das nossas; são redondas, e de bom tamanho. As embraçaduras ao modo de broquel; não as trazem metidas no braço, como nós, senão apegadas na mão pelas embraçaduras.

A sua gente de pé usa as mesmas armas como os de cavalo. Trazem nas guerras, nos esquadrões e campos que formam, os adargueiros nas dianteiras e pelas alas, e os frecheiros metidos entre eles: de maneira que ficam os adargueiros guardando-os. Usam também de frecheiros a cavalo, e são mui destros no frechar, e as despedem muitas vezes de duas em duas: e esta é a pior arma e a mais má que há em Guiné; porque são mui peçonhentas por serem hervadas, e escapam muito poucos dos que são feridos com elas: salvo se os curar o mesmo inimigo que o feriu; porque assim como fazem a peçonha para as suas armas, buscam o contrário a ela para se curarem, e os que não são curados dos mesmos correm grande risco; e muitos morrem logo, e alguns escapam porque os curam chupando-lhe as feridas com a boca, e destes poucos. E as pessoas que servem de curar aos feridos com a boca não hão-de ter cópula com mulheres em mentes curarem o ferido, porque dizem que tendo cópula, logo arruinam as feridas pendo a boca nelas. Outros se curam da mesma maneira tendo aos feridos metidos em fontes de água, ou em charcos e vaza, por amor do grande fogo que causa a peçonha.

Na era de 66 me achei no reino de Borçaló de que trataremos: e foi o rei deste reino dar um assalto na terra de outro rei seu vizinho Jalofó, para me fazer pagamento do que me devia, e fez boa presa; mas frecharam-lhe muitos cavalos; e eu os mandei curar com toucinho, e não morreu nenhum, e foram sãos em muitos poucos dias, de que foi o rei admirado e os seus. Verdade é que também açoutavam as mesmas feridas com um cabo de seda de unicórnio molhado na água.

Estes Jalofos do sertão são grandes criadores de gado vacum e cabrum, e são dados a isso por confinarem com os Fulos, os quais cingem aos Jalofos e as mais nações dos negros por cima; e o Gran-Fulo, que é o rei dos Fulos, tem muita gente de cavalo, e nas suas terras há muitos cavalos, e destes se provêm todos os Jalofos, Barbacins, e Mandingas, assim os do sertão com os beira-mares; e pelos muitos cavalos que tem este

Gran-Fulo e andam sempre na sua côrte, não está o Rei em um lugar mais de 3 dias; e assim anda continuamente no seu Reino, de lugar em lugar, por amor da palha, como pela água de que carece muito a sua terra e a dos Jalofos; e a dos Fulos mais, porque não há nela fontes nativas nem rios caudais, senão poços de que se tira com muito trabalho, por serem muito altos.

É verdade que têm eles o Rio de Sanagá, que é caudal, mas não podem estar todos ao longo dele; o qual passam às vezes pelo estreito dele, em umas embarcações que fazem estes Fulos, ao modo de jangadas, que entre eles é chamada *Taro*, nas quais passam vinte cavalos, tantos e mais na mesma embarcação. E dão da outra banda do Rio (da banda do Norte) nos mouros Alarves criadores, e fazem neles presas no gado e em camelos. E chamam em toda a costa dos Jalofos a estes mouros Alarves, *Benares*, e são estes em quem os Fulos fazem as presas — gente desprezível e fraca.

E estes Fulos são deles homens robustos bem dispostos, a cor amarelada, os cabelos corredios, e ainda que algum tanto crespos trazem as barbas crescidas. Usam na paz e na guerra as mesmas armas das que usam os Jalofos, e os mesmos vestidos. São mui guerreiros; fazem a guerra algumas vezes aos Jalofos, e saem alguns irmãos do Gran-Fulo com muita gente das suas terras a favorecer a alguns reis seus amigos. Usam grandemente de gente frecheira de cavalo. Prezam-se de suas pessoas; falam com voz de papo como quem gagueja.

Tem o sal muita valia na terra destes, mais que outra mercadoria nenhuma; e o que lhes vai é por via dos Mandingas do Rio de Gambia, onde o fazem, e dos Jalofos do Sanagá. E o não pode comprar senão o Rei, ou Senhores das terras somente, nem o comem todos senão os grandes e suas mulheres e filhos, e se dá a troco dele ouro, escravos, panos finos, e o mais que querem.

Entram estes Fulos por toda aquela terra da costa dos Jalofos, Barbacins e Mandingas, com suas criações e gados; e no inverno se achegam à beira-mar, e no verão se tornam a meter pelo sertão devagar, trazendo o gado ao longo de alguns charcos de água e alagoas que faz o inverno; e muitos destes criadores andam ao longo destes dois formosos rios, o de Sanagá e o de Cantor, (que é o de Gambia), pascentando o gado ao longo deles; os quais rios ambos procedem de uma madre, e se divide depois cada um por sua parte, e se vêm meter ambos no mar Oceano, 70 léguas afastados um do outro, ficando o rosto do Cabo Verde terra firme, o qual está em 14 graus e  $\frac{2}{3}$ , para a banda do Norte, no meio de ambos por igual medida. E fica toda a terra dos Jalofos, dos Barbacins

e muita parte da dos Fulos e dos Mandingas (os que habitam o rio da banda do Norte) insulada. Os quais rios nascendo ambos de uma madre são bem diferentes um do outro ; porque no Gambia são as invernadas mui grandes, e de grandes trovões, e caem pedras de corisco, e é muito formoso, coberto de muitas árvores ; e no Sanagá, pelo contrário, não chove nele senão muito pouca água, e há muito poucas árvores. É verdade que também tem no inverno suas venidas e crescentes, pela muita água que lhe chove no seu nascimento ; das quais crescentes deu Nosso Senhor industria e saber a estes Fulos brutos, para usarem nas suas searas e lavouras, como usam os do Egipto com as crescentes do Rio Nilo ; porque este também cresce, e depois de recolhido na sua madre, nos campos onde chegou a crescente, fazem as suas searas, as quais com os vapores e umidades vem a fortificar e dar mantimento ; e nisto não há dúvida.

Estes Fulos deste sertão, vendo a uns dos nossos, pasmam pelos verem brancos, sem embargo deles não serem negros.

## CAPÍTULO II

### DOS MAIS COSTUMES DESTES JALOFOS.

Tornando aos Jalofos do reino do Budumel, porque assim se chama tomando o nome do rei : — É o maior rei dos Jalofos daquela costa, mais poderoso de gente, e maior senhor de terras, e sem embargo de ser poderoso foi algumas vezes vencido dos outros reis seus vizinhos em algumas batalhas.

Esta terra é sádia mais que todo Guiné. Correm nela muito bons ares. Há muito bons mantimentos, muitas galinhas, vacas, cabras, lebres, coelhos, gazelas, uns animais grandes como veados (e o são, mas não têm armadura da feição de veado com os esgalhos), e elefantes, leões, onças, e outros muitos animais ; galinhas pintadas e outras aves como perdizes a que chamam *chocas*. Nos rios andam garças reais, pelicanos, patos, marrecas e outras aves marinhas ; mantimentos — arroz, milho maçaroca, outro milho a que chamam branco, e gergelim ; há muita manteiga e leite e mel que se tira pelas tocas das árvores. Em toda esta costa, terra dos Jalofos até os Mandingas, há muito boa roupa de algodão, panos

pretos e brancos, e de outras muitas maneiras de preço, — e os tintos são tão finos que cegam aos que os vêem, os quais se tiram para os outros rios aonde os não há.

A tinta com que se tingem esta roupa, é a mesma com que se faz o verdadeiro anil na nossa Índia Oriental, mas estes negros o fazem por diferente maneira, e não em taboletas. Recolhem as folhas destas arvozinhas, que são pequenas, de altura até 4 palmos, e hão-de recolher estas folhas antes destas arvozinhas darem as sementes, que se dão em umas baguinhas pequenas; e recolhidas as folhas as pisam muito bem, e depois de pisadas fazem uns pelouros tamanhos como de um falcão pedreiro; e hão-de entender que não recolhem muita quantidade destas folhas e fazem montes delas para depois daí a alguns dias fazerem estes pelouros; — não se faz assim. Recolhe-se somente aquela quantidade que se há-de fazer naquele dia, porque tanto que secam as folhas não prestam mais para isto: e daqueles pelouros feitos fazem a tinta com que tingem os seus panos, os quais, como fica dito, são mui formosos e tão tintos, que ficam parecendo setins.

Nos mais reinos dos Jalofos, Mandingas e Barbacins, não podem herdar os reinos os filhos, senão os sobrinhos filhos de suas irmãs, pela sentença dada pelo Gran-Jalofu, como atrás se tratou; o que succede no reino herda a casa do tio e as mulheres.

Estes Jalofos e Mandingas não comem carne de porco, e alguns não bebem do nosso vinho, principalmente os Cacizes, que são os Bixirins, dos quais há em muita abundância nestas partes, e metem em cabeça aos outros muitas cousas, e dizem muitas mentiras. Há alguns Bixirins destes, que contam os meses como nós contamos, nos quais tem o povo grande devoção e dão muito crédito ao que eles dizem; e fazem muitas nómias que dão aos do povo, nas quais têm muita confiança e esperança. Há outros negros entre eles que servem de adivinhadores, a que chamam *Jabacouces*. Estes, quando adocece algum, o vão a visitar como médico, mas não tomam o pulso aos enfermos nem lhes aplicam mezinhas nenhuma; somente dizem que as feiticeiras e feiticeiros fizeram mal àquele enfermo, não lhes parecendo que as pessoas morrem quando a hora é chegada e Deus servido, senão que os feiticeiros as comem; e fazem sobre isto muita diligência. Há também negros ervorários que fazem com ervas mui altíssimas curas, curando a leprosos e outras enfermidades graves.

Tem este reino do Budumel muitos portos do mar, afora os do Rio de Sanagá, e começando dele, correndo pela costa até o Sereno, dos principais é a Angra de Biziguiche, que é uma baía muito formosa, morada

continua dos Ingleses, e Franceses, onde podem estar muitas naus sem perigo do tempo por ser abrigada dos ventos; e a mesma Angra tem um ilhéu que a abriga dos ventos, e entre ella e a terra firme fica canal mui grande onde podem invernar as naus: e entre este ilhéu e a terra fugiram já algumas vezes os Franceses às nossas galeotas.

Neste ilhéu se podia fazer um porto muito bom e com pouco custo, porque da banda da terra fica o mesmo ilhéu amurado com a rocha que a mesma natureza fez, e pelo lado do mar com pouco custo fica fortificado, e sendo fortificado defendia as naus dos inimigos terem pôrto, e com bargantins (que são embarcações de pouco custo) defendiam aos lançados darem carga e despacho como hoje dão aos inimigos. Serve este ilhéu aos Ingleses e Franceses de ribeira, onde consertam as suas naus e embarcações; e é garganta por onde passam os mais dos navios dos inimigos, assim os que passam à Serra Leoa como à Costa da Malagueta, ao Brasil, e às Índias de Castela; — todos tomam esta Angra, e nela espalmam os seus navios e os consertam, e habitam nela, e a têm por sua, como se fôra uma das obras de Inglaterra ou de França; em tanto que os negros destes portos do mar desta costa falam muito bem Francês, e foram muitos a França muitas vezes, e agora, depois de terem amizade com os Ingleses, foram já a Inglaterra aprender a língua Inglesa e ver a terra, por mandado do Alcaide do pôrto de Alc que serve de veador da fazenda de el-Rei.

Está esta angra quase na ponta do Cabo Verde, entre elle e o Cabo dos Mastros, mais chegado ao Cabo Verde. Antigamente o maior trato que tinham os moradores da Ilha de Santiago era para esta terra do Budumel, no tempo que nela reinava um rei chamado *Nogor*, muito amigo dos nossos, no tempo do qual houve tamanha fome naquela costa causada dos gafanhotos, que se vendiam os escravos por meio alqueire de milho ou feijão, o tiravam as mães os filhos de si, e os vendiam a troco de mantimentos, dizendo que mais valia viverem, ainda que cativos, que não morrerem à pura fome. E da Ilha do Cabo Verde iam todos os anos carregados de cavalos e de outras mercadorias a este resgate. Succedeu neste reino o Rei chamado Budumel Bixirim, o qual não bebia vinho nem comia carne de porco. Este residia contínuo na sua côrte de Lambaia, longe do mar, e fazia maus pagamentos aos nossos, e recolhia nos seus portos os Franceses, e folgava com elles; e por essa causa deixavam os moradores da ilha este resgate, o qual está occupado hoje mais de Ingleses que de Franceses, por serem mais poderosos e botarem do resgate os Franceses; aos quais, uns e outros, dão despacho muitos Portugueses nossos, e alguns estrangeiros, que estão de assente no pôrto de Joala, terra dos

Barbacins, do Reino do Ale-Embiçane. E estes Portugueses são os que dão despacho aos Ingleses e Franceses, adquirindo-lhes os despachos de rio em rio, e muitas léguas pelo sertão. E todos os anos tiram os Ingleses e Franceses muita soma de couros vacuns e de búfalos e gazelões, e outros animais chamados no Rio de Gambia, *Dacoi*; o qual dizem que é a verdadeira anta; e assim muito marfim, cera, goma, ambar, algalcai e ouro, e outras cousas; tratando com ferro e outras mercadorias que trazem de Inglaterra e França; e andam estes nossos Portugueses lançados muito mimosos destes inimigos. E o dia de eles receberem as pagas e entregarem as suas mercadorias, lhes dão os Ingleses em terra banquetes, com muita música de violas de arco e outros instrumentos musicos; e por esta causa estão estes regates de toda esta costa do Cabo Verde até ao Rio de Gambia perdidos. E não tratam neles senão estes lançados com os inimigos, os quais tem companhias no Rio de S. Domingos e no Rio Grande com os que neles habitam, para onde mandam o ferro e o mais que hão, e deles lhes vêm os despachos para despacharem os inimigos; e se não foram estes Portugueses lançados, não tiveram estas duas nações tanto trato em Guiné nem comércio como têm hoje, porque o gentio não tem habilidade para lhes dar tão largos despachos; pois havendo-os da mão deles não eram importantes por não navegarem nem trazerem as mercadorias do sertão senão de muito perto, por onde não podiam dar senão muito pouco despacho. Hoje atravessam estes Portugueses lançados todos os rios e terras dos negros, adquirindo tudo o que acham nelas para estas naus de seus amigos, em tanto que há homem nosso que se meteu pelo sertão até o Reino do Gran-Fulo, que são muitas léguas, e dele manda muito marfim ao rio de Sanagá, onde o mandam tomar as naus que estão na Angra pelos seus patachos. Este lançado Português se foi ao Reino do Gran-Fulo por ordem do Duque de Casão, que é um negro poderoso que habita neste pôrto pelo rio de Gambia acima 60 léguas do mar. Este o mandou por sua ordem com gente sua, e na côrte do Gran-Fulo se casou com uma filha sua, da qual teve uma filha, e, querendo tornar-se para os portos do mar lhe deu o sogro licença que a trouxesse consigo, e chama-se João Ferreira, natural do Crato, da nação, — e chamado pelos negros o *Ganagoga*, que quer dizer na língua dos *Beafares*, homem que fala todas as línguas, como de feito fala a dos Negros, e pode este homem atravessar todo o sertão do nosso Guiné de quaisquer negros que seja. E com estas ajudas dos lançados vão acrescentando neste trato de Guiné os inimigos, e se vai de todo acabando o que com eles tínhamos.

O Rei que succedeu ao Budumel por sua morte é seu filho chamado Amad-Malique, o qual reside em Encalhor, coração daquelle Reino. É tão

mau como seu pai, porque é Bixirim; não bebe vinho nem come carne de porco, e faz salas como os mouros, e por isso se meteu tanto pelo sertão, para estar lá mais perto daqueles Bixirins e Mouros. O filho Chiláo que ficou governando os portos do mar, pelas vistas que tem dos nossos, é mais amigo deles do que é seu pai e foi seu avô.

As mercadorias que levam os nossos a estas partes são cavalos, vinhos, bretanhas, contaria da Índia chamada da fêmea (que é do tamanho e feição dos bagos de romã) limpa e boa, e o cano de pata, que é a mesma contaria comprida, outra da mesma contaria redonda, do tamanho de uma avelã e maior. Toda esta contaria é estimada entre eles e é o tesouro e jóias que eles têm. Valem também reis de dois, os quais chamam tostões, e os desfazem para fazerem anéis e cadeias de prata. Estimam também o ouro; compram algumas peças feitas, vinta-quatro vermelho, grão, margarideta, continha de Veneza, papel, coral miúdo, e búzio miúdo, o qual corre como dinheiro para gastos. Nesta costa se acha muito ambar, e o rei do sertão dela tem muita quantidade dele, porque de todo o que acham os negros lhe dão sua parte, e tem tanta quantidade, que tem dentro nos seus paços um modo de casa de barro, como forno de cozer pão, e o tem cheio dele e em muita estima, dizendo que é cousa que vale muito entre nós.

Estes jalofos habitam juntos em aldeias, em casas palhaças redondas, cobertas por cima de palha e pelas ilhargas. E em cada aldeia há um maior a que dão obediência posto pelo rei, chamado por eles *Jagodim*, que quer dizer naquela língua, *Capitão*. Comem a carne mal assada de maneira que esteja correndo o sangue, e a cozida a cozem bem, e assim o pescado, que há muito bom por toda aquela costa. E os que não têm comércio connosco comem sujamente, porque muitas vezes cozem as aves chamuscadas, com as tripas e pés sem as depenarem, e os miúdos das rezes com a bosta; entanto, que estando um Rei comendo com um capitão nosso seu amigo, mandou o Rei vir por festa uma coalheira cozida, a qual trazia dentro o recheio; e, tendo o capitão asco, deitava fora a bosta: disse-lhe o Rei, que era parvo no que fazia, que aquilo não era nada, que era herva. Folgam de comerem os comeres feitos ao nosso modo; e costumam os nossos, quando os vão visitar, levarem os comeres feitos ao nosso modo, os quais folgam os reis e fidalgos de comerem. E há muitos deles que, quando os vamos visitar, mandam dar alguns capões ou carne aos nossos moços para que o façam e cosam ao nosso modo, dizendo que as suas escravas não sabem fazer de comer ao nosso modo. Alguns reis há que têm escravas boas cozinheiras, que cozinham e fazem muito bem de comer; mas pela maior parte comem os negros sujamente,

e folgam de comer o pescado o mais dele depois de podre, e a carne com bichos; e assim a cozem e comem com os mesmos bichos.

### CAPÍTULO III

QUE TRATA DO REINO DO ALE-EM-BIÇANE, BARBACIM, QUE CONFINA COM ESTES JALOFOS, E DOS SEUS COSTUMES NOS QUAIS SÃO CONFORMES.

Fica no beira-mar destes Jalofos uma casta de negros a que chamam Barbacins, e são gentios, e não tem seita nenhuma de mouro. São grandes guerreiros, boa gente de cavallo e de pé. O reino destes fica cingido por cima dos Jalofos, mas são tão belicosos que pelejam muitas vezes com os Jalofos, e hão deles vitória.

Este reino dos Barbacins está repartido em dois reinos; um chamado o reino de Ale, de que vamos tratando, o qual fica partindo da banda do mar e da banda do Norte com o do Budumel, correndo beira-mar a costa até o porto de Joala, que é onde residem hoje os lançados em uma aldeia que ali está povoada de negros, na qual residem também os nossos debaixo da protecção e guarda do Alcaide que o Rei ali tem posto; terra sádia, e segura, aonde acodem muitos mantimentos da própria terra; ao longo da qual aldeia entra um braço de rio pequeno que a vai cingindo por detrás, onde recolhem algumas vezes os lançados as suas embarcações de lanchas que têm para os seus tratos, por temor das nossas galeotas quando lá andam, ou de alguns vizinhos da ilha. E no mesmo rio podem entrar com águas vivas algumas embarcações de até sessenta moios de carga.

Dali para o Sul vai correndo ainda esta costa até dar na entrada de um rio que ali há chamado o dos Barbacins, que entra pela terra a dentro como 25 ou 30 léguas, fazendo por dentro de si algumas pernadas. Ao norte deste rio vai correndo o reino deste rei de que se trata, que é um reino pequeno, de poucas terras, mas tão belicoso em guerras que é tido entre os outros por um dos da fama. Causa isto, além dele ser muito bom capitão e animoso, o ter as suas terras muito cobertas de mato e bosque serrado, no qual se mete e dele ofende aos inimigos. O seu conselho de guerra jámais se descobre nem se sabe; porque quando a determina fa-

zer, toma primeiro conselho com os seus para isso deputados, e se mete com eles no bosque que está apegado aos seus paços, e ali fazem uma cova de altura de 3 palmos redonda, e todos os do conselho se põem à roda dela com as cabeças baixas olhando nela. Ali praticam todos sobre se farão guerra ou não, e depois de tudo bem examinado, e a determinação do que hão-de fazer tomada, tornam a cobrir a cova, e diz o Rei : «A terra não há-de descobrir isto, porque fica enterrado nela.» Hão os do conselho tamanho medo de descobrir o que ali passam que jámais se sabe ; e desta maneira nunca cometeu cousa que não saísse bem nela, sendo um rei de pouca posse, que quando muito não terá 40 léguas de terra.

Ao reino deste soião ir muitas armações dos moradores do Cabo Verde com cavalos, levando as mesmas mercadorias que atrás fica dito que se levavam à terra dos Jalofos, porque as mesmas se trazem a esta dos Barbacins, que tirando falar diferente língua dos Jalofos, (posto que se entendam uns aos outros, sabendo as línguas uns dos outros pela vizinhança das terras e conhecimento que uns têm com os outros) no mais não há diferença nos vestidos nem nas armas.

Nesta nação não há *bixirins* ; há outros adivinhadores a que eles chamam *Jabacouces*, os quais não escrevem. Habitam em casas palhaças da maneira dos Jalofos, e comem os comeres da mesma maneira. E todos os negros de Guiné comem de noite às escuras sem luz e ainda que seja de dia folgam de comer onde os não vejam comer.

Nesta terra há a mesma tinta de que se faz o verdadeiro anil, mas fazem-na em toda esta costa em pelouros, amassado o mesmo bagaço. Tingem como os Jalofos. Há algodão da própria terra, mas não há muita roupa como nos Jalofos e outros reinos vizinhos deste. Há muita caça de todos os animais, como atrás ficam nomeados e se disse. Há mantimentos de milho, arroz, feijões mais que arroz pela terra ser fraca e não ser apaulada ; usam vinho de milho que é como cerveja, e outro vinho que fazem de um fruto chamado *sãobirão*, o qual também embebeda ; e o vinho é em si branco, e o fruto é como ameixas, mas maiores na grandeza. E deste vinho fazem também arroze bom, ainda que não tão bom como o nosso. Tiram outro vinho das palmeiras que é branco ; doce quando logo se tira, tardando alguns dias se faz muito azedo.

Estes Gentios Barbacins não deixam de terem muitos ritos ; fazem reverência à Lua quando é nova ; têm umas árvores grandes que eles têm por templos, e as caíam com farinha de arroz e com sangue dos animais que matam e sacrificam a estas árvores ou alguns paus que eles fincam no chão levantados para cima para esse efeito.

Fica o reinado deste rei correndo pelo rio acima da banda do Norte, onde têm alguns portos e onde há poços de água e aldeias perto ; como é o Pôrto da *Palmeirinha*, o de *Gomar*, o de *Guindim* que é o derradeiro deste Rei, e fica perto da sua côrte que se chama *Jagão*, que é o mais forte do seu reino. Este Rei fazia muito bom pagamento aos nossos, que deixaram hoje este resgate por causa dos Ingleses, e habitarem na terra deste os lançados que adquirem os despachos aos inimigos.

#### CAPITULO IV

QUE TRATA DO REINO DE BORÇALO, QUE SÃO JALOFOS E BARBACINS ; E DO MAIS QUE NELE HÁ.

Entrando pela barra do rio chamado Barbacim, começa da banda do Sul dele ir correndo a terra do Rei de Borçalo, habitada de gente Barbacim, os quais ficam na entrada daquella barra como insulados, por causa de outro rio que entra ao Sul deste, entre ele e o rio de Gambia, chamado o de Lagos, que insulando a terra torna a vir-se meter na madre do Rio dos Barbacins. E fica esta gente como bravia e dão mal obediência ao rei. Logo além destes entra outro Rei da mesma nação, o qual dá obediência ao de Borçalo, e acode à sua côrte em certos tempos do ano ; nos quais fazem umas festas grandes entre eles chamadas *Tabasquios*, e tem obrigação de lhe acudir com gente e ajudá-lo nas guerras. Senhoreia este Rei de Borçalo da banda do Rio de Gambia como 40 léguas ou mais, pelo sertão dos mesmos Mandingas muitas léguas, e por cima fica cingindo o Reino do Ale, de que já tratámos, até partir com o Reino do Gran-Jalofó. É senhor de grande reino ; tem 3 nações de gente que lhe dão obediência, a saber Barbacins, Jalofos, e Mandingas, e os governa por muito boa ordem por dois Capitães-Generais chamados entre eles *Jagarafes*. Um destes governa na paz e guerra aos Barbacins, e o outro aos Jalofos e Mandingas ; e estes têm debaixo de seu senhorio muitos governadores, repartidos por todo o Reino, nos lugares, onde vivem em aldeias mui formosas, aos quais chamam *Jagodins*, que servem de capitães e governadores dos tais lugares, e estes dão conta aos seus maiores de todo o que passa e entra nas suas terras ; estes maiores o dão ao Rei, e por esta

ordem e maneira sabe o rei tudo o que passa no seu reino, e quanta gente tem de guerra. E não há mister mais para ajuntá-la que dar palavra a estes capitães-generais do que hão-de fazer, e eles a passam logo pela posta aos outros governadores, e não perdem ponto do dia que cada um há-de acudir com a sua gente e onde ; e desta maneira com muito pouco trabalho ajunta muita gente, assim de pé como de cavalo, porque há muitos cavalos nesta terra vindos por ordem dos Fulos e dos Mouros.

Usam estes os mesmos vestidos e as mesmas armas, assim na guerra como na paz ; e é a mais segura terra que há naquela costa para os nossos que nenhuma outra de Guiné. Prezam-se muito os Reis dela de dizerem, que têm este nome entre eles que é chamado pelos do povo *Pai dos brancos*, aos quais ninguém agrava nem anoja na sua terra ; entanto que estando para morrer um rei deste reino chamado *Lagatir-balhana*, grande amigo dos nossos, e grande capitão e guerreiro, sabendo que havia de morrer daquela enfermidade, vendo sinais disso, mandou chamar a um primo seu que lhe sucedia no Reino por sua morte, e vindo diante dele lhe disse estas palavras : « Bem sei que hei-de morrer desta enfermidade, e nisto não há dúvida ; cabe-te por direito o reino ; daqui digo que te o entrego em paz ; dou-te um aviso e além disso te rogo muito que trates muito bem aos meus brancos, como sempre os tratei e os reis deste reino ; e a mesma obrigação tens, pois hás-de ser rei, como nós tivemos, porque são filhos de Deus, e não fazem mal. Olha que se não fizeres como te digo que me será necessário tornar cá outra vez a tomar-te disso conta. » Morreu o rei daquela enfermidade ; sucedeu o outro a quem ele tinha entregue os nossos, e ainda hoje vive. Com receios de lhe parecer que há o rei morto de tornar, ou por a constelação dos Reis daquele reino tratarem bem aos nossos, este os trata melhor ainda do que os tratava o morto.

Entre estes desta Nação, como os mais de que tratamos, há juízos, os quais são determinados pelos reis com os velhos que são como desembargadores, ou pelos governadores dos lugares, assistindo sempre com eles os homens antigos e velhos. Põem as partes as suas acções, os outros as contrariam ; dão logo as provas, e se determinam entre eles. Quando o caso é duvidoso, e não há testemunhas, usam de dois juramentos horrendos, e o tomam autor e réu. A um chamam do ferro, e o outro o da água. Tenho os ambos por mui dificultosos. O do ferro toma-se por esta maneira. Trazem ali um ferreiro ou o vão tomar a sua casa, e este põe um pedaço de ferro ao fogo, e tange os foles até que se faça o ferro tão vermelho como uma braza. Diz a parte que há-de tomar o juramento : « Deus sabe a verdade ; se eu fiz tal cousa ou tal, que se me impõe, este ferro me queime, e a minha lingua que jámais fale. » Acabante de dizer estas

palavras, mete-lhe o ferreiro com uma tenaz o ferro na mão, lançando de si mil faíscas, e a parte que disse as palavras toma a tenaz com a mão, e com a língua lambe aquele ferro vermelho três vezes, e, ficando livre, ele e seus padrinhos escaramuçam, e hão a sentença por si. E não ousando de tomar este juramento ficam condenados. No da água põe-se uma panela grande cheia de água no fogo pela manhã, e tanto que começa a ferver, que está aquela água pulando e saltando para cima, botam-lhe dentro uma agulha ou uma pedrinha que vá ao fundo. A parte que há-de tomar o juramento lava as mãos com água fria, e diz outras palavras semelhantes às de cima, e mete a mão, e tira a agulha três vezes, e saindo livre sem se queimar tem o juízo por si, e queimando-se ficam condenados, e pagam ao vencedor; e muitos casos há por onde ficam escravos e toda a geração.

Os escravos que hão e vendem cativam em guerras, e outros sentenciados em juízos. Estranham mais que todos os casos os feiticeiros; a estes vendem e toda a geração sem ficar até a quarta; e a alguns mandam arrancar os olhos, e deitar outros a leões e onças.

Costumam os homens em todo Guiné darem o casamento; e as mulheres não trazerem nada. Quem quer casar dá ao pai da mulher, (ou a seu tio, não tendo pai), peças de escravos e vacas e outras cousas que se tem por dinheiro entre eles. Segundo a qualidade das pessoas assim dão os dotes; e quando querem que haja divórcio torna o pai a dar o que lhe deram, e fica sua filha livre para poder fazer de si o que quizer. Não tem limitação os negros de quantas mulheres hão-de ter; tem-as segundo sua possibilidade e dote que têm para dar aos pais.

Há em toda esta terra dos Jalofos, Barbacins, e Mandingas, uma nação de negros tida e havida entre eles por Judeus. Não sei donde procederam. É gente formosa, principalmente as mulheres. Os homens são abastados de narizes. Importanos no pedir, andam de reino em reino com suas mulheres, como cá os ciganos. Servem todos os officios mecânicos que se usam entre eles; a saber: tecelões, sapateiros, ferreiros. Servem de atambores para as suas guerras, cantando e animando os que pelejam, trazendo-lhes à memória os feitos dos seus antepassados; e com isto os fazem morrerem ou vencerem. Na guerra tangerem três maneiras de caixas; umas como as nossas; outras mais pequenas, as quais levam debaixo do braço, tangendo a cavalo; outras de uma só peça de sete palmos de comprido; e por estes instrumentos dão aviso do que querem, fazendo sinal de guerra ou fogo, e nos tambores entendem e sabem de que reis e capitães são.

Usam também estes Judeus de umas violas de cordas e outras ao

modo de harpa. Uma lei usam os desta terra, que é esta: Nenhum Judeu não pode entrar em casa de outro que o não seja; nem comem nem bebem por onde os outros bebem; e tendo cópula com outra que não seja da sua geração, os vendem ou matam a ambos. Estando eu um dia na côrte deste rei dentro nos seus paços, tinha ele um Judeu muito seu privado que fora da pousada lhe dizia o que queria, e zombava com ele. Este Judeu se pôs ao longo dos paços, e como pela lei não podia entrar dentro, de fora gritou dando muitos brados; e cansado de gritar, vendo que lhe não respondia, e, sòmente zombando, alguns deles lhe diziam que entrasse dentro, de enfado disse estas palavras: «Forte geração foi a minha! Não me fizera Deus antes rato, ou cão, e não Judeu! Entram os ratos e os cães em casa de el-Rei e eu não posso entrar!» Sobre isto disse muitas lástimas, e de cansado se foi.

Estes Judeus quando morrem não os enterram em terra como os outros senão em tocas de árvores; não as havendo dependuram-os em árvores, porque têm por errónea os outros negros, que, enterrando-os no chão, não choverá nem haverá novidade aquelle ano na terra. E têm os por uma geração maldita.

Os mais negros desta Costa enterram-se por esta maneira. Têm seus cemitérios ao longo das aldeias onde moram, e quando morrem não os enterram em terra como nós fazemos: fazem uma casa alta e ali dentro ordenam uma barra, e nela fazem uma cama em que deitam o morto coberto com seus panos brancos e pretos; e cerrada a porta botam sobre a casa com pás muita terra. E nas covas dos Reis se põem 5 ou 6 casas daquelas, postas umas sobre as outras, botando terra da primeira até à derradeira; e desta maneira fazem uns montes muito altos de terra. E quando morrem não fazem mais que abrir as portas e deitá-los naquelas camas. Oferecem a seus defuntos em potes, ao longo daquelas covas, vinho e leite e outros mantimentos; os quais comem as aves e os bichos. E mete-se em cabeça a estes pobres, que os mortos comem aquilo que lhes oferecem, e quando passam ao longo dos cemitérios saudam aos defuntos, pondo-se de joelhos, falando algumas palavras. O dó que eles trazem é raparem as cabeças, e não criarem cabelos em mentes dura o nojo. Os choros duram muitos dias; ajuntam muitos mantimentos; muita carne e vinho, — e os que hão-de vir ao choro trazem também de comer. Juntos, uma velha ou velho começa em voz alta a louvar os feitos do defunto, e nos fins dão todos juntos grandes urros com vozes mal formadas. Dura isto por espaço de alguns dias em mentes dura o mantimento. Todo aquelle ano está a cova do defunto por quem se fez o funeral coberta com um pano branco, e no cabo do ano torna a haver outra junta de

mantimentos. Tornam a renovar o choro, mas dura poucos dias, e no cabo deles fazem grandes festas de bailes ao som de seus tambores e tabales: chamam a isto tirar o dó.

As mulheres andam vestidas de uns panos pretos muito finos, e os cabelos trançados de maneira que ficam altos, como usam as nossas no toucar. Trazem ao pescoço ramais de contas da nossa Índia que é o seu ouro, e cano de pata brandil, que se têm naquelas partes por tesouro e riqueza. Trazem por cima da cabeça uns panos pretos que lhes ficam servindo de mantos. Andam com um passo e meneio muito quieto, principalmente as Rainhas. Têm por costume encontrando-se duas pessoas falar um ao outro; os homens descarapuçando-se, e depois desta cortezia feita, o mais velho beija primeiro a mão ao mais moço; depois lha beija o moço. As mulheres põem-se de joelhos, beijando a mão a mais velha à mais moça. Aos reis fala-se desta maneira: fazem três continências, a primeira inclinando a cabeça tendo-a descoberta, — e se é escravo do rei bota a roupeta fora e fica nu da cintura para cima, e não podem estar diante dele os escravos senão nus da maneira dita. E há muitos destes que são capitães e governadores de lugares muito grandes. Nesta segunda continência largam as armas, e na terceira se debruçam de todo no chão, botando terra por cima da cabeça, e se a não deitam por cima da cabeça botam a por uma ilharga ao longo dela; e assim fazem todos. Os que costumam andar na côrte, e aparecer todos os dias diante do rei, não se debruçam como os que vêm de fora; todavia põem-se de joelhos diante dele com eles ambos em terra, e tocam as mãos na terra e as põem na cabeça, que é sinal de obediência.

Estes reis comem diante de sua gente. Este deste reino de que vamos tratando, costumava mandar fazer de comer muito bem feito à nossa guiza por cosinheiras que para isto tem. Estando na sua sala o comer, que é costume trazerem-lhe suas mulheres, comia ali com os fidalgos, mettendo a mão uma vez ou duas por comprimento. Passando isso se recolhia dentro em outra câmara, e ali lhe estendiam uma esteira com uma alcantifa por cima e toalhas de mesa, e lhe traziam de comer; e antes de comer mandava entrar os nossos que ficavam na sala, e comia com eles assentados, mas por mão. E isto usaram sempre os Reis deste Reino de Borçalo, e assim o de Ale.

Todos estes reis têm alcaides, que são os que cobram dos nossos as dádivas, e compram as cousas que são necessárias aos reis. Têm capitães-generais, como já se disse, a que chamam *Jagarafes*, e aos capitães dos lugares *Jagodins*; aos veadores da fazenda chamam *Farbas*, e aos estribeiros-mores *Bigéos*, e aos moços da câmara *Buquinegues*. Quando

sai o rei algumas vezes fora vai mui acompanhado de muita gente de cavallo, e costumam ir sempre correndo até o lugar para onde vão.

Há alguns frutos silvestres, como *sãobirão*, de que fazem o vinho, e há maçãs. E há outra fruta que é do tamanho de uma camoesa grande, de cor parda, chamada *tambacumba*. Tem mui bom cheiro mas ruim saber, porque trava; e os caroços desta lhes servem de amendoas: porque os quebram e tiram o miolo de dentro que é bom. Há tambarinda e cana-fístula boa, mas têm os negros por errónea comerem dela; porque dizem que quem comer dela que lhe morrerá sua mãe. Usam das raízes das cana-fistuleiras para as enfermidades da barriga. Há farrobas e umas árvores grandes, as quais dão umas cabaças cheias por dentro de uma farinha muito alva, a qual tem em si pontazedo; e os caroços destas cabaças são pretos: o pau desta árvore é molê. Há outras árvores muito grandes e altas a que chamam *polões*; não dão fruta nenhuma; dão umas cabaças pequenas compridas cheias de algodão por dentro, o qual tem a cor de seda. É em si brando este algodão, e misturado com verdadeiro algodão, fiando-se, fazem uns panos como rajados que parecem de seda. Estas árvores são moles. Delas fazem os negros suas embarcações, a que chamam *almadias*, em que se embarcam mais de 100 pessoas de guerra, e atravessam de um rio ao outro pela costa, levando velas metidas. Nesta terra as não fazem tamanhas como no rio de Gambia e no Rio Grande e os Bijagós, porque os Jalofos nem Barbacins não fazem guerra por mar.

Estes negros se circuncidam de idade de 15 anos e mais, porque sem o serem não podem casar nem ter cópula com mulheres, e por este respeito se circuncidam. E quando estão circuncidados, antes de serem sãos, não os vê ninguém senão o cirurgião que serve de fazer aquele officio. Estão metidos em um bosque perto do lugar onde moram, e ali lhe levam moças donzelas de comer, as quais os não vêm, pondo o comer que levam em certo lugar, e eles o vem ali tomar. E se alguma pessoa por desastre vai dar onde eles estão, corre grande risco porque lhes dão muitas pancadas, de maneira que algumas vezes morrem delas. Depois de sãos se saem, e podem casar e ter mulheres e exercitar as armas. As mulheres usam de outra cousa, que também se dirá; que é além de consentirem que lhe cortem as carnes para lhe fazerem labores pelo corpo ou pelo rosto, também têm muitas por galanteria terem os beiços grandes, e para isso os picam com umas espinhas muito agudas, os debaixo principalmente. E fazem isto sendo donzelas, as quais também se emboscam no mato em mentes não estão de todo sãs, e trazem nos beiços umas estaquinhos de pau, que apartam os beiços, para os derribar para baixo. E as Barbacins usam isto mais que as Jalofas. E quando picam os beiços os

untam com manteiga crua, misturada com pós de carvão, para os fazerem pretos.

Estes Jalofos e Mandingas em parte parece que usam da seita de Mafamede, porque os seus Bixirins, que são os religiosos, fazem *salas* como os mouros. Não comem carne de porco; mas vindo uns e outros a terra de cristãos não duvidam a receber o baptismo, mas antes o pedem e ficam muito bons cristãos. E alguns se vêm por suas vontades das suas terras para as nossas a receberem o baptismo, e por falta de quem nas tais partes pregue a palavra de Deus não temos nelas muitos cristãos. Usam os negros desta nação a jurarem muitas vezes; quando juram, jurando «por vida de el-Rei», ou «assim veja a el-Rei»; e quando bocejam ou espirram nomeiam o nome do Rei que então governa. Há um juramento entre eles que se tem por muito grande, e não pode jurar por ele senão o Rei e fidalgos; e os plebeus não. E chama-se: *Socano camate*; e jurando algum plebeu este juramento por tal caso o cativam e vendem. Ordenam estes as suas guerras pondo os seus em ordem, como já fica dito no 1.º Cap.º. Nesta terra de Borçaló há muita roupa de algodão branca e preta, muito boa; a qual se compra a troco de contaria da Índia, e daqui a levam para os outros rios onde a não há.

## CAPÍTULO V

QUE TRATA DO REINO DE GAMBIA, CHAMADO POR OUTRO NOME O DE CANTOR, QUE É O REINO DOS MANDINGAS, MUI GRANDE EM SI.

Este Reino de Gambia começa à entrada do seu rio mui famoso, 5 léguas da barra do Rio dos Barbacins. É mui fácil a entrada dele, sem perigo, porque fica sendo a entrada como uma enseada, ficando a julavento dele o Cabo de Santa Maria (que é terra dos mesmos Mandingas), e a barlavento umas ilhas, delas alagadiças, delas não; as quais ficam entre o Rio dos Barbacins e este de Gambia, cobertas de arvoredos de mangues e outras árvores, algumas povoadas de gente e outras não.

Este Rio de Gambia é todo povoado de negros Mandingas de uma banda e outra, e em cada espaço de vinte léguas há um Rei deles sujeito a outros que se chamam *Farões*, que é título entre eles, de maior digni-

dade que rei ; e assim vai todo este rio povoado de muitos negros e muitos reis. O de Borçalo, de quem tratámos no 3.º Cap.º, senhoreia neste rio da banda do Norte muitas léguas, e tem reis seus vassallos que lhe dão obediência e pagam páreas. Verdade é que algumas vezes se levantam contra ele na successão de algum rei por morte de outro, metendo-se por força no reino ; mas como é poderoso logo os torna a sujeitar. Este rio, além de ser em si muito formoso e largo, há nele muitas ilhas formosas cobertas de muito arvoredo, delas de duas léguas de comprimento e demais, e de uma de largo ; nas quais há muita caça de muitas aves, a saber : garças reais e das outras, rolas, pombas, muitas gangas, framengos (que são uns pássaros do tamanho das gangas), muitas marrecas, patos grandes pretos (os quais têm uns esporões nas pontas das asas), muitos animais como gazelas, cervos e outros de muitas maneiras.

O Rio é em si doce ; no verão se acha água doce como 30 léguas do mar, e no inverno quando há venidas como 6 ou 7 léguas do mar. É rio de grande trato de escravos, roupa de algodão branca e preta, e o mesmo algodão ; muita cera, e posto que não façam colmeias são tantas as abelhas, e o mato tanto, que por essa causa há muito mel e cera ; e muito marfim, mais que em nenhum outro Rio de Guiné ; porque acontece muitas vezes, indo as embarcações por ele, verem bandos de elefantes em terra como de vacas, e encontram muitas vezes os navios com bandos deles que passam o rio de uma parte para outra, e assim se vêm em terra bandos de búfalos e gazelas, e outros animais, chamados pela língua dos negros, *Dacoi*, do tamanho dos búfalos ; o qual dizem que é a verdadeira Anta:

É mui abundosa toda esta terra de muitos mantimentos, de milho e arroz e outros legumes. As mais das povoações estão perto do rio por amor do trato que têm com os nossos ; e há aldeias mui bem assentadas ao longo dele, de muitas casas e muitos moradores. As casas são algumas de taipa, redondas, cobertas por cima de palha ; e outras não são de taipa, senão de palha, mas da mesma feição, redondas. São muito guerreiros estes negros, e nesta terra há mais armas que em nenhuma outra de Guiné, porque, como há nela ferro que fundem, fazem muitas armas de azagaias, dardos, facas, e muita frecha ; e a sua herva é a mais peçonhenta que todas as outras ; porque vimos no pôrto de Cação terem com os nossos uma briga, seria às 10 do dia, na qual houve mortos de uma parte e da outra ; e depois de recolhidos, à hora de vespera, querendo os nossos dar sepultura aos mortos, os que estavam feridos de frechas hervadas não puderam ser levados a elas, porque era tão fina a herva da peçonha que estavam já os corpos corruptos, de maneira que pegando por um braço

se despedia do corpo, e de uma perna da mesma maneira. Não houve remédio senão fazerem as sepulturas aí onde estavam mortos, e botá-los dentro delas. Tal é a herva destes negros. São pela maior parte atraíoados. Toda a banda do Sul deste rio são maus; prezam-se de matarem brancos, e tomarem navios; como já fizeram, a alguns. Nem se pode ir a ele senão em bons navios, que levem boa gente e boas armas, e ter boa vigilância neles, porque nunca fazem a sua senão à traição. Há algumas fortalezas de guerra chamadas por eles *Cão-sans*, ao longo do rio e esteiros, fortes de madeira muito forte fincada toda a pique e terra-plenada, com suas guaritas, baluartes, e praças de armas; nas quais pelejam e frecham. Fazem também um betume como breu, que cozem em panelas, e no tempo de dar o assalto os inimigos lhes deitam aquelas panelas com que os fazem retirar. Fazem os seus fortes, como está dito, ao longo do Rio e esteiros por causa da água e das suas embarcações que têm, com que dão nos outros lugares, e assim roubam os que passam por aquelas partes estando eles de guerra.

Há ao longo deste Rio, assim de uma banda como da outra, muitas aldeias de Fulos, os quais habitam por estas partes, deixando as suas terras por causa do pasto e água de que têm necessidade para suas criações; e por este respeito há muita vacaria. Ao longo deste Rio há mui formosas campinas, chamadas por eles *Lalas*, as quais andam sempre cobertas de muita caça assim de animais como de aves. Há muito pescado nele, e se matam algumas vezes solhos muito formosos. Há lagartos grandes que tomam muitas pessoas e vacas, e as levam a comer nas suas covas; mas tem tal qualidade, que no alto do rio não podem tomar nem fazer mal a cousa nenhuma, senão em lugar onde possam fincar o rabo em terra; porque não o fincando não têm forças para nada, e não correm risco as cousas senão ao longo da praia onde há pouca altura: e há tantos neste rio, e fazem tanto dano, que usam os negros nas povoações onde moram fazerem dentro dele um circuito ao modo de sebe que lhes fique em lugar de muralha, para beber o gado e lavarem e tomarem água; porque de outra maneira correm muito risco.

Os vestidos e armas e juramentos trazem e fazem como os Jalofos e Barbacins. Os escravos que hão e vendem cativam em guerras e em juízos e furtos, porque os vão furtar de uma parte a outra; e são grandes ladrões, e vendem muitos escravos; desta maneira defende-se que se não comprem escravos furtados a estes negros. Viu-se já em Guiné trazerem a vender alguns escravos destes aos nossos, e eles por respeito de os defenderem os não compraram; e os que os traziam e vinham vender, por não serem descobertos, os mataram em terra. Não sei se fora

bom comprá-los, porque resultava disso receberem o baptismo e serem cristãos. Não me meto mais largo nesta matéria, porque são casos que eu não sei determinar.

E tornando a este Rio há nele mais religiosos *bixirins* do que há em todo outro Guiné; porque há em todo ele muitas casas desta religião e muitos peregrinantes que andam de reino em reino. E há da banda do Norte três casas principais grandes, como entre nós conventos, de grande religião e devoção entre eles, nas quais residem estes religiosos e os que aprendem para esse efeito. A primeira é na boca deste rio, de grande veneração entre eles, porque vêm dela o Mar Oceano, e dizem que é uma cousa grande. A segunda casa ficará 70 léguas desta primeira, ao longo deste rio em uma passo que ali faz estreito, e faz três pernadas por algumas partes que se tornam a encontrar insulando ali a terra, e chama-se o passo onde está este convento, *Malor*. Fica a terceira casa apartada desta segunda 50 léguas, e da primeira 120, em uma aldeia uma légua metida pela terra, chamada *Suluco*. O maior destes religiosos, como entre nós uma dignidade de Guardião ou de Provincial, chamam eles *Alemame*, e trazem anel como Bispo. E todas estas 3 casas principais estão da banda do Norte do Rio. Escrevem em livros encadernados, que eles fazem como já fica dito, nos quais dizem muitas mentiras, e dá o demónio ouvidos aos outros para os ouvirem e crerem. Andam estes Cacizes magros e debilitados das suas abstinências e jejuns e manjares; não comendo cousa morta por mão de pessoa que não seja religiosa. Trazem os vestidos compridos e por cima deles capas e ferragoilos, de baetas ou bedens, e chapéus grandes, pretos e brancos, que lhes levam os nossos. Fazem suas *salas* para o oriente postos os rostos, e antes de as fazerem levam primeiro o trazeiro e depois o rosto. Rezam juntos com uma vozaria alta como muitos clérigos em coro; e no cabo acabam com *Ala Arabi*; e *Ala mimi*. Têm suas mulheres que trazem consigo, assim os que estão nas casas como os que estão fora delas. Das mercadorias que neste Rio valem o principal é o vinho, porque morrem por ele; cavalos, roupa branca da Índia, contaria da Índia, de Veneza, margarita grossa e delgada, fio vermelho, pano vermelho, vinta-quatreno, grão, búzio, papel, cravo, manilhas de cobre, bacias de barbear, caldeirões de cobre de um arratel até dois, cobre velho, e entre todas a mais estimada é a *cola*, fruto, que se dá na Serra Leoa e seus limites, e vale tanto neste rio que dão tudo a troco dela assim mantimentos como roupa, escravos, e ouro; e é tão estimada que a levam até o reino do Gran-Fulo, onde vale muito e assim nos mais rios do nosso Guiné.

Neste rio indo por ele acima 120 léguas da barra, da banda do

Norte, num porto que se chama *Jagrançura*, na aldeia chamada *Sutuco*, há trato de ouro que trazem ali mercadores Mandingas, que também são religiosos. Este ouro, que aqui trazem, vem o mais dele em pó, e dele em peças, e muito fino. Estes mercadores são mui entendidos, assim nos pesos como no mais. Trazem balanças mui subtis, marcetadas de prata, e cordões de retrós. Trazem uns escritórios pequenos de couro cru, sem fechos, e nas gavetas trazem os pesos, que são de latão da feição de dados; e o marco é como uma maça de espada. Trazem este ouro em canos de penas grossas de aves, e em ossos de gatos, escondido tudo em atilhos metidos pelos vestidos. Trazem-o desta maneira, porque passam por muitos reinos, e são roubados muitas vezes, sem embargo de trazerem as cáfilas capitães e gente de guarda; e há cáfila que trás mais de 1000 frecheiros.

A principal mercadoria para este resgate de ouro são as manilhas e todas as mais nomeadas atrás, tirando vinho, (que o não bebem por serem religiosos) e cavalos. Todas as mais servem.

Indo eu a este resgate no ano de 78, porque algumas pessoas punham em dúvida se estes mercadores vinham por ordem do Turco a resgatar esta manilha de cobre para fundir dela artilharia, informei-me bem dos mercadores, onde iam fazer este resgate deste ouro, e para o que queriam lá as manilhas; e soube de certo que as manilhas lhes não servem para mais que ornamento e arreio de suas pessoas, e as trazem nos braços e pernas; em tanta estima as têm e em mais do que cá temos o ouro; e não usam do ouro porque o não estimam, pelo haver muito naquelas terras. E sem falta nenhuma vem este ouro e o que vai a *Tumbocutum* das Serras de *Sofala*; porque falando com *Anhadelen* capitão daquela cáfila, perguntando-lhe miudamente onde iam e onde levavam as manilhas, me disse, que aos Cafres — nomeando-os por este próprio nome. Perguntando-lhe para que as queriam — disse que para trazerem nas pernas. Perguntando-lhe quanto lhe davam por cada manilha, respondeu que isso me não diria, porque não eram eles tão pecos mercadores que se não ganhassem muito nelas que as levassem tão longe; porque punham muitos dias no caminho e passavam por muitas terras com muito risco de suas pessoas.

Estes mercadores põem mais de seis meses nas suas viagens, mas como são negros e fleugmáticos não é de espantar não porem muito mais tempo. Fazem o seu caminho por uma estrada que fica cingindo a todos os negros do nosso Guiné por cima, e vão por ordem de um Imperador negro a quem todos os negros deste Guiné de que tratamos dão obediência, que se chama o *Mandimança*, não visto até hoje de nenhum dos

nossos. E tanto que nomeiam este nome logo se descobrem todos os negros que o ouvem nomear; tão obedecido é. E chamam os da Mina a este rei o Elefante Grande, tão conhecido é de todos os negros que obedecem ao seu nome mais de 300 léguas.

Deixei neste resgate entonces 5 arrobas e oito arrateis de ouro que havia vindo naquela cáfila, por não ter mercadorias com que o resgatar. Está hoje este resgate perdido, porque há 8 anos que a ele não foi navio nenhum, e estes mercadores devem de correr com os de *Tumbocutum*, vendo que lhes falta o resgate. Neste resgate vão ter alguns mouros, e levam ouro, e o resgam a troco de pano vermelho e de outras cousas. Os vestidos destes mercadores são da mesma maneira como os dos Mandingas, mas o vestido desta gente de guarda que vêm com eles é diferente, porque são as roupetas grandes e os calções grandes; que vem a ficar os fundilhos mais de palmo por debaixo dos joelhos; e daí para baixo vão estreitando ao modo de canhões e cobrem toda a perna. E trazem pelas roupetas muitas plumas de aves e pelas carapuças que trazem. Trazem espadas curtas como as dos outros negros, e duas facas uma na cinta e outra atada no bucho do braço esquerdo. Trazem frechas, as quais são curtas e os arcos pequenos. Dizem que as trazem desta maneira, para que não sirvam aos inimigos, por serem os seus arcos grandes, — as dos inimigos a eles sim. E posto que sejam os arcos pequenos, sacodem bem as frechas. Trazem também azagaias e adargas de verga e rota muito fortes.

## CAPÍTULO VI

### QUE TRATA DO MAIS QUE HÁ NESTE RIO DE GAMBIA.

Na entrada deste Rio, vai sendo assim de uma banda como da outra a terra chã, mas toda coberta de muito arvoredos de mangues, tão altos e grossos que, se não fora pau tão pesado, podiam fazer deles mastros para navios de bom porte, e outros paus de muito boa madeira forte, de cores, adamascados e vermelhos, que lá chamam de *Carvão*. Estes mangues chegam até onde chega a maré da água salgada e ali acabam. Ficam descobertos os campos chamados *Lalas*; e os mais formosos estão

da banda do Norte, onde se podiam fazer formosos canaviaes de açúcar, e se regariam com o mesmo rio com montante e jusante, posto que ali não fará a água falta, porque chove muito. E dali onde se descobrem estas campinas, que é um lugar chamado *Balangar*, começa de ir correndo por cima ao longo delas um monte que fica como muro destes campos, e vai correndo este monte mais de 100 léguas para cima, e quanto mais acima pelo rio vai sendo o monte mais alto, correndo ao longo dele espaço de menos de quarto de légua, e isto da banda do Norte. Do Sul há alguns montes redondos mas não correm muito como os da banda do Norte.

É este rio navegável mais de 170 léguas, e o impedem navegarem mais por ele uma rocha e passo, onde cái a água de alto, e dizem os negros que se fizerem em cima daquelle passo outra embarcação, que bem poderiam ir por ele acima muitas léguas. Até ao pé desta rocha onde cai a água, chega a maré de montante e jusante, e quando é praia-mar na barra, é baixa-mar de todo em cima; e quase que se não enxerga por terra o crescimento da maré, nem o minguento, somente se sabe pelo espaço de tempo que o navio está virado. A maré com as venidas e água do monte cresce tanto que não podem estar os navios no Resgate do Ouro, que é do meado de Junho até Dezembro.

Do ferro que há nesta terra fazem os negros uns ferros do comprimento de um palmo, de largura no começo de três dedos, e no cabo de dois. Este ferro resgatam os nossos, e o levam ao Rio Grande e de S. Domingos. Há nele prata ao parecer boa, e os negros fazem dela manilhas e aneis, mas os nossos ourives não fazem dela boa obra, porque dizem que quebra como cousa que tem em si alguma mistura de liga.

Não deixarei de dizer uma cousa que vi neste rio em um passo que se chama dos Fulos. Sendo ele largo e alto, veio com guerra tanta cópia de Fulos que cobriam todas aquelas *Lalas*, e sujeitaram os Mandingas por aquella parte. Vieram determinando de passar este exército da outra banda, e não havendo embarcações para isto, sendo ali o rio de uma légua, o entulharam de pedras de maneira que passou todo o exército. Afirmam muitos que era tanta cópia de gente que não foi necessário mais que trazer cada soldado uma pedra. Seja como for, eles entupiram o rio, e passou todo o exército e bagagem que era muito grande, porque traziam muita gente de cavallo, muitos camelos, burros, e soma de vacas, com que iam marchando, e entre elas iam os frecheiros frechando; e quando queriam fazer alto, falando-lhes pela língua, estavam quedas; quando queriam que marchassem, falando, marchavam. Traziam enxames de abelhas que largavam contra os inimigos, ventando e correndo o vento contra eles. Foi este exército espantoso; nunca visto outro tama-

nho campo entre aquelas nações ; destruindo e assolando tudo, passando pela terra dos Mandingas, Casangas, Banhuns, e Buramos, que eram mais de 150 léguas, atravessando tudo até chegar ao Rio Grande terra dos Beafares, onde foram os Fulos rotos e vencidos. Pode isto haver oitenta anos ou noventa.

Veio depois a venida da água do monte e rompeu o rio da banda do Sul bem ao longo da terra, e fez por ali canal por onde passam os navios, costeando bem com a terra, em tanto que tocam os navios com as vergas nas árvores, e fica o mais seco, mas coberto de água. Chama-se este passo o dos Fulos ; está por cima de *Lame* doze léguas, e passei por ele já duas vezes.

Outra cousa vi neste Rio nestas viagens, que foi indo por ele acima, depois de passar este passo, vinham dar connosco esquadrões de monos, tamanhos como lebréus, de uma cor ruiva, e em cada esquadrão destes vinha um mono a cavalo, em cima de outro como um homem ; e este, que assim vinha a cavalo, não era dos maiores nem dos menores. Diziam os negros da mesma terra, que o que vinha a cavalo era rei ou capitão daquela companhia. E falavam-lhe os negros pela língua da terra, e respondiam uma voz grossa mal formada, como quem pronunciava algumas palavras. E com todas as esquadras que demos vinha sempre um a cavalo, como fica dito.

Há nele muitos cavalos marinhos, os quais saem a pascer em terra, de todas as cores, como são os cavalos. Nas cores não há que dizer e nos rinchos a serem cavalos, e nas orelhas ; mas têm a feição do corpo como de boi, e o corpo maior que de um cavalo ; e as mãos curtas, e tão curtas, que os negros nos seus arrozos, (para que os não comam,) fazem uns tapumes de madeira muito baixa, e não podem passar por cima dela por causa das mãos. E têm as unhas fendidas, repartidas em duas partes como as dos bois ; e a cabeça curta, os dentes grandes, de palmo e mais, e menos tortos ; os quais dizem que prestam para a enfermidade das almorreimas. Dizem muitos que as unhas destes animais são mais proveitosas que os dentes para a mesma enfermidade, e que há-de ser a esquerda. Os negros matam muitos destes cavalos nos seus arrozos, e lhes comem a carne. E os matam por dois respetos ; porque lhes comem o arroz, e para os comerem. Porem dentro nos rios debaixo de água, e onde está alguma parida correm as embarcações pequenas riscos, como barcas e almadias ; porque as acometem e algumas vezes as arrombam. E tanto que os filhos podem andar, saem também a passear em terra com as mães.

Este Reino dos Mandingas é muito grande, porque corre por este

rio acima mais de 200 léguas ; e está povoado todo de gente de uma banda e da outra. Pela banda do Norte se mete muitas léguas pelo sertão até partir com os *Jalofos*, e quase que estão todos de mistura. E pela banda do Nordeste vai por cima dar na terra dos *Beafares*, como se dirá ; e pela banda de Leste vai partir com os *Casangas* e *Banhuns*. Ficam no topo deste Rio dois *Farins*, que são imperadores entre os negros : um da banda do Norte onde se resgata o ouro, e outro da banda do Sul. Damos a ambos dádivas ; maior dádiva ao da banda do Norte que ao da banda do Sul, porque estão os mercadores da banda do Norte. E os alcaides pesadores, que servem de pesar o ouro quando ali o vão resgatar, hão-de ser um da banda do Norte e outro do Sul ; e a ambos damos dádivas.

A cola de que já tratámos vale em todo Guiné ; mas neste Rio é mais estimada que em todos os outros. Usam estes negros dela como na nossa Índia do Betele ; porque com a cola, que é como uma castanha, caminha um negro todo o dia, comendo nela e bebendo da água, e tem a por medicinal para o figado e o urinar. Usamos dela para o mesmo efeito, mas os negros fazem muito mais conta dela do que nós fazemos, e tendo dor de cabeça a mastigam e untam as fontes com o seu bagaço. Tem-se de um ano para o outro e mais tempo, se as quizerem ter, enfolhadas com as folhas largas de umas árvores, que chamam *Cabopas*. Quer Deus que não haja desta fruta noutra Guiné senão no limite da Serra Leoa, que tivesse a valia que tem para remédio de muitos ; e foram semeadas nos outros rios mas jámais frutificaram.

Há neste rio, na entrada dele até 70 léguas, almadias muito grandes, que às vezes andam de guerra, e tais que já acometeram algumas lanchas de Franceses e as tomaram, usando de umas mantas de pau grossas, que guardam pelouros de mosquetes, nas proas ; e desta maneira investem com as embarcações e tomaram alguns navios aos nossos. Das 70 léguas para cima vão faltando as almadias, e quanto mais acima as não há ; por duas causas, por os negros não serem bons marinheiros, e por não terem varadouros onde as tenham, pela terra lá ser alta de uma banda e da outra. E se as houveram fizeram muito mal às embarcações que lá vão, porque são todos os negros da banda do Sul e Leste deste Rio malíssimos. Há nele três passos indo por ele acima ; o primeiro é o de *Malor*, o segundo dos *Fulos*, o terceiro de *Jangué-mangue*, que é lá perto do Resgate do Ouro.

Fazem muito sal neste rio que levam a vender por ele acima, e vale muito ; porque das 60 léguas deste rio para cima o não há, nem o fazem senão na entrada da barra deste rio ; e o levam em almadias pelo rio acima até a um pôrto que está uma légua do de *Cução*, numa aldeia

que ali está ; nela têm eles as casas onde têm este sal ; e daqui o levam pelo rio acima e pelo sertão até à terra do Gran-Fulo, onde vale muito como fica dito.

Começa o inverno nestas partes no fim de Abril, entrada de Maio por diante. Fazem os negros as searas dos arrozes naquelas *Lalas*, e fazem valados de terra por amor da venida do rio, mas nem por isso deixa o rio muitas vezes de os romper e alagar as searas. Depois deste arroz nado, o arrancam e transpõem em outras *lalas* mais enxutas, onde dá logo mantimento.

Há neste rio muita madeira de toda a sorte, e podem fazer nele muitas embarcações da maneira que quizerem. Há muitas frutas silvestres, muita cana-fístula, e tamarindas, das quais vendem a massa feita em grandes pelouros. Como 8. ou 10 léguas da barra, por cima do pôrto de um *Farim* chamado *Jaroale*, entra da banda do Sul deste rio um braço que se chama dos Herejes, que entra até a terra dos Banhuns. Nele se resgata muita cera, marfim e algodão.

Este rio, de que vimos tratando, era o melhor que havia em Guiné, de mais resgate que todos. Fazia-se nele com cinco ou seis cousas diferentes um escravo que não saía comprado por 5 cruzados de bom dinheiro. Hoje está perdido, devassado dos lançados, que andam adquirindo os despachos para os Ingleses e Franceses, entanto que se enfadam os negros deles e os matam muitas vezes nas embarcações em que andam.

Este rio é algum tanto enfermo, por causa de ser todo coberto de arvoredo muito alto, de maneira que lhe impede ser lavado dos ventos, e assim tem muitos mosquitos e melgas. O mais sadio lugar que há nele é o pôrto de *Cação*, 60 léguas por ele acima, porque fica descoberta a terra e o rio, e correm os ventos e bons ares, e por essa causa é sadio. E esta aldeia e pôrto é o principal resgate deste Rio.

## CAPÍTULO VII

QUE TRATA DOS ARRIATAS E FALUPOS, NEGROS QUE HABITAM DO CABO DE SANTA MARIA PARA O SUL.

Saindo do Rio de Gambia está o Cabo de Santa Maria, o qual está em 13 graus e meio. Na entrada deste Rio da banda do Sul dele há uma

terra não alta, manchada de alguns lençóis amarelos e manchas que faz a própria terra, arvorada de algumas árvores. No rosto dele, em fundo de 4 e 5 braças, estão os baixos chamados de Santa Maria, de arrecifes de pedra. Do Cabo Verde a este de Santa Maria se corre a costa Noroeste Sueste, e em toda ela não há outros baixos, senão a baixa de *Joala*, a qual não arrebenta senão com muito mar e passam alguns navios entre ela e a terra; e os baixos dos Barbacins que estão na boca daquela barra, da qual é fácil a entrada; e depois destes estão neste Cabo os de Santa Maria, que de maravilha não tem os navios que fazer com eles, porque lhes manda o Regimento que não passem das 7 braças para a terra, salvo indo demandar as barras para entrarem nelas. Correndo deste Cabo para o Sul ainda são os negros deles Mandingas e chamam por ahi *Combo-mança*. Resgata-se arroz e cera, mas já vão sendo os negros bravos. Passando estes para o Sul vão outros negros que confinam com estes Mandingas, chamados Arriatas que ficam defronte dos baixos de S. Pedro, e do Cabo de Santa Maria até à entrada da Barra de S. Domingos, que é perto de 30 léguas.

Estão estes Arriatas e Falupos por amansar, e são muito negros, e se entendem os Arriatas com os Falupos. Estes Arriatas não se circuncidam como os mais. Estão naquele beira-mar cingidos dos Mandingas por cima. Ocupam-se nas suas searas e pescarias, e têm por officio estas cousas. Não têm tanto de escravos por não terem comércio com os nossos, e sem embargo alguns se vendem, não por eles, senão pelos que confinam com eles, que os cativam nas guerras; porque os Mandingas do Rio de Gambia dão que fazer a estes, e os desinquietam, armando almadias de guerra mui formosas, e botando pelo Rio de Gambia fora, correndo a costa do Cabo de Santa Maria para baixo, e dão nos Arriatas e Falupos que vivem ao longo dessa costa. E quando começaram esta conquista e guerra, cativavam muita gente, porque os tomavam em magotes juntos, ao longo das praias ou riachos, e em companhias, comendo peixe oustras, e cativando uma quadrilha a outra não fugia nem se defendia; o uso disto os fez fazerem melhor conhecimento, porque pelejam e se defendem e matam e cativam aos inimigos.

Correndo esta costa até o cabo Roxo, pondo-se uma légua dele, o qual está em 12 graus, está a entrada do Rio de Casamança, à boca do qual está uma Ilha chamada dos *Mosquitos*. Entrando por esta barra de Casamança dentro, ao Norte do dito Rio, vão correndo negros a que chamam *Jabundos*, os quais falam a língua dos Banhuns, e se entendem com eles os Casangas, e da banda do Sul vai correndo a terra dos *Izigichos* que são Banhuns, no qual há trato de cera e escravos. Nesta barra de Casa-

mança há mais de vinte e cinco anos que não entram navios, por causa da guerra dos negros, que tendo em cima guerra com o Rei de Casamança determinaram de lhe defender a entrada de seu rio, e assim o fizeram e tomaram nela à entrada alguns navios nossos, por ser o Rio muito estreito e ajuntarem estes negros muitas almadias com que acometem aos navios, e por esse respeito se não servem nem entram por este rio senão por via de S. Domingos, como adiante se tratará.

À beira-mar desta costa correm os Arriatas, depois deles para baixo, ao longo da mesma costa, os Falupos; e por cima destes os Jabundos e Banhuns do sertão; e por cima dos Casangas vão como muro os Mandingas, os quais vão por cima destas nações e dos Buramos a encontrar por cima com os Beafares, como se dirá a seu tempo.

Tornando a estes Falupos, que habitam nesta terra de 12 graus, ao longo do mar, são negros pretos — chamo *pretos* muito negros. Andam nus com umas peles de cabras ou de folhas de palmas tecidas. Exercitam-se em tirar vinho das palmeiras, fazerem suas scaras, e pescarem. São grandes criadores; há muito gado vacum e cabrum nas suas terras. Não tem comércio nenhum connosco. Correm ao longo da Barra de S. Domingos, gente bravia, muito bons pilotos daquela barra, onde andam contínuos nas suas almadias. Entrando por ela alguns navios nossos, não indo pelo canal bem navegados, estão à mira; se acertam de darem em seco os vem acometer, e de noite, a cortar-lhe as amarras para que dêem à costa. Perdendo-se alguns navios, todos os nossos que cativavam matavam, sem os quererem vender nem resgatar. Estes negros entendem-se com os Buramos, em cuja terra habitam os nossos, e por meio destes vão já resgatando os que tomam; já os não matam; e vão comprar a estes que cativam à própria terra destes negros; e se correrem com eles vir-se-ão a amansar de todo, e haverá grande trato, porque nela há muitas vacas e acudirão escravos.

Como entre estes negros não há venderem negros, cresceram tanto que não cabendo na sua terra, passaram o Rio de S. Domingos, e occuparam na entrada dele a terra da banda do Sul do Rio, chamado *Putamo*, e quase que vão tendo comércio de pouco tempo com os nossos do Rio de S. Domingos pela entrada de um esteiro chamado *Timis* que ali faz o Rio, e vão tirando deles alguns escravos e vacas, que é o principal resgate para os Bijagós, e se ajuntam já os Buramos numa feira que se aí faz em certo dia. Estes negros andam nus; não trazem mais armas que facas e frechas, as quais não são hervadas, e em lugar de ferro trazem nelas metidas espinhas de um peixe chamado *Bagre*.

## CAPÍTULO VIII

### QUE TRATA DO REINO DO CASAMANÇA E DO QUE NELE HÁ.

Entrando pelo Rio acima de Casamança, que fica a barlavento do Cabo Roxo, vão correndo na entrada pela banda do Norte os Jabundos, e pelo lado do Sul os Banhuns de Izigichor, como já fica dito; os quais se entendem todos uns com os outros; o qual reino é grande, porque fica no sertão sendo como muro aos Banhuns e Falupos, que lhe ficam à beira-mar. Houve nele reis primorosos, principalmente um chamado *Masatamba*, o qual comia em mesa alta com suas toalhas postas, assentado em cadeira alta e comer cozido e feito ao nosso modo.

Andam os desta nação vestidos como os Jalofos e Mandingas, e ficam cingidos estes por cima dos Mandingas. Nesta terra corre alguma roupa de algodão. Usam cavalos, mas poucos, porque alguns que têm se levam da Ilha do Cabo Verde, ou da terra dos Jalofos ou Mandingas, os quais andam contínuos na côrte deste Rei, principalmente daqueles religiosos, dizendo muitas mentiras aos negros, e fazendo-lhes crer muitas cousas. Veio aqui ter um destes, das três casas que no Rio de Gambia há, chamado *Ale-mame*. Este falava muitas vezes com o rei, e quando o rei queria saber alguma cousa do que se fazia em outra parte, tomava este caciz um moço de outra nação com quem se ele não entendia, de muitas léguas dali. Escrevia na testa deste moço umas letras, e mandava-lhe pôr uma bacia de água de diante, e vendo nela, e não sabendo a língua do caciz de antes, depois de ter as letras na testa vendo na água, falavam ambos e se entendiam; e perguntando-lhe por muitas cousas que se faziam em outra parte, bem longe de ali, dava de tudo razão; e tanto que deixava de ver a bacia onde estava a água, não se entendiam um ao outro.

Mandou o Rei de Casamança chamar este Caciz, porque estava para dar uma batalha a um rei seu inimigo, que ficava da outra banda do Rio, de nação Banhum, chamado *Bambara*, para comunicar o dia que daria a batalha, e se venceria; e para isto fez o Caciz muitas cerimónias, como foi da água do moço, ao qual perguntava pelas cousas que fazia o inimigo e outras muitas, e disse ao Rei que haveria vitória. Tendo esta resposta este se fez prestes, ajuntando muita gente de guerra, e passou a outra banda do Rio em muitas almadias e alguns navios nossos. Tanto que tomaram terra, tendo toda a gente junta, começou a marchar para o inimigo, o qual estava fortificado de ali perto. Andava este Caciz muito

contente, com umas varinhas nas mãos, perante do exército, como quem o governava, e passando palavra por todos que tanto que ele fizesse um certo sinal dessem no inimigo que estava fortificado. Não esperaram os inimigos que fizesse ele o sinal, porquanto que tiveram os Casangas perto, tocaram muito depressa arma, e deram neles com tanto ímpeto, que os desbarataram. Foram rotos, e fugindo, no embarcar, morreram muitos afogados, porque eram tantos que foi necessário aos nossos, que ali estavam em favor do Rei, matarem a muitos cortando as mãos aos que se apegavam nas embarcações, porque embarcando-se muitos as não metessem no fundo ; e desta maneira se salvou o Rei piedosamente. E o inimigo os não seguiu nem foi no alcance com ímpeto, como de princípio o fizeram ; e sem embargo de haver aquela rota, logo de aí a poucos dias mandou o Rei fazer duas fortalezas de guerra neste mesmo rio, uma de uma banda e outra de outra, defronte uma da outra, e impediu a navegação aos inimigos com mandar ajuntar muitas correntes de ferro umas nas outras, que abastaram a tomar o rio duma banda à outra. E estas correntes estavam dadas de forte a forte, e com paus muito compridos, fíncados a pique ao longo da corrente, pregados com pregos muito grandes, pregados pelos fuzis das mesmas correntes nos paus rebitados, de maneira que ficavam muito fortes ; o qual ardil lhe deram os nossos ; e dessa maneira impediu a navegação aos inimigos por muito tempo até que fizeram pazes.

Este negro caciz dava a culpa deste desbarate, porque tinha prometido vitória, aos Casangas, dizendo que se desordenaram em darem batalha antes dele mandar. Foi-se para sua terra com muitas dádivas que lhe deu o Rei, e lhe deixou um familiar metido dentro em um vaso de barro com a boca muito bem tapada, o qual dava resposta a tudo o que lhe o Rei perguntava.

Os Juízos desta terra dos Casangas fazem-se como na Costa de que já tratámos, diante do Rei ou Senhor da terra com alguns velhos que servem como desembargadores, e logo verbalmente dão as suas sentenças. As partes alegam suas razões e dão testemunhas sem dilação nenhuma, e quando há dúvida e a prova não é bastante, dá-se o Juramento, mas diferente do modo que se dá na Costa. Chama-se este Juramento o da água vermelha, que eles temem muito ; a qual trazem, quando se dá, em uma panela, e a água é em si vermelha, com cortiças pisadas de algumas árvores desfeitas em água, ou que tenham sumo que baste para este mister. E esta água dão às partes, e aquele que primeiro vomita fica livre. Muitos morrem tomando esta água, e são aquelas pessoas que quer o Rei que morram se são ricas ; e têm este ardil. Dá aviso a quem dá o juramento que não escape de morrer tal pessoa ou tal. Traz este, que dá esta água,

no dedo polegar uma peçonha muito fina que despacha em poucas horas, e vai dando esta água primeiro àquelas pessoas que não querem que morram, por não terem que tomar e herdar delas por serem pobres: e indo, tanto que chega às pessoas que lhe têm dito o Rei que não escapem, as quais sempre ficam depois das outras tomarem, e, querendo dar-lhes a água, mete o dedo da peçonha dentro dela, e em metendo diz ao outro que a tome. E fica a água tão peçonhenta que morrem em poucas horas, e ficam homicídios e condenados em perdimento dos bens; e há casos por onde as gerações ficam cativas do Rei e se vendem. Parece que é esta água em si asquerosa; causa vômitos.

Nesta terra destes Casangas há uma lei posta pelos Reis para terem de quem haver rendas, e é que quando morre algum, antes de o enterrarem, depois de pôsto em uns paus que servem de tumba, cobertos com panos negros em ombros de negros, andam estes com o morto escaramuçando de uma parte para a outra ao som de muitos instrumentos de tambores, trombetas de marfim, e businas; e os que escaramuçam andam com tanta fúria e ímpeto que parece que andam os demónios metidos neles; e há outros negros, a que chamam *Jabacozes*, que falam com o morto e lhe fazem perguntas que diga quem o matou. E andando estes que o trazem às costas com aquela fúria duma parte para a outra, se dão em alguma pessoa e estão quedos, dizem que essa o matou; que é outro ardil inventado pelos Reis e os do seu Conselho como o da água, e se não dão em alguma pessoa, diz o que faz as perguntas ao morto, que morreu da sua enfermidade. E quando dão em algum este fica homicídio, e prendem-o por feiticeiro, e o vendem e a geração toda, sem ficar nenhum.

Há outra lei posta pelos reis, que a pessoa que cair da palmeira e morrer não por feiticeiro; dão logo os oficiais de el-Rei em sua casa e lhe tomam tudo, até as mulheres e filhos e parentes, e os vendem; e como há nesta terra muitas palmeiras e os negros são amigos de vinho, andam continuamente por cima delas tirando a *sura* que bebem, e não deixam de caírem delas e morrerem alguns.

Achando-me nesta terra, acertou de cair um de uma palmeira, de que morreu. Logo deram os oficiais de el-Rei em sua casa e apanharam-lhe as mulheres e os filhos e os parentes e os venderam todos juntos.

Quando come este Rei em público ou bebe, não o vêem os circunstantes, porque se cobre com uns panos brancos que ficam servindo como de cortinas corrediças; dentro das suas casas come com os nossos pela maneira já dita. Estando em público, lhe trazem suas mulheres cada uma de por si o comer em gamelas grandes, que levam dois e três alqueires de arroz e *cuscus*, cozido com grandes postas de carne dentro; e apre-

sentando ao Rei estas gamelas de comer, toma ele a salva se estão bem guizados, e reparte aquelas gamelas assim cheias pelos fidalgos que o acompanham, ajuntando dez e doze juntos, e estes se metem dentro em um bosque dentro do qual estão os paços, e em muito breve espaço as despejam. Distribuidos os mantimentos, recolhe-se o Rei a jantar ou a ceiar com os brancos, se os tem na sua côrte.

Cavalgam os Reis desta terra algumas vezes em cavalos, e as mais das vezes em bois sendo a jornada perto. É costume nesta terra que o rei que entrar no reinado, quando está vago, seja eleito pelo capitão dos escravos do rei passado, que ficam sendo da corôa. E o eleger não é por votos nem há mais cerimónias que aquelle a quem o capitão der obediência que seja rei, há-de ser pessoa que toque à casa real, irmão, filho de irmão, filho do Rei; e posto que hajam muitos herdeiros e haja mais velho a quem de direito pertença o reino, é rei aquelle que elege o capitão. Alguns entram por força de armas. Estes que assim entram se metem logo nos Paços Reais, e os que entram em paz são obedecidos por todos. Há lei entre eles que não-de estar um ano metidos dentro naquele bosque, e ali lhe dão o necessário os que governam. Passante o termo o recolhem para os paços, e é obedecido dali por diante e temido altissimamente.

A terra é segura para os nossos. A cousa que se nela perde na mesma hora o sabe o rei e o dá a seu dono se quer. Fazem estes negros e todos os mais a seus defuntos oferecimentos de mantimentos cozidos e vinhos, como fica dito. Neste reino não bebem vinho em ajuntamento e fora dele, que não ofereçam algum pouco aos mortos, derramando algum pelo chão, dizendo algumas palavras a modo de oração funeral. Os seus ídolos a que reverenciam são uns paus fincados no chão, debaixo de alguma árvore grande e sombria, com as cabeças tortas ao modo de caçados, juntos estes em feixe, amarrados, postos no chão, com as cabeças todas juntas para cima; são estes seus ídolos, a que eles chamam *Chinas*, e reverenciam, oferecendo-lhes vinhos da sua *sura* que é o da palma, e o de milho que é como cerveja mas não é de tanta dura. E embarram a estes paus com papas de farinha de arroz e de milho e com o sangue das vacas e cabras e de outros animais. Quando fazem as suas searas põem ao longo delas alguns paus destes fincados no chão para as guardar, parecendo a estes pobres que tem o pau poder para isso. Usam nas guerras azagaias, frechas, adargas, facas, espadas curtas como os Jalofos e os mesmos vestidos. Trazem outra arma que são uns paus feitos de até três palmos, grossos, e com um modo de quinas, com que atiram às pernas e dão na cabeça, de maneira que botam os miolos fora. São belicosos; pelejam com os Banhuns e por armas lhes senhoreou o rei a terra e é obe-

decido deles. Costumam nas guerras cortarem o membro viril aos que matam e muitas vezes aos vencidos, e levam aquelas peças por triunfo e as dependuram às portas de suas casas; as quais por serem de negros são boas, as mais delas redondas, feitas de taipa, e o barro tão bom que ficam parecendo feitas de gesso, cobertas por cima de folhas de ola.

O trato desta terra é vinhos, alguns cavalos, algodão, ferro, contaria da Índia, papel, cravo, fio vermelho, pano vermelho; alguns vestidos ao nosso modo, bons, para o Rei; algumas peças de prata e ouro.

Tiram-se desta terra escravos, cera e marfim. Estes criam as abelhas em colmeias, que as fazem de palha ao modo de canastras, embarradas com esterco de vacas fresco, e as põem em árvores dependuradas. E há árvores grandes que têm em si mais de duzentas colmeias juntas. Entra nesta terra algum algodão por via de *Jugo*, que confina com os Mandingas e é nos fins deste reino. Este algodão se traz a S. Domingos.

Sem embargo deste rei ser poderoso dá obediência a um *Farim*, que entre eles é como Imperador, e este a dá a outro que fica sobre ele, e desta maneira vão dando obediência uns aos outros até irem dar ao Farim do Mandimança, que é Imperador dos Negros, donde tomaram este nome os Mandingas, e Casa-mança, e os mais Reis do Rio Gambia, e os Sumbas (de quem adiante se tratará) chamados pelo seu próprio nome *Manes*, como se dirá mais largamente no capítulo em que deles se tratará.

Fazem nesta terra uma feira muito grande em *Brucama*, que é a côrte onde residem os reis, onde se vende tudo o que há nesta terra, assim escravos e mantimentos como outras cousas. Há nesta terra algumas ribeiras de água, e alagoas mui grandes que duram todo o ano, e vai sendo mais fértil a terra que a terra dos Jalofos, porque chove mais nesta. Há toda a maneira de animais e aves que há nas outras partes, bons pescados, muitas ostras e outros mariscos bons.

## CAPITULO IX

### QUE TRATA DO REINO DOS BURAMOS E SEUS TRATOS E COSTUMES.

Do Cabo Roxo para dentro, o qual está em 12 graus, correndo dele para o Sul, vão os Falupos, de que já tratámos, os quais correm até confinarem com os Buramos, que povoam assim a banda do Norte do Rio

chamado de S. Domingos como o lado do Sul. E este reino dos Buramos com que confinam é muito grande. A primeira povoação sua está como 8 léguas da entrada da barra ao longo deste rio dito, chamado por outro nome o de Farim, o qual corre ao longo dela e vaza pela mesma barra. As casas da dita povoação são de taipa como as de Casamança, delas sobradadas cobertas de olas, com grandes cercas de paus fucados a pique feito um muro de palha a que chamam *Tapadas*, e por dentro destas cercas vão as casas segundo a posse dos moradores.

Antigamente habitavam os nossos com estes negros na mesma aldeia debaixo da palavra e guarda de seus hóspedes, e eram mui avexados deles como de outros da mesma nação que desciam do sertão, e houve já muitas mortes e roubos importantes que cada dia recebiam; mas haverá como cinco anos que estão os nossos em aldeia separada dos negros, e tão fortes que, antes querendo eles, podem fazer muito mal e dano aos negros. E estão ao longo do rio entre a aldeia dos negros e ele, e ali fizeram uma força sem ajuda de S. Magestade, e a fortificaram com alguma artilharia que para isso buscaram, com a qual defendem a entrada aos Ingleses e Franceses para que não tomem os navios como dantes faziam. O autor de se fazer este forte e aldeia em que estivessem os nossos, foi um Manuel Lopes Cardoso, vizinho da Ilha de S. Tiago, o qual por indústriã houve licença do Rei da terra chamado *Chapala*, para fazer no dito sitio o forte, dizendo que era para defender aos inimigos que não tomassem os navios no seu pôrto; e depois de feito e posta artilharia nele, lhe disse que era necessário casas para estarem alguns dos nossos para defenderem e guardarem a artilharia, e desta maneira foi fazendo no mesmo lugar casas onde passaram os nossos que estavam na aldeia entre os negros, e hoje estão desafrontados deles. Os quais achando-se enganados, no ano de 90 ordenaram uma guerra secreta entre eles, e ajuntaram muita gente para darem nos nossos que estavam bem descuidados. Foi descoberto isto por duas negras ladinas da própria terra, que de noite secretamente vieram ter ao forte e habitação dos nossos, e disseram o que determinavam fazer os negros. Ao outro dia fizeram-se prestes; e não faltou de ser da maneira que elas o disseram, porque se deixavam vir sobre o forte como 10.000 negros, e por estarem os nossos prestes não tomaram a aldeia e o forte onde vivem. Durou a guerra três dias, nos quais foram mortos muitos negros, e da parte dos nossos não morreu pessoa nenhuma. Os quais, vendo quão mal lhes ia do partido, se recolheram, e daí a poucos dias tornaram a rogar aos nossos os recolhessem e aceitassem na amizade em que dantes estavam; e são amigos, vivendo os nossos na sua povoação e eles na sua, e assim tratam uns com os outros.

E esta povoação dos nossos está habitada de muita gente, e há quaresma em que se confessam 700 e 800 pessoas entre brancos e pretos e não falta mais que pôr S. Magestade justiça nela querendo-a fazer vila ; e dessa maneira se aumentará a fé, porque hoje não falta para isso mais que quem pregue a palavra de Deus nela, e faça justiça, porque a não há nestas partes entre estes lançados, e bem se pudera pôr justiça nesta aldeia, e no Pôrto da Cruz no Rio Grande, do qual adiante se tratará.

Os nossos que estão nesta aldeia têm tratos para os outros rios e para a Costa, onde vão e mandam tratar em lanchas e outras embarcações com os Ingleses e Franceses, levando-lhes couros, cera, e marfim ; e o pior é que levam às ditas partes escravos a vender aos Jalofos, a troco de ferro, que muitos deles podiam ser cristãos, e dessa maneira o não são ; e além de o não serem se vendem alguns aos Mouros ; o que se deve sentir.

Os negros desta terra, os cortesãos que andam da côrte dos reis com quem tratam os nossos, andam vestidos com utnas roupetas compridas e uns panos cingidos, e por debaixo desses panos trazem uma pele. Os mais do Sertão andam nus, e não trazem mais que a pele. As armas que trazem são espadas curtas, facas, azagaias, adargas, frechas, e dos paus a que chamam *manducos*. Acode nesta terra muito trato de mantimentos, de arroz, milho, gergelim, escravos, cera, e marfim. Das mercadorias que correm nesta terra, a principal é o ferro, algodão, panos do mesmo, *teados* do mesmo que é um pano estreito como pano de treu de vela, einhos ; isto para os negros ; e para os nossos, vestidos feitos, camisas, jubões, calçado, e toda a roupa de vestir, e cousas de comer.

Há nesta aldeia dos Buramos dois reis, um que se chama *Mompatis*, e outro chamado *Chapala* que fica sendo maior que o primeiro. Esta terra dos Buramos, chamados por outro nome *Papeis*, é mui grande porque corre por aquelle Rio de Farim acima muitas léguas, e saindo pela barra fora, como trataremos, corre outras muitas. Toda a terra de uma banda e outra é povoada destes negros, os quais têm muitos reis uns mais poderosos que outros. Os seus vestidos é andarem nus como fica dito, trazendo umas peles de cabras, ou feitos das folhas das palmeiras, que escaçamente lhes cobrem as vergonhas. Há alguns reis destes que têm vestidos ricos e bons que lhes levam os nossos, que nunca vestem salvo se vão visitar ao feitor ou capitão de algum navio, ou aos nossos à sua aldeia ; saindo dali se tornam a meter nas suas peles e se untam de azeite. O rei Chapala, que é o principal deste Rio, todas as vezes que se acha na aldeia dos nossos, estando clérigo nela, todas as vezes que se diz Missa a ouve com muita quietação, fazendo o sinal da Cruz, e benzendo-se, e

batendo nos peitos a seu tempo, e se naquele tempo acerta de falar alguma pessoa com outra, estranha isso muito e o repreende, dizendo que são meninos, pois falam em tal tempo.

Pasmava muito este rei quando via que o Feitor do Rio (a quem eles têm em muita conta,) e todos os mais, faziam muita conta de um clérigo preto, que por mandado de S. Magestade fora às ditas partes, porque em o vendo se alevantava logo o feitor da cadeira em que estava assentado e lha dava, e o mesmo faziam todos. Dizia o Rei e os mais fidalgos, que, sem embargo daquele homem ser preto como eles, lhes faziam os nossos tanta honra porque falava com Deus. E o Rei ia muito ao Forte quando se dizia Missa.

Está nesta aldeia uma povoação de Negros *Sapes*, que vieram fugidos no tempo das guerras dos Sumbas, e vivem sobre si apartados em sua aldeia, na qual tem Rei a quem dão obediência. O Rei que hoje reina nela é Cristão; chama-se *Ventura de Sequeira*; sabe ler e escrever por se criar na Ilha de Santiago. Os mais dos negros da sua Aldeia são Cristãos; os meninos que nela nascem a todos manda baptizar, e todas as noites se ensina a doutrina Cristã em sua aldeia em voz alta, onde também acodem alguns filhos de alguns negros ladinos da terra, posto que não sejam Cristãos. Por certo que ousarei afirmar, que à falta de quem pregue a palavra de Deus perecem muitas almas, que se podiam salvar em muitas partes dos Rios de Guiné.

Lembra-me, que no Conselho de Portugal em Lisboa e em Madrid, fiz lembrança a Sua Magestade quanto serviço faria a Nosso Senhor em mandar fundar na Ilha de S. Tiago uma casa de Padres da Companhia ou outros Religiosos, porque estes fariam nas Ilhas e em Guiné muitos serviços a Deus e a S. Magestade; e dando-lhes o que dá para o Seminário, o qual não faz fruto nenhum, e o que dá para os púlpitos da Ilha de S. Tiago e a do Fogo, e com as esmolas da terra, se sustentarão e pregarão em todas as Ilhas, nas Quaresmas, Adventos e Festas do Ano. E da Ilha iriam aos Rios de Guiné onde fariam muito fruto, onde até ao presente não se vê fazer mais que mandarem os Bispos visitar aos lançados, aos quais absolvem de todos os casos, posto que reservados, e neles os tornam a deixar, e desta maneira ficam vivendo no mesmo pecado. Como cristão e desejoso de ver a Fé aumentada naquelas partes tratei disto aqui. Torno ao que ia dizendo de Guiné.

Passante o Pôrto de Cacheu por um esteiro acima ao Norte vão dar em S. Domingos, terra dos Banhus, no qual lugar, no beira-mar deste esteiro, está uma aldeia grande, povoada de muitos negros e muitos dos nossos, por causa do muito trato que havia nesta terra de escravos,

mantimentos, e cera mais que em nenhuma das partes de Guiné; mas os negros desta aldeia, por serem muito entendidos e práticos na nossa língua, tratavam muito mal aos nossos, dando-lhes muitas pancadas, e capeando-os, tomando-lhes os chapéus e as espadas em toda a hora do dia, e fazendo muitos roubos importantes, com algumas mortes.

Estes Banhuns ficam cingidos por baixo dos Buramos, e pelas alas e por cima dos Casangas, e se entendem uns aos outros e usam as mesmas armas e os mesmos vestidos e juramentos da água vermelha. Ficam perto destes Banhuns ao Noroeste, por outro esteiro, outros negros da mesma Nação chamados *Chãos*, os quais têm sempre tesa guerra com estes outros; e são muito belicosos e dão muitos assaltos na terra destes outros, fazendo muitas prezas de noite e de dia. E o rei destes *Chãos* é muito amigo dos nossos, e folga muito com eles. Estão muitos na sua terra, na qual acodem muitos escravos, mantimentos, cera e marfim, e as mesmas mercadorias que valem e correm na terra dos Buramos valem da mesma maneira na dos Banhuns. Usam também estes dos mesmos choros, e perguntarem aos mortos, quando morrem, quem os matára.

Eram tão maus estes Negros da aldeia do *Buguendo* para os nossos e os tratavam tão mal que se não podia sofrer, e não se tinha por honrado negro que lhes não tomava os chapéus, e lhes desse bofetadas e pancadas. E havia muitos negros da casa do Rei chamados, uns, *Reinaldos*, e outros, *Roldões*, e outros nomes desta qualidade; e quando vinham a esta aldeia traziam uma esquadra de negros velhacos e vadios diante deles, que vinham dizendo aos nossos: «*Lá vem Reinaldo, lá vem Roldão;*» para que lhes fizessem prestes e aparelhassem o que lhes haviam de dar; e tanto que não haviam isto os tratavam muito mal. E com todas estas cousas sofriam aos negros.

Haverá como 10 anos \* que Francisco de Andrade, Sargento-Mor da Ilha de S. Tiago, indo às ditas partes, e vendo o mau tratamento que os negros faziam aos nossos, se concertou com o Rei de Casa-mança, chamado *Masatamba*, amigo nosso, e passou os nossos, que estavam nesta aldeia, a um pôrto deste Rei, que está indo pelo Rio de Farim acima, e faz ali um braço pequeno, que vai dar na primeira terra deste Rei chamada *Sarar*; no qual fizeram uma aldeia, a que puzeram nome S. *Filipe*, por amor de S. Magestade, por haver muito pouco tempo que tinha tomado posse dos Reinos de Portugal. A aldeia de *Buguendo*, donde se

---

\* Ano de 1581.

mudaram os nossos, é terra muita enferma, onde sempre morria muita gente: esta de S. Filipe, para onde se mudaram os nossos, não é sádia, por ser lugar alagadiço e de muitos charcos de água, mas é terra muito segura, onde se não faz mal a cousa nenhuma; e estão os nossos nela muito seguros. É toda coberta de arvoredos de palmares e outras árvores e tem boas águas, e algumas ribeiras frescas. Dai a *Brucama*, que é Côrte do Rei *Masalamba*, é jornada de um dia.

Já que falamos tanta vez em marfim, razão será que diga como se matam os Elefantes em algumas partes deste nosso Guiné.

Em toda a Costa e Rio de Gambia os matam pelejando com eles às azagaiadas, deles a pé, deles a cavallo, como podem; e dizem os Negros Jalofos, que dando o Elefante um urro logo está o cavallo quedo como cousa pasmada. Seja isto verdade ou não, eles o dizem. Achando-me no Rio de Gambia em um pôrto, em obra de um mês matou o Rei daquele lugar mais de doze elefantes.

Os Casangas os matam por diferente maneira. Tendo sabido onde está alguma árvore com o fruto que eles comem, fazem em cima dela uma estancia segura de paus, onde se põe o caçador; e tem em cima um madeiro de dez palmos de comprido, de bom peso, da grossura de duas mãos juntas, o qual tem em uma ponta um buraco segundo a grossura do ferro que ali metem, que é um ferro de comprimento de palmo e meio, numa das pontas de largo de dois dedos, e a outra roliça; e o roliço metem no buraco do madeiro. É o ferro ervado. E estando em cima o caçador, tanto que se mete debaixo algum elefante a comer do fruto que cai da árvore, despe de cima com força o pau, que dando nele, com o peso mete-lhe todo o ferro no corpo; e em dando toma aquele animal uma grande carreira. Cai a tranca no chão, e fica o ferro ervado nele. O negro que está em cima da árvore, tanto que o elefante corre aquela carreira, se bota da árvore abaixo e foje por outra parte, porque logo torna o elefante ali, e atira com a tromba com muitos paus, e se embravece muito. Mas em lhe dando o veneno no coração e sentindo-se mal, se mete pelo mato dentro e vai morrer. Acode o negro caçador após o rastro do sangue e vai dar com ele. É tanto que o acha, tira o ferro fora e corta toda a carne por onde foi a ferida, e logo o faz saber aos officiais d'el-Rei, para o qual dão as mãos e os pés e a tromba: a outra carne comem-a eles, e se aproveitam dos dentes. Dão ao Rei alguns grandes que passem de quintal, e alguns ficam no mato, e levam os de menos peso.

Neste Rio de S. Domingos há mais escravos que em todos os outros de Guiné, porque dele os tiram estas nações — Banhuns, Buramos, Casangas, Jabundos, Falupos, Arriatas, e Balantas. É rio de muito trato

de arroz e outros mantimentos, e muita cera ; abastado de todos os mantimentos, bons pescados, e muitas galinhas que continuamente andam os negros vendendo a troco de algodão e outras cousas.

A barra deste rio é algum tanto perigosa, e tem quatro canais pelos quais entram nela, a saber: o *Canal Grande*, o de *Afonso de Leão*, o do *Sudueste*, e o dos *Caravelões*. Tem muitos baixos e coroas de areia. Saindo por ela fora, ao Sul dão no *Pôrto das Ilhetas*, terra dos mesmos Buramos, no qual à ida e à vinda nos apercebemos de água e refresco. Estes negros tem rei ; usam as mesmas armas, vestidos, juramentos e tudo o mais que usam os Buramos. As casas que têm estes são muito boas, e são mais labirintos que casas ; e fazem-as desta maneira por causa de uma nação de Negros chamados *Bijagós*, que habitam em umas ilhas defronte destes Buramos, ao Sul desta terra, — de que ao diante se tratará ; os quais têm continuamente guerra com estes, e dão muitas vezes nelles, fazendo presas ; e por esse respeito têm as casas desta maneira para embaraçarem os inimigos e se acolherem.

Vivem estes negros de suas searas e do vinho que tiram das palmeiras. Têm muito gado vacum e cabrum. Acodem nesta terra das Ilhetas poucos escravos.

Os negros Buramos são bons e serviçais escravos. Não têm mais desar que terem os dentes limados: isso mesmo as mulheres, e delas os peitos grandes. Usam de uma cousa que se pode notar, que para as mulheres não serem palmeiras nem comiloas, tanto que amanhece tomam uma pouca de cinza do lar na boca e ali a trazem até o jantar, e em todo este tempo não comem nem falam. Em todo o trabalho que fazem, a maioral da casa lança mão da obra, e todas fazem o mesmo ; e desta maneira ficam trabalhando sem falarem.

Correndo por este Rio acima, que é o canal do Rio Grande, ao Norte dele vão estes Buramos. Depois destes das Ilhetas fica outro rio que se chama de *Bucis*, sete léguas das Ilhetas, da mesma nação. Nesta terra, em 11 graus, entra um rio chamado de *Caterina*, e na entrada faz um braço estreito, e por dentro vai sendo largo e formoso. Dizem alguns que vai dar numa alagoa dali muitas léguas, e que se o descobrirem que será de muito proveito, que haverá resgate de ouro nele. Mas segundo diz *Mapete*, capitão de uma destas Ilhas dos *Bijagós*, que continuamente faz guerra por mar a estes negros Buramos, que este rio vai dar no Rio de Farim, que é o rio que corre da outra banda da terra de Cacheu, e que fica insulando a terra dos *Banhuns* e *Buramos* por cima ; e que ele o passára já em suas almadias metendo-se por ele de uma banda à outra.

Há outros esteiros onde se metem e se acolhem os nossos navios

fugindo aos inimigos ; e estes negros são nossos amigos, e bons ; principalmente o Rei dos *Biçaos* que também é Buramo.

As mulheres desta terra e as *Banhumas* andam vestidas com uns panos curtos e os cabelos trançados, e as moças trazem uma tira de pano por diante, da largura e comprimento de um palmo, que escassamente lhes cobre as dianteiras ; e desta maneira andam até se casarem.

Acabante a terra dos *Buramos* entra o *Esteiro dos Balantas*, que são uns negros como bravos. Têm comércio com os *Beafares* e *Buramos*. Comunicam nas suas feiras. São negros emperrados. Os grandes trabalhosamente querem ver os nossos, nem querem ser seus escravos, e de emperrados morrem. Destes *Balantas* se provê a terra dos *Beafares* de inhames e outros mantimentos. Vai este rio ter a *Degola* que é terra dos *Mandingas*, que vão por cima cingindo muitas nações, e vêm dar neste rio, e têm comércio por ele e grande trato com os *Beafares*, e estão misturados nesta terra os *Mandingas* e *Beafares*. E entra de *Gambia*, que é terra dos mesmos *Mandingas*, muita roupa de algodão preta e branca, e escravos. É a principal mercadoria que aqui corre são *colas*, nomeadas já algumas vezes, fruto que vem da Serra Leoa ao Rio Grande, e dele o trazem a este. Levam a este trato tudo o que levam a *Gambia*. Esta navegação é perigosa por causa da água de *Macarico*, que é encher este rio lá em cima com três mares somente. Estando a maré vazia, dando três mares, fica preamar de todo ; e antes de virem estes mares se ouve roncar um grande espaço e mete medo às pessoas que nunca viram isto. E correm as embarcações grande risco, mas já os pilotos delas sabem as conjunções, e as tomam de maneira que não perigam. Algumas caravelas nossas de até sessenta moios, que algumas vezes lá vão, no passar, quando dá a água do *Macarico*, usam desta maneira. Têm algumas sonderiças e amarras ostadas umas nas outras, e estão prestes com elas, e o navio surto e a amarra na mão. Tanto que dão aqueles mares a vão largando e vão sobre eles aleiando muito depressa as amarras, e desta maneira passam sem perigo, porque se estivessem com a amarra abitada não deixariam de sossobrarem e passarem trabalho. São acometidas de algumas vezes as embarcações pequenas de peixes cavalos. As almadias que por ele navegam são grandes, e há muitas que levam mais de 100 pessoas e vacas e outras mercadorias.

## CAPÍTULO X

### QUE TRATA DOS BIJAGÓS E DE SEUS COSTUMES.

Este Rio, de que se tratou, chama-se o Rio Grande. Começa a sua entrada nas Ilhetas, terra dos Buramos, de que se já tratou. Da banda do Sul dele vão correndo umas Ilhas, chamadas dos *Bijagós*, delas habitadas e delas despovoadas, frescas de muitas ribeiras de água, cobertas de muito arvoredo, nas quais há muita caça de aves e animais de toda a sorte, como em terra firme. E são as Ilhas estas: — a Ilha *Roxa*, *Bonabo*, *Oxango*, *Xoga*, *Farangue*, *Huno*, a *Formosa*, *Curete*, a *Carraxa*, *Grancamona*, a ilha *de João Vieira*, a *do Meio*, a *dos Cavalos*, a *do Palão*, a *dos Fanados*, o ilheu *dos Papagaios*, a ilha *das Galinhas*, e a *de Metambole*, a qual fica pegada com a terra firme dos Beafares da banda de Leste chamada a ilha *dos Escravos*.

Todas estas ilhas vão correndo ao mar das Ilhetas até à terra dos Beafares, como está dito, e todas senhoreiam os Bijagós, tirando a Ilha das Galinhas, que fica defronte da ponta de *Bulama*, terra dos Beafares, os quais habitam nesta ilha, e há rei nela, e tem amizade com os Bijagós, mas no mar encontrando-se pelejam. Estes Bijagós habitam nestas ilhas, chamadas por alguns as Ilhas *de Boão*, e por outros as *do Infante*; as quais parece que deviam ser antigamente terra firme e toda uma com a dos Buramos e Beafares, e que o mar as cortaria de maneira que ficaram em tantas Ilhas como são, e se perderia aquela linguagem que dantes tinham, e vieram a tomar a que hoje tem.

Estes negros são mui guerreiros; continuamente andam em guerras, dando assaltos na terra dos Buramos e Beafares, e têm tal costume que no mar encontrando-se de uma ilha com os da outra pelejam, bem pode ser o pai com o filho. Não há rei entre eles, senão fidalgos a quem obedecem, senhores das ilhas povoadas; e em uma ilha há dois fidalgos e três que moram nela. Fazem suas povoações ao longo do mar ou perto dele, e ali estão aposentados com os seus parentes, e estes dão obediência aos mais velhos, e destes lugares saem a dar os assaltos e fazer guerra aos outros em suas almadias por mar, que são grandes e levam muita gente; e estes negros são tão destros no mar, que ainda que se sossobre e revire a embarcação, andam a nado e a tornam a endireitar e esgotar, e tornar-se a meter dentro; e atravessam muitas vezes mais de 10 léguas a ir fazer guerra, como é darem dentro do Rio Grande, terra dos Beafares, e fa-

zerem nela grande destruição e cativarem muita gente ; e irem dar no Rio de S. Domingos, dentro em Cachéu, e fazerem o mesmo : e hoje o não fazem por respeito dos nossos que ali habitam. E trazem desinquieta toda a terra dos Beafares e Buramos, que lhes ficam defronte, com as continuas prezas que sempre neles fazem ; e de tal maneira os desinquietam que continuamente vigiam de noite e de dia.

Os homens não fazem mais que três coisas — guerra, e fazer embarcações, e tirar o vinho das palmeiras. Andam mui disciplinados na arte militar ao seu modo. São grandes rodeleiros ; a principal arma que trazem são azagaias, a que eles chamam *Canicos*, que são de dois palmos, de ferro roliço, e na ponta tem o ferro ao modo de nossas ginetas ; as suas adargas, que são de verga forte tecida com rota, de maneira que ficam muito fortes ; e suas espadas as quais são mais tortas que fouces, mas largas. Usam frechas, mas não são ervadas, e em lugar de ferro lhes põem umas espinhas de um pescado chamado *Bagre*, que eles têm por peçonhento, e o é.

As mulheres fazem as casas, e as searas, pescam e mariscam e fazem todo o mais serviço que fazem os homens em outras partes.

Estes negros andam nus ; não trazem mais que uma maneira de calças que eles fazem de folha de palmeiras, que escassamente cobrem suas vergonhas, e que servem mais de os peiar que de vestido. Falam com os demónios todas as vezes que querem, principalmente quando hão-de ir fazer guerra, e os invocam, e da maneira que lhes parecem assim se contrafazem, e untando-se com almagra e gesso (que há muito naquelas ilhas) e com muitas penas de aves metidas entre os cabelos (que os trazem trançados,) e com rabos de cavalos dependurados ao pescoço botados por detrás das costas, com muitos cascaveis, vão parecendo os mesmos demónios, e dessa maneira vão à guerra. No mar pelejam com todos, mas tanto que tomam terra não há briga ; dizem que são amigos e hóspedes e ficam seguros. E antes disto fazem primeiro esta cerimónia. — Entrando algum navio nosso em qualquer dos seus portos, vem o fidalgo da terra ao mar na sua almadia ; dizem-lhe que aquele navio é seu ; tomam o cabo da driça e dão-lha na sua mão. Feito isto trás ele da terra uma cabra ou capão, que matam sangrando-o com uma faca, e toma um pequeno do sangue e unta ao senhorio do navio nos pés, e põem-lhe a cousa morta nos peitos. Fazendo-se esta cerimónia fica tudo seguro ; não há que temer, salvo se forem das outras ilhas.

Resgatam-se nestas muitos escravos Beafares e Papeis, que eles cativam em guerras, e alguns da mesma nação que hão dos Juizos, os quais são como os dos Buramos ; mas estes dos Bijagós não são bons, porque

não são seguros senão moços e moças: criando-se entre nós são bons e leais a seus senhores; mas os grandes, principalmente homens, todas as vezes que querem morrer morrem, e nisto não há dúvida nenhuma. Não fazem mais que tomarem o folego e morrerem. E assim se resgata muito mantimento de milho e arroz, e *macaras*, que é um mantimento redondo, e tem o sabor de favas; e dá-se este mantimento debaixo do chão metido numas baguinhas, nas raízes, e se recolhe muito naquelas Ilhas; e há outros mantimentos e frutos. Acha-se muito ambar entre elas, que entra por aqueles canais; como foi a gran quantidade que achou Francisco Barroso no Ano de 69, (do qual se não soube aproveitar,) e já o conhecem os negros e o guardam para venderem aos nossos.

As mercadorias que correm nestas Ilhas são pano vermelho, cobre feito em caldeirões; bacias de latão grandes como pratos, de água-às-mãos, e de barbear; margarideta grossa, vacas, bezerras de um ano, e ferro; e posto que para lá levam vacas, há muitas, e sem embargo de as haver compram as continuamente, porque matam muitas nas suas festas e choros.

As mulheres andam despidas da cinta para cima; trazem um modo de saias feitas das folhas da palma, que dão por cima dos joelhos. As paridas trazem os filhos nos braços, atados numas correias de couro cru, que trazem ao pescoço, com que sustentam e têm as crianças.

Estas ilhas são todas muito formosas, e a principal de todas é a chamada *Roxa*, tal que foi cobiçada dos nossos; sobre a qual foram já conquistadores, por mandado do Infante, da Ilha de S. Santiago, a saber: Gomez Balieiro, com muita gente, e capitão-mor dela e das Ilhas de baixo. Também vieram muitos debaixo da obediência de Gomez Pacheco, e por desordem dos nossos foram desbaratados dos negros e mortos os capitães-mores, e salvaram-se mui poucos. Ficaram estes negros tão bravos, que passaram muitos anos sem quererem ter nenhum comércio com os nossos, e se alguns navios davam à costa naquelas ilhas, matavam os nossos que tomavam; até que o tempo tornou a fazer que tivessem comércio com os nossos. E vão muitos navios a elas a resgatar, e deixam homens postos em terra com fazendas, e ficam resgatando entre os negros muito seguros sem os agravarem; e com tudo isto, se dá algum navio nosso à costa e se perde, cativam aos que tomam, e os tornam a vender aos nossos que os vão lá resgatar por pouco preço.

Os negros Bijagós são mui pretos, deles gentis homens; não furam as orelhas; as mulheres sim. Alguns limam os dentes de maneira que ficam abertos e não agudos. Há nestas ilhas bons papagaios pardos. Há muito azeite de palma. Há uns coquinhos pequenos que dão as palmeiras,

que se chamam naquelas partes *chaveos*, que têm dentro mantimento do tamanho de uma avelã. São todas estas ilhas abundosas de mantimentos, caças, pescados bons e mariscos.

## CAPÍTULO XI

QUE TRATA DO RIO GRANDE, TERRA DOS BEAFARES, E SEUS COSTUMES.

Da ponta de Bulama que é a primeira terra dos Beafares, vindo de fora, entrando pelo passo da Ilha *das Areias*, que é uma ilha alagadiça, quase de uma légua, a qual está da banda do Norte, arvorada de mangues e tarafes e outras árvores, — entrando por este passo, para ir para dentro, há-de ser com um quarto de água vasia, indo a demandar as *Coroas de Bissegue*, para que tomem a água do Canal Grande de montante, e acabem de passar o passo com a água de jusante do Rio *de Bonabo*, que é o que vasa pelo longo da terra dos Papeis; porque vindo das Ilhetas, que é este canal, hão-de vir com água de montante até à ponta *de S. Martinho*; dali hão-de ir com preamar, que quando forem a passar o passo desta Ilha vão já com um quarto vazío; porque indo tanto avante como as Coroas com a jusante, que é a água de vazante, tomem a maré de enchente que entra por outro canal grande, que sai por entre a Ilha Roxa e a de Matão-bolc. Corre neste passo da Ilha das Areias a água mui rijamente, nem se pode navegar, com o mais fresco vento que haja, contra maré, senão ir com ela, assim com a vazante como com a enchente; porque entra por todos os canais destas Ilhas dos Bijagós que ficam de frente, e vem com tanto impeto que se não pode navegar senão com ela; e a entrada há-de ser por uma légua da Ilha, e hão-de vir por fundo de 4 até 5 braças, areia limpa; porque indo por muitas braças não vão bem, e vão chegados à baixa *de Pero Alves*, que fica da banda do Ilheu dos Papagaios, e de baixa mar aparece como um batel grande virado de quilha. Por isso indo pelo muito fundo não é boa navegação, porque correm risco de dar nesta baixa.

Indo para dentro vão correndo as ilhas dos Bijagós, as quais ficam na entrada deste Rio como muro. Entre elas navegam navios pequenos, por caso dos alfaques e baixos, porque dão muitas vezes em fundo de 20 braças, e logo outra prumada em 4, e a outra em secco. E há canais sabi-

dos dos pilotos por onde navegam entre elas. Por este canal do Rio Grande há alguns surgidouros ; o primeiro é passando a primeira ponta da banda do norte onde estão umas praias brancas de areia, que se chamam as *Prainhas*, onde surgem bem perto da terra. E assim indo pelo rio acima, passando as Coroas de Bissegue, vai correndo a terra dos Beafares, e em qualquer enseada dela, assim de uma banda como da outra, se acha fundo muito perto da terra, porque ao meio rio se não acha fundo de nenhuma mafeira. Indo por ele acima até passar as *Sete Pontas* vai fazendo uma pernada ao Norte, que se chama o *Rio de Guinalá*, principal posto deste rio, onde acode muito resgate de escravos.

Esta terra de Guinalá fica repartida em três fidalgos, que entre eles são como Duques, ficando um da banda do Noroeste, que governa aquela terra chamada *Mompara*, e da banda do Sueste chamado *Bixiloli* outro, e o de *Balola*. E além destes, outros metidos pelo sertão, não tendo mais título que de fidalgos, sendo Senhores muito grandes, os quais têm tanta posse como o mesmo Rei a quem dão obediência.

Esta terra dos Beafares é muito grande, e assim como é grande há muitos reis, uns metidos pelo Sertão, outros ao longo do Rio. No reino de Guinala, que é a primeira pernada, anda o reinado em duas gerações, na dos fidalgos e na dos plebeus. Há tempos que herdam os fidalgos e entram no reinado, e há tempos que herdam os plebeus, — ferreiros ou sapateiros ; e sabem os que governam quando cabe a qualquer destas gerações. E entram no reinado sem guerra nem dissensões, porque não elegem para haver de ser rei senão um muito velho, e nunca os fazem mancebos ; e estes velhos vivendo muito os matam, e não os podem matar senão dentro dos paços a que eles chamam *Bruco*. E muitas vezes os Reis, quando se vêem já muito velhos e vêem que se lhe vai chegando a hora, dissimulam e dizem que querem ir ao pôrto a folgar com os nossos, e quando se tornam metem-se em casa de seu Alcaide, e estão ali e não querem sair de lá até que morrem, e para casa do alcaide levam alguns criados e criadas amados do rei e mulheres suas, porque quando morre o rei e o enterram matam e enterram com ele alguns destes, até o cavallo, e dizem que tem necessidade de levar tudo isto para que o sirvam na outra vida. E tanto que o rei morre ou está mal, fogem estes seus privados que receiam que os mandem com ele para o servirem ; o mesmo fazem alguns fidalgos grandes, que também levam quem os sirva. Os reis que se não saem dos paços para a casa do alcaide como fica dito, se vivem muito, os matam, não a punhaladas senão afogados, e como são velhos e fracos há pouco trabalho para os acabarem. Isto se usa em alguns reinos dos Beafares e em outros não.

Nesta terra se enterram os defuntos com grande aparato, cousa que se pode ver, porque vão acompanhando aquele morto ao som de uns tambores muita gente e vai diante grão copia de soldados, que vão escaramuçando ao som dos tambores que vão tocando, e os que levam o morto caminham apressados até o lugar onde lhe fazem a pergunta que diga quem o matou, — que é da maneira que se faz no Reino de Casamança. Têm grandes leis; usam a água vermelha de que já se tratou. Os velhos sentenciam as causas com os fidalgos e senhores das terras verbalmente, e à pessoa condenada fazem-lhe uma risca, e se não sac dela sem primeiro cumprir a Sentença que contra ela foi dada. É a lei entre eles acerca do adultério, que quem falar às mulheres dos reis nesta matéria fique obrigado à culpa como se a fizera, e às dos fidalgos apegando delas para esse efeito, e às dos plebeus tendo cópula com elas. E sem embargo destas leis são mui devassas, e fazem cada dia adultério aos maridos. E usam os adúlteros de uma treta que é não terem cópula com elas em casa, senão no campo e em matos, porque depois acusando-os os maridos pelo caso, diz o adúltero aos Juizes que lhe perguntem onde o fez com sua mulher. Se foi no campo jámais o dizem, porque o têm por grande infâmia e dizem que são animais; e não assinando lugar onde foi a culpa cometida, ficam os acusados livres. E provada, pagam aos maridos certa pena em que os condenam, e aqueles ficam vivendo com suas mulheres.

Os negros Beafares são grandes ladrões; furtam escravos, vacas, e todo o mais que acham. É gente vadia o mais do tempo. Há falta de mantimentos nesta terra, chovendo muita água nela, mas são os negros tão preguiçosos que lhes não dá mais que furtarem e folgarem. Semeiam muito pouco mantimento, e o mais dele comem em verde, sendo a terra aparelhada para milho, e tudo o mais que nela semeariam assim pão como vinho. O Rio é de grande trato e é um dos dois principais que há hoje no nosso Guiné, este e o de S. Domingos. Acodem neste muitos escravos da própria terra, Beafares, e Mandingas por via de *Degola*, Naluns, Bijagós, e Buramos com quem confinam. As mercadorias que nela correm são panos de algodão e *teados* do mesmo, e algodão, vinhos, ferro, cavalos, vacas da própria terra, bezerros de um ano, mantimentos e colas.

Estes negros andam vestidos em umas camisas compridas que lhes dão pelos joelhos, e uns panos cingidos até meia perna, e por debaixo deles trazem umas peles de cabra cortidas sem cabelos. E muitos andam sem camisas nem panos, somente com as peles. Usam estas armas; — espadas, facas, e frechas ervadas. E trazem umas frechas grandes com uns ferros como quadrellos das nossas bestas antigas, e não trás um negro mais que duas frechas destas no seu coldre, e das outras trás muitas.

São grandes frecheiros. Aconteceu já nesta terra andarem os negros brigando e passar por ali uma negra com a criança às costas. Deram na criança com uma destas frechas dos ferros a que eles chamam *Maxaxa*, e a passaram de parte a parte com a mãe juntamente. Trazem facas, (afora as espadas,) com que acometem a um homem com uma espada.

As mulheres andam vestidas com uns panos curtos até meia perna ; as moças donzelas andam nuas e não trazem mais que uns paninhos por diante, do tamanho de um palmo ; o mais trazem descoberto. E assim andam até que conversam homens ; entonccs se vestem como as outras.

Entre estes negros andam muitos que sabem falar a nossa língua portuguesa, e andam vestidos ao nosso modo. E assim muitas negras ladinas chamadas *Tangomas*, porque servem aos lançados. E estas negras e negros vão com eles de uns Rios para os outros e à Ilha de S. Tiago, e a outras partes. Mas não o fazem os nossos sem primeiro haver licença de seus pais ou tios, irmãos dos pais, porque em todo Guiné se têm os tios por pais de seus sobrinhos, filhos de seus irmãos.

A terra dos Beafares é em si sádía, principalmente Guinalá, porque fica descoberta e desabafada dos inatos. Há bons mantimentos, pescados, e galinhas ; as carnes boas, assim de cabra como de vaca, muitos inhames e outros muitos legumes. Usam os negros deste Guiné, dos Casangas até à Serra Leoa, de um instrumento de pau aberto por dentro e pelas ilhargas, e as cabeças serradas, do comprimento que querem, com os quais passam palavra de uns aos outros, de maneira que se entendem e dão todos os avisos que querem, e chamando por eles uns aos outros acodem. E soam tanto que se ouvem duas a três léguas, e com eles em poucas horas se apelidam. E chamam a estes instrumentos *Bambalos* ; e todos os fidalgos e senhores os têm em suas casas, para avisarem e chamarem aos seus todas as vezes que querem. E acertando algumas vezes de fugirem aos nossos alguns escravos, vão dar conta disso ao Senhor da terra e lhe levam uma botija de vinho ou outra qualquer cousa. Não faz mais o fidalgo que tocar aqñele instrumento, e apelida-se logo a terra toda, de maneira que não escapam os escravos e os tomam. Também usam estes Beafares de um instrumento músico que arremeda às nossas charamelas, e se concertam, e se soubessem cantar o canto de orgão se concertariam bem ; e chamam aos que os tangem, *Jabundares*. Usam também trombetas de marfim e outros instrumentos e chocalhos ao seu modo.

Dos mais dos negros de Casamança até este rio, os fidalgos trazem um anel de ferro no dedo grande, e no do meio um chocalho para a parte de dentro da mão, e falando de quando em quando dão naquelles choca-

lhos com o anel umas pancadas. E estes Beafares quando querem brigar, levam das armas, dão dos chocalhos, e dizem «Hayaya»: quer dizer na sua língua; «Hoje se acaba tudo». E nas brigas sempre há quem lhes traga à memória as suas proezas e os feitos dos seus antepassados. Usam pouco cavalgarem cavalos; alguns Reis e fidalgos o fazem, mas poucas vezes: as mais das vezes é em vacas e bois, que para isso têm mansos, com as ventas furadas, nos quais trazem uns cordeis ao modo de freio com que os governam; e andam muitas jornadas e têm muito bom passeio. O mesmo usam Casangas, Bankuns, Buramos, e Bijagós.

Sobre os Beafares fica um *Farim* que é como Imperador entre eles, a quem todos os reis dos Beafares dão a obediência, chamado *Farim-Cabo*, a quem também a dão os Mandingas do Rio Gambia da banda do Sul dele; e por toda esta terra dos Beafares andam Negros Mandingas, principalmente daqueles religiosos chamados Bixirins, dando nómias a estes gentios, e dizendo-lhes mil mentiras, e como falam pela boca do diabo, e como dizem muitas mentiras acerta de ser alguma verdade e por essa lhes dão muito credito. Os negros deste rio e negras são mui importunos uns e outros no pedir, e pedem tanto até que enfadam, e em lhes dizendo «Malaco,» se vão logo, — quer dizer naquela língua: «Sapos»; que eles têm por grande mal. E com isto se armam os nossos para se livrarem das suas importunações.

Há nesta terra umas aves grandes que se querem parecer com perús, mas não se encrespam como eles, nem lhes cai a crista abaixo; são como as fêmeas. Por leis do Reino não se podem matar, nem ninguém as mata, porque há grandes penas postas sobre isso. Tem por erronia aquela nação em dizerem que são estas aves as almas dos seus passados. Não há negro nenhum que lhes faça nojo. Os nossos achando-as em lugares escusos, onde não sejam vistos, as matam e as comem. E além destas não consentem matar as aves que pousam nas árvores que têm à porta ao longo de suas casas sem licença de seus donos, porque dizem que são seus hóspedes a quem se não pode fazer mal. Há outras aves grandes pretas que têm umas plumas brancas muito ricas.

Nesta terra de Guinalá se fez a maior feira que há em toda a terra dos Negros, chamada de *Bijorei*, na qual se ajuntam mais de 12.000 negros e negras, os mais formosos que há em todo Guiné, e vendem tudo o que naquela terra há e das circunstantes; a saber, escravos, roupa, mantimentos, vacas e ouro, — que há nesta terra algum e fino. E muitas vezes há grandes brigas nesta feira, e se matam alguns, porque se embebedam com o vinho de milho que é como cerveja. Esta feira vai diminuindo um dia para trás, como a de Casamança, porque fazendo-se numa semana

à segunda feira, na outra se faz ao Domingo ; e desta maneira vai sempre diminuindo um dia para trás. Nela se faz justiça dos homicídios.

O rei quando sai fora vai muito acompanhado com grande guarda de frecheiros, e às vezes com pouca ; e posto que andem muitos Mandingas Cacizes entre estes Beafares, dizendo muitas cousas, não têm que fazer com eles ; seguem a sua gentildade, e não põem dúvida a serem cristãos : e alguns se fazem na própria sua terra, assim homens com mulheres, dos que servem aos nossos e andam com eles, dos quais está esta terra povoada de muitos que nela habitam, deles aposentados ao longo do Rio no Porto da Cruz, que é em Guinalá, a par de uma força que ali fizeram os nossos para defensão dos navios, que ali os vinham tomar os franceses ; e dos negros que estão aldeados ao longo deste forte ; e à mingua de não haver quem pregue a palavra de Deus se não salvam muitos gentios destes, e estão muitos dos nossos lançados vivendo em pecado mortal sem se apartarem dele, morrendo nele por falta de médicos da alma. Verdade é que o Bispo da Ilha de S. Tiago manda todos os anos visitar neste Rio como faz no de S. Domingos, mas nenhum fruto resulta da tal visitaçào. Se se pode dizer, tenho para mim que é causadora de viverem da maneira que vivem ; porque não é de mais fruto que pagarem os lançados com pena pecuniária a culpa cometida, e ficam vivendo sempre no mesmo pecado, servindo de casas de aluguer que todos os anos lhe vão dobrando as penas. Falo nisto outra vez, porque me peza ver entre Cristãos tanto desamparo. Bem podia, Sua Magestade sendo servido, povoar-se este lugar do Rio Grande, e para isso não tem necessidade de mais, que mandar que haja nele Justiça e pôr Clérigos que residam nele, homens de boa vida, que edifiquem as suas obras e vida.

Nesta aldeia dos nossos estiveram no ano de 84, obra de quatro ou cinco meses, uns frades carmelitas descalços, que com seu modo de vida e doutrina faziam grande fruto ; por onde me parece que por falta de quem pregue a Doutrina e Palavra de Deus não há hoje nestas partes muita Cristandade. Queira Deus por quem é, que em dias de S. Magestade se veja naquelas partes muito aumento na fé.

Não deixará de alterar-se o preço dos escravos e das outras mercadorias povoando-se esta terra ; mas é necessário que se acuda mais ao serviço de Deus que ao proveito dos homens. Digo isto porque depois que os nossos se aldearam e se puseram todos a par do forte, compram-se os escravos e o mais que na terra há por mais preço do que soia ser ; porque antigamente estavam afastados, aposentados em casas de fidalgos uma légua e meia, uns dos outros, e lhes acodia mais resgate, e não abatiã uns aos outros, e eram guardadas suas pessoas dos seus hóspedes e

de seus parentes. Hoje saindo os nossos fora da aldeia tratam-os os negros mal, e não são seguros como dantes, dizendo que querem estar por força na sua terra. Chamo tratar mal, se fizerem os nossos ou seus escravos qualquer desaguisado não o sofrem os negros, e sobre isso há muitas brigas, e às vezes mortes; o que não era dantes, estando aposentados com eles; e com tudo povoando-se e havendo Justiça não consentira fazerem-se desordens, por onde haverá paz entre uns e outros: e como a não há, da fazenda e de quem mais pode é a justiça.

## CAPÍTULO XII

QUE TRATA DO QUE HÁ MAIS NESTA TERRA DOS BEAFARES.

Estes Beafares não tem as suas casas aldeadas como as outras Nações, senão afastadas algum tanto umas das outras, e as fazem segundo a posse de cada um, e no lugar onde as fazem vivem ali os parentes todos juntos, reconhecendo ao mais velho a quem dão obediência; e por isso em alguns casos de Juízos e Leis que entre eles há, sendo condenados algumas vezes os maiores a perdimento de bens e liberdade, se cativa uma geração toda.

Vivem apartados em casas de taipa cobertas de palhas, às quais, como cá se chama entre nós Quintas, chamam eles *Polonias*, e há algumas de alguns fidalgos muito grandes de muitas casas; e as mais delas ou todas se fazem a par de umas árvores muito grandes chamadas *Polões*, à sombra das quais fazem seus Juízos e Consistórios. As terras são de alguns fidalgos a quem pagam alguns dircitos dos mantimentos que hão, como entre nós o Dizimo: mas quanto à gente comua não têm terras nem herdades; a terra é comum a todos. Cada um faz suas searas segundo sua posse, e no tempo das novidades dos frutos agrestes que dão as árvores não as podem apanhar, senão todos juntos, por mandado do Senhor da terra; principalmente um fruto chamado *Amanganacho*: apanhando-o alguma pessoa antes do mandado geral, por tal caso fica escravo e se vende.

Guardam bem as Leis postas por eles; nas quais há uma acerca do adultério, que é falando à mulher do Rei nessa matéria hão a culpa

por cometida ; e as dos fidalgos, apegando delas para esse efeito ; e às dos plebeus tendo cópula com elas ; o sem embargo desta lei não deixam de ser as mulheres muito devassas. Porque na culpa do adultério, fazendo-se, elas não tem castigo nenhum dos maridos ; senão os adúlteros que se condemnam muitas vezes em perdimento de bens e pessoas ; mas ficam vivendo com suas mulheres. E alguns Reis e fidalgos algumas vezes as matam ou vendem, mas os plebeus contentam-se com lhe pagarem a pena. E chamam às Sentenças, *Cuspir* ; dizendo ; = «O fidalgo de tal parte *tem cuspidão* que tem tal pessoa razão» ; é como dizer : «Tal Senhor ou Juiz tem dado Sentença por Foão.»

Dos mantimentos da terra, que é milho e arroz, fazem os nossos uns bolos chamados *Batanquas*, que é o pão que comem ; e o do milho-*massaroca* tem tanta substância como o pão, e cozem este pão numas tigelas tão largas como uma rodela grande ; e fazem a estes bolos da grossura de uma pataca, e amassam duas vezes, pela manhã e à tarde, porque se há-de comer quente. Estes negros se circuncidam como os outros de que já tratámos com as mesmas cerimónias.

Vai prosseguindo este mesmo Rio, fazendo seu caminho ao Nordeste ; e deixando a pernada que vai a Guinalá, começa a terra de *Biguba* da banda do Norte, que é dos mesmos Beafares, grande jornada de Guinalá, mas anda-se por mar numa maré em uma barca bem equipada ; e posto que sejam Beafares têm outra ordem no herdar do Reino ; porque o não herdarem senão fidalgos, parentes do Rei, aos quais chamam naquele Reino, *Jagras*. E muitas vezes sobre o herdar do Reino há muitas guerras e dissensões. E quando nela morre o Rei é como em Roma o Papa ; porque se acolhem logo os nossos todos ao mar aos navios ; e estando o Rei mal vão recolhendo as fazendas e mercadorias ao mar, porque, em morrendo, dão logo estes *Jagras* com outros muitos pelas casas dos nossos e os roubam, o não se aquietam senão depois de haver Rei ; e muitas vezes dura isto um ano e mais.

Há um costume ruim em todo Guiné, tirando o Rio de S. Domingos ; pois, em todos os mais, se os nossos se não recolhem estando enfermos ao mar, para que morram nos navios, morrendo em terra, os Reis dela herdarem as suas fazendas. Agora no Pôrto da Cruz, que é em Guinalá, por amor do forte não há isso ; porque estão os nossos aposentados ao longo dele, e adoecendo alguns em outras partes deste Rio os trazem a esta povoação, ou os recolhem ao mar, para lhes segurarem as fazendas.

Esta terra de *Biguba* é boa ; acodem muitos escravos da mesma terra, e da outra banda do Rio chamada *Bissegue*, que são também Beafares, os quais confinam pelo sertão com os Naluns, donde entram muitos

escravos a esta terra por via dos mesmos Beafares que têm trato com eles. Esta terra de Biguba é toda coberta de muitos matos e arvoredos ; chove nela muito ; dão grandes trovões ; caem muitas pedras de corisco. Usa Nosso Senhor com estes Genticos de sua misericórdia grandemente, porque lhes dá água em abundança e muitos temporais, e o inverno com tanta temperança que não pode mais ser ; porque ainda que chova muita água, logo torna o tempo sereno e bom ; e desta maneira cria a terra muito. E ainda que esteja o tempo claro, arma-se uma nuvemzinha pequena, que vai-se fazendo maior ; e quando se não precatam começam de roncar os trovões ; dá um grande pé de vento, e antes de dar há-de acalmar o outro que ventava de antes ; e dando o vento dura por espaço de um quarto de hora ou mais ; deixa-se descarregar tanta água que não há pode-la esperar ; tanto que chove logo cessa o vento e dura a água nma hora ou duas ; depois torna a esclarecer tudo e fazer sol ; e por isso tem tão boas novidades.

Nem por isso deixam de terem errónias e ritos, porque há alguns reis destes que reinando defendem que não lavrem arrozos por muitos anos, por dizerem que causará, fazendo-se, morrer muita gente, e outras vezes fazer-se de outros mantimentos pelo mesmo. Usam todos os Negros de Guiné de vinhos de milho e do da palma ; uns e outros embebedam, e com mais força o de milho. Nesta terra por causa do grande mato andam muitos leões, onças, e outros animais, que de noite arrebatam algumas pessoas, e as levam. Matam-se no sertão dela muitos elefantes, e dá outra banda do rio ; e muitas vezes passam este rio alguns a nado de uma banda à outra.

Fica acima deste Pôrto de Biguba outro chamado *Balola*, da mesma nação ; tem rei ; guardam as leis e costumes dos outros. Estão nesta terra muitos lançados, por ser pacifica e quieta, e acudir a ela muito resgate, assim de escravos (que aqui custam mais barato) como por haver mantimentos, por serem estes Negros dados mais à lavoura que os de baixo. Ficam sobre este reinado de Balola pelo sertão outros reis da mesma nação, que guardam as mesmas leis e costumes.

Neste Pôrto, e no de Biguba e Guinala, há bons varadouros ; consertam-se neles navios. Há muito boas fontes nativas de mui ricas águas. Correndo por este mesmo rio da banda do Sul, são todos Beafares ; têm reis, os quais guardam as mesmas leis, costumes, vestidos e juramentos dos outros Reis, de que se tem dito, da mesma nação. Vão correndo estes mesmos Beafares ao beira-mar deste rio até dar no ponta de fora, defronte da Ilha de Matão-boli. Fica esta ponta da terra firme cortada como Ilha, e moram e habitam nela os negros que fugiram aos nossos e aos mesmos

negros, e se vieram ajuntar nesta parte tantos que a povoaram ; e ali estão alevantados.

Esta terra dos Beafares, da outra banda do Rio, da banda do Sul e Leste, pelo sertão dda parte com os *Naluns*. Há frutas que os Negros comem e se mantêm delas, que são *Mompatazes* e ameixas que se querem parecer com as nossas, mas diferentes no sabor. Há muita farroba, e cabças que dão as farinhas brancas, e um fruto a que chamam *Manépulos*, que são amarelos, e do tamanho de ameixas e maiores ; cheiram bem, são medicinais, aplacam o sangue. Dá-se açúcar desfeito em água com estes *manépulos* em lugar de enxaropes. As árvores que dão este fruto são grandes, mas o pau em si é muito mole e tem o cortiço grosso e duro. As folhas destas árvores são medicinais ; cozidas em água servem de dar banhos aos enfermos. Há uvas bravas, e têm os bagos quase como as nossas. Há muitas canas de Bengala, mas não as sabem concertar ; e muitas rotas, e destas canas e rotas fazem os nossos que lá andam lançados amarras para os seus navios. Há muita madeira, paus de cores, vermelhos e adamascados e amarelos, e as canas que na nossa Índia chamam *Bambus*.

Neste rio andam almadias grandes em que andam muitos negros ladrões que pela língua da terra chamam *Gampisas*. São como bandoleiros ; continuamente andam neste officio ; furtam escravos que trazem a vender aos navios por não serem descobertos. E têm por costume estes negros e todos os mais que vendem negros furtados, quando os vendem, dão-lhes a beber vinho ou comer alguma cousa que lhes dão à conta do mesmo negro que vendem, e dão-lhe o comer ou beber, porque dizem que ficam desencarregados da consciência, porque o mesmo vendido ajudou a comer o seu dinheiro. E são tão sagazes que se vêem algum bisonho do sertão, fingem que os querem agasalhar, e os recolhem em suas casas ; e tendo-os nelas alguns dias lhes metem em cabeça que tem no mar amigos e os querem levar lá para que sejam conhecidos deles e para folgarem ; e indo aos navios os vendem ; e desta maneira enganam a muitos destes.

Há neste Rio uns peixes grandes como marrachos, a que chamam *Sardas*, muito ruins. Tem na cabeça três ordens de dentes ; acometem altissimamente as pessoas estando na água, e as matam. São estes Beafares muito amigos da *cola*, e daqui corre a mesma *cola* para a Degoula em cáfilas e almadias, como já fica dito. Há muitos bichos bons, como são ginetas, gatos de algália, e *saninhas*, que são pequenas e têm os rabos arripiados de muitos cabelos, e levantando o rabo para cima ficam cobertas com ele, e outros muitos animais que há nas outras partes.

## CAPITULO XIII

### QUE TRATA DOS REINOS DOS NALUNS, BAGAS E COQUOLINS, E DOS SEUS COSTUMES.

Passando a ponta da Ilha dos Escravos começa a terra dos Naluns, a qual tem um Rio pequeno, no qual não podem entrar navios de mais porte que até sessenta moios. Estes Naluns vão cingindo por uma ala aos Beafares da terra de Bissegue pelo sertão dela, e vão correndo ao longo dela até se emparelharem por cima. Estes Negros, posto que sejam muito visinhos dos Beafares, são mui diferentes na linguagem e no traje e no mais. São quase bravos; andam despidos; trazem umas peles vestidas em que trazem as vergonhas, parte delas cobertas, e parte descobertas; porque trazem as naturas metidas debaixo de umas correias largas com que se atacam, e os bolsos dependurados de fora, — parece que pelos não molestarem. Andam muito justos naquello modo de calças. Trazem os narizes furados, na ponta dele, entre uma venta e outra. Fazem muitos labores pelas pernas e pescoço, e as mulheres pelo rosto. É gente brava, mas depois de os acostumarem se fazem bons e serviçais. Não temos ainda com eles comércio descoberto como com os outros; porque os escravos que deles nos vêm resgatam-se por via dos Beafares de Bissegue e Balola, porque alguns destas partes têm trato com eles. Vendem estes Naluns escravos, esteiras finas, marfim, mas os dentes pequenos, porque não podem trazer os grandes. E nesta terra se matam muitos elefantes, e quase que duvido a dizer o modo como se matam, porque duvidarão os que o lerem; façam o que quizerem; é verdade e por isso o digo. Estes negros, não sei porque arte, se metem debaixo dos elefantes com umas azagaias muito largas e grandes, e metendo-se dão-lhes com aquella arma uma e as mais vezes que podem, e acolhem-se. Começa o elefante de correr a uma e a outra parte, e vão-lhe caindo as tripas delgadas, e com as mãos e pés as vai trilhando e quebrando até que morre. Vai o negro pelo rasto do sangue dar com ele morto. Desfazem-no; dão ao rei o que tem dali, que são as mãos e pés e a tromba; o mais comem eles. Perguntando algumas vezes a alguns negros como se metem debaixo daquele animal tamanho e tão espantoso, respondiam que comiam mezinha para isso. Seja como fôr, eles o fazem.

O Rio desta terra é de grande trato, e a mercadoria nossa que mais vale nele é o chumbo; e há-se de levar em barretas pequenas, e a troco

dele se faz muito marfim ; e há dentes de mais de quintal. Há muitos anos que a ele não foram navios nossos, porque há muitos homens a quem se lhes dá pouco danarem quantos Rios e Resgates há em Guiné. Foi a este rio, há muitos anos, um navio de homens não práticos daquelas partes. Estes entraram neste Rio e resgataram muito marfim a troco de bem pouco, e os negros os não estranharam, e foram a bordo ; e estes, por co- biça de uma duzia de negros que tomaram, danaram este resgate, de ma- neira que há muitos anos que não vão a ele, como não vão a outros mui- tos onde fizeram o mesmo.

Há nesta terra muitos búfalos ; e todos os mais animais que há nos outros rios, (tirando cavalos que eles nunca viram,) muito gado vacum, e são grandes criadores. Há uma errónia entre eles que é dizerem que têm metidas suas almas em animais, como em onças e leões, e todos os mais animais bravos e ferozes, e que, morrendo o animal onde dizem que têm metida a sua alma, morrem eles ; e estão muito crentes nesta errónia. Pa- rece que o demónio ordena isto de maneira que o creiam, e já me aconte- ceu perguntar a alguns desta geração: *Vem cá: onde tinhas metido na tua terra a tua alma?* E respondeu-me dizendo: *Em um Leão* ; — ou em outro animal. E tornei-lhe a perguntar: *E agora onde a tens?* E respon- deu-me: *Agora não; porque vim a terra de cristãos, e sou cristão; ficou tudo na minha terra.* São bons e seguros os moços e moças, porque os grandes antes de se fazerem connosco são mui riscosos e morrem.

A terra destes Naluns é grande, e dela pode haver muito resgate, assim de escravos como marfim ; mas está por amansar, e não temos com eles comércio senão por via dos Beafares, como está dito.

Acabante estes Naluns entra o *Rio do Nuno*, terra dos *Bagas* e *Coquolins*, os quais têm trato connosco no beira-mar. Faz esta terra um Rio ; a barra dele é algum tanto perigosa por amor da baixa que tem à entrada. Estes Negros andam vestidos como os Sapes, de roupetas e bra- gas de algodão ; e por bragas trazem uns panetes, e deles calções. E se en- tendem com os Sapes, ainda que estão longe uns dos outros, como os Por- tugueses e Espanhois. Os Naluns que ficam atrás, de que já tratámos, e os Bagas que são estes, e os Coquolins que ficam ao sertão destes, — todos se entendem.

O principal resgate deste Rio são tintas, não como as da Costa de que já tratámos no 1.º Cap.º, que se fazem do mesmo de que se faz o ver- dadeiro anil: estas deste Rio são diferentes, porque são árvores como hera, e vão trepando pelas outras árvores, e têm as folhas largas. E os negros, no tempo, apanham estas folhas e as pisam, e fazem uns pães como de açúcar, assim grandes, enfolhados com as folhas de *cabopa*, e

vêm os nossos navios carregarem-se destas tintas, que é um grande trato, para o Rio de S. Domingos. E já nos outros anos, governando a Rainha Dona Caterina, que Deus haja, se mandou carregar e trazer à cidade de Lisboa uma caravela destas tintas, para as experimentarem, e se levou a Cadiz parte da tinta. Não sei de que modo a acharam, mas sei que da Ilha de S. Tiago se levou por muitas vezes a tinta que se nela faz a Sevilha e a Cadiz e a acharam boa e da erva de que se faz o verdadeiro anil; e já se faz na mesma ilha. E o ano de 92, vindo dela uma caravela nossa foi tomada dos Ingleses, e nela acharam um barril de anil em tabuletas, o qual festejaram muito. E nas Ilhas do Cabo Verde se pode fazer muito anil, por haver nelas muita quantidade da erva de que se faz; e a boa é a mais chegada ao mar. Deixo de falar nesta erva, e torno ao Rio do Nuno de que iamoz tratando.

Esta tinta que dele se tira leva-se para o Rio de S. Domingos, e nele se gasta na própria terra dos Buramos e Banhuns; e se leva a Casamansa, e é muito bom resgate, porque dela se fazem escravos e mantimentos e todo o mais resgate; e as tabuletas se vendem inteiras e em pedaços, e correm, como moeda entre nós, para os gastos. Tingem com esta tinta, e a preparam para tingirem com ela da maneira que se prepara a da Costa, como se já disse. Tira-se deste Rio muito marfim, porque matam os elefantes da maneira que os matam os Naluns.

Estes Bagas são mui atraçoados. Folgam estranhamente de matarem aos nossos, quando se desmandam pela terra a irem chatinar; e se sentem que é homem de sua pessoa, não o acometem, e quando o fazem há-de ser à traição. E em os matando cortam-lhes as cabeças e dançam com ela e escaramuçam e ficam cavaleiros. E depois as cozem e tiram a carne toda, e limpas da carne e miolos bebem por elas, servindo-lhes de púcaros. Nisto não há dúvida. E quantos mais vasos tiver um negro em sua casa mais honrado é. E hão-de entender que não hão-de ser somente de brancos, senão de quaisquer pessoas que eles possam matar. Suas armas são umas azagaias de uns ferros largos e compridos, como de partazanas. Usam espadas, frechas e adargas de verga e rota boas. Têm suas almadias, que navegam de uma parte para a outra, e de rio em rio ao longo da terra.

O principal trato dela que lhe levam os nossos é sal, bacias de latão, estanho, cobre, ferro, chasinas de cabras, e outras carnes sales, pano vermelho, e búzio grosso. E ainda que estes Bagas matem aos nossos como se tem dito, não faltam nesta terra lançados que nela habitem e andem a resgatar com eles, porque alguns são guardados dos seus hóspedes; e há outros tão maus que depois do hóspede se lhe ir de casa o vão esperar no

caminho emboscados e o matam, se podem. Indo dois outros em camarada os não acometem e se metem pela terra.

Nas ribeiras desta terra há prata, como pode haver em outras muitas partes deste Guiné, que ainda está virgem, porque os Negros dele não sabem buscar minas nem betas de metais, mais que aquilo que a boamente lhes dá e descobre a terra nas invernadas; nem tão-pouco são buscadas pelos nossos, que até ao presente não pertenderam tirar dele mais que escravos, cera, marfim, e algum ouro que vendem os negros; e por negligência nossa, e não entenderem alguns dos nossos, que se metem pela terra dos negros, de metais, não se tem hoje descobertas algumas minas naquelas partes. Nas ribeiras deste Rio do Nuno há, em algumas partes, muitas marquezitas, e no mesmo rio esteve um omrives chamado Araujo. Este tinha achado ao longo destas ribeiras umas betas de prata, e se metia em um bosque perto dali com forja e seus aviamentos, e ali fundia a prata e fazia manilhas dela que vendia aos negros, e não ousava a fazer a fundição em casa por temor do hóspede com quem pousava. Dando depois a este um medo na imaginação que se os negros viessem a saber como ele fazia aquelas manilhas do próprio metal que achava na sua terra deles, diriam que lhes tornava a vender o seu deles, e que por isso o matariam, deu nele tamanho medo que se recolheu para o Rio Grande terra dos Beafares, onde morreu sem descobrir as betas que tinha achadas, as quais buscando-se por pessoa que conheça metais não deixará de as achar.

Estes Negros vão correndo até o Cabo da Verga, onde começam os Sapes, mas todos se entendem como já se disse. Não vendem negros neste Rio; parece que não deram nisso, mas antes os compram. Os mantimentos que nele há é arroz, milho, muitos animais que matam, muito pescado, muitas aves, e vinho das palmeiras.

Adiante está o *Rio da Furna* que é destes mesmos Bagas, no qual há também tintas, mas não são tão boas nem tão grandes como as do Nuno. As melhores são as que trazem os *Souzos* que confinam pelo sertão com os Bagas, e por cima descem deste sertão a estes rios uma nação de Negros, a que chamam *Putazes*, em cáfilas de 1000 e 2000 homens, e vêm a comprar sal em troco de roupa de algodão branca e vestidos feitos do mesmo e algum ouro e armas de frechas. E no beira-mar destes Bagas se coze o sal. No Rio da Furna há muita quantidade de arroz que ali vão comprar os nossos navios e o levam a vender às partes onde o não há. Este rio vasa tanto que ficam os navios em seco em vasa solta, que não podem vir a eles nem deles irem à terra. E corre ao longo do Cabo da Verga da banda do Norte, e quando enche é com a água, que se chama de *Macareu*, e com dois ou três mares fica a maré cheia; os quais quando vêm, vêm

roncando, e se ouvem muito tempo antes de eles chegarem, como já se disse do Rio da Degoula. Perdem-se neste e correm risco as almadias e outras embarcações pequenas.

Estes negros matam aos que podem para o mesmo efeito como os do Rio de Nuno. Os juramentos dos Naluns, Bagas e Coquolins, dão-se como se dão na terra dos Sapes. Sobre alguns casos dão juramento às justiças, pondo a mão sobre as cabeças das partes que o recebem; mas quando é duvidoso e não há certeza, e suspeitam em alguma pessoa, dão o juramento da água fervendo, como se faz na Costa, e o que se queima esse é o culpado entre eles.

#### CAPÍTULO XIV

QUE TRATA DO REINO DOS SAPES, QUE COMEÇA DO CABO DA VERGA, QUE ESTÁ EM NOVE GRAUS E DOIS TERÇOS, ATÉ OS BAIXOS DE SANT'ANA, QUE ESTÃO EM SETE GRAUS; DOS SEUS COSTUMES, TRATOS, GUERRAS, E OUTRAS COUSAS.

Dobrando este Cabo da Verga, correndo para baixo dele, entra outro Rio que se chama o *Rio das Pedras*, grande e formoso, o qual se parte e se divide em muitos esteiros, e vai fazendo a terra firme em Ilhas que se chamam dos *Cagaçais*. Daqui começa o Reino dos Sapes, e ainda neste Rio chegam os Bagas. E há outra nação, que chamam *Tagunchos*. Estes e Sapes todos se entendem e se comunicam. Nestas ilhas se acha muito ambar; há muita cera, marfim, e escravos que já vendem os negros.

Num destes esteiros veio ter um Bento Correia da Silva, natural da Ilha de S. Tomé, o qual achando a terra boa, se aposentou nela com um irmão seu; e foi ajuntando parentes e amigos; e povoou naquela parte uma aldeia da qual é senhor, obedecido de mais de 3000 negros. E tem nela sobrinhas, filhas de um seu irmão, por nome Jordão Correia, que faleceu na mesma terra; e estas sobrinhas casadas, e assim as filhas do mesmo, e sobrinhos e filhos; finalmente que haverá nela perto de 500 pessoas descomparadas dos Sacramentos, e morrem sem eles, por causa e falta de não haver um Convento de Religiosos na Ilha de S. Tiago, onde podem ir fazer muito serviço a Nosso Senhor e a S. Magestade. E querendo-se aca-

bar de povoar esta terra, ou passar esta gente a povoarem outra parte, não é necessário mais que a proverem de sacerdotes e justiça.

A este Rio descia da Serra, que fica sobre os portos do mar, uma nação de Negros chamados *Putazes*, e outros *Souzos*, a resgatar sal com tintas e panos de algodão e vestidos feitos que traziam dos Fulos, que ficam cingindo todas as Nações dos Negros por cima. E trazem mais uma palha que serve de tinta, chamada pela língua da terra, *Maroque*; e os nossos e os negros da terra a compram e levam a vender aos Rios de *Bagara-bomba*, e *Toto*, e *Bala*, e mais rios que vão de Serra Leoa para o Sul, e por causa do medo dos *Sumbas* (de que se tratará ao diante) mudaram os *Putazes* este trato aos Rios do Nuno e Furna, e deixaram as *Caçaçais*.

Nesta terra andam os Negros vestidos com suas roupetas e calções de algodão; e as armas que trazem são azagaias, espadas, e frechas. As mulheres andam vestidas com seus panos. O resgate que se a ele leva são panos de algodão, roupa preta da Índia, panos de Rás, barretes vermelhos, gabões pretos para os principais, chapéus novos e velhos, tintas, alaquequa, e brandil da Índia, continha de Veneza, trombetas bastardas, bacias de latão, e sal.

O costume destes Negros é quando às suas casas chegam algumas pessoas que vêm aí ter ou passar, em chegando antes de lhes tratar da sua vinda, a primeira cousa com que os agasalham é meterem-os em uma casa, e darem-lhes água quente com que se lavem; e depois de lavados, e tornados ao aposento onde está o senhor da pousada, e assentados, com suas cortesias, dizem ao que vêm; e, se hão de estar alguns dias na terra, manda o Senhor da pousada vir todas suas mulheres, nas quais lhes manda que escolham a que melhor lhes parecer, e a que escolherem tem obrigação de os servir, todo o tempo que ali estiverem, de todo o serviço, porque não tenha razão o hóspede de lhes tomar nenhuma das outras mulheres, e por isso lhe dá aquela a seu contento; e se lhe acerta de tomar alguma das outras, fica obrigado a suas leis, que é o perder os bens que tiver. Esta mulher que assim escolhe, posto que se ele vá para qualquer parte, cada vez que tornar à dita casa fica com a mesma obrigação que de antes tinha de o servir; e tem obrigação de dar a ela de vestir; e os filhos que têm as mulheres que lhes dão, ficão sendo filhos do mesmo Senhor da pousada como os outros; e se acerta de ser de branco, dão-o ao pai que o leve.

O governo e juizos destas nações dos Sapes é terem na sua aldeia uma casa grande, com um alpendre redondo, na qual casa pousa o rei; e no alpendre a que eles chamam *Funco*, têm um assento como tribunal das audiências; e da casa do rei se vêm a este *funco*, o qual está armado

de sua tapeçaria por baixo e por cima, que são esteiras de cores finas. E neste aposento se ajuntam o Rei e os *Solategis*, que são pessoas principais do Reino. Em segredo administram justiça; pondo-se o Rei no tribunal alto, ficam os *Solategis* mais abaixo dele, assentados de uma banda e da outra; e aparecem as partes que hão-de requerer justiça, e para seus advogados saem uns a que chamam *Arões*, vestidos com invenções de penas e chocalhos, e os rostos cobertos de umas máscaras mui feias, com suas azagaias nas mãos, em que se encostam para proporem as razões das partes, e falam. Um acabado fala outro, e assim vão correndo e requerendo a justiça das partes, até por razões vencerem uns aos outros. E a causa de virem estes advogados assim mascarados, é porque não tenham vergonha e empacho de não falarem no tribunal diante do Rei. E no fim das suas razões dão sentença o Rei e os *Solategis*; e logo publicamente se faz execução na parte condenada. Se é causa civil, ali manda trazer as penas em que é condenado, sem se dali sair. E desta maneira se hão seus juízos. Os feiticeiros matam-os; cortam-lhes as cabeças, e botam os corpos fora da aldeia aos animais; e os que são condenados à morte vendem-os a pessoas, que os compram para os matarem e serem cavaleiros: porque é costume entre eles, que matando nas guerras ou brigas, ficam cavaleiros; e escaramuçam com as cabeças dos mortos; e alguns que ainda não alcançaram estas honras por suas pessoas, compram aos condenados por pouco preço (que não passa de 5 ou 6 cruzados de ouro) e os matam, e ficam honrados.

Costumavam estes negros fazerem suas guerras sem ajuda dos vizinhos, como ao diante se tratará na Guerra dos Sumbas.

## CAPÍTULO XV

QUE TRATA COMO ALEVANTAM OS REIS NA TERRA DOS SÁPES, E AS CEREMONIAS COM QUE OS FAZEM, E COMO FAZEM OS SOLATEGIS, QUE SÃO OS FIDALGOS.

Na terra dos Sapes herdavam os reinos os filhos e irmãos parentes mais chegados ao Rei; e há esta ordem entre eles:

Tanto que morre o Rei, depois de morto e feitos os funerais, logo dão em casa de quem há-de herdar, (se não entra no Reino por guerra,) e o amarram, e lhe dão alguns açoites na Casa Real, onde é levado. E de-

pois de açoitado o desamarram ficando todos quietos ; e o lavam e vestem com vestidos reais, e o levam à casa principal (que é o *funco*, o qual está perto dos Paços,) onde estando juntos os principais do povo, faz um daqueles principais Solategis mais antigos a prática ; dizendo, que por direito lhe cabe herdar o reino por morte de seu pai ou irmão, e como quem há-de governar reino é necessário que faça justiça mui recta às partes, que por isso começam com elle primeiro, para que elle assim a administre aos outros, castigando a quem merecer castigo, galardoando a quem bem servir. Acabante de se fazer a prática, mete-lhe na mão a arma chamada, «*queto*,» que é o ceptro, com que cortam as cabeças aos condenados — e todos os reis da Serra trazem estas armas nas mãos que são as divisas reais. Fazendo-se esta cerimónia fica Rei obedecido e temido dos seus.

Os Solategis, que são os fidalgos, quando o Rei os põe nesse título e dignidade que cada um merece, é nesta forma : — Vão ao *funco*, onde se julga, na qual o assentam em um assento de pau lavrado que serve de cadeira ; e ali trazem uma fressura de cabra, com que dá o mesmo Rei pelas queixadas ao Solategi, ficando os rostos e peito untados daquele sangue, e deitam em cima dele farinha de arroz, e lhe põe o Rei um barrete vermelho na cabeça. E feitas estas cerimónias fica sendo Solategi, que é dignidade como do Conselho del Rei e fidalgo, com a qual fica podendo estar nos Conselhos e Juizos, e tem neles suas espórtulas dos condenados ; e achando-se em outro qualquer reino, ainda que não seja no seu, fica usando e gozando de seus privilégios e liberdades, como se fora na própria sua terra.

Estes negros em suas aldeias têm metido em cabeça aos plebeus, que em certos dias do ano sae o seu demónio, que eles têm por Deus, a que chamam a *Contuberia* ; e antes de sair apregoam pela aldeia, que todos fechem suas portas, e que não apareça pessoa nenhuma pelas ruas, porque sai o demónio a passear por elas. Pelo que se recolhem e se fecham ; e não é outra cousa este Demónio e *Contuberia* senão o Rei com os Solategis ou fidalgos, os quais vão nus, com um pau furado ao modo de uma zarbatana, no qual vão tangendo como em uma trombeta, e faz um som e arruido grande, e eles com paus e chocalhos fazendo grande matinação pelas ruas e aldeia. E se ladra algum cão, ou se ouve cousa viva em alguma casa, os de dentro hão lhe de deitar logo a cousa para que elles a matem. E se acertam de achar alguma pessoa que vem de fora sem saber do pregão, o matam a poder de pancadas, salvo se o Rei lhe acode lançando-se sobre ella, pondo-lhe o seu barrete na cabeça ; com o qual efeito fica sendo Solategi, e podendo ver e entrar nesta *Contuberia*.

Tem por ordem nos reinos terem uma casa grande apartada das ou-

tras, a que chamam Casa de Religião, da qual é guarda um fidalgo velho, tido e havido entre eles por homem de boa vida. Nela se recolhem todas as moças donzelas da aldeia ou lugar, e ali estão por tempo de um ano ou mais, doutrinadas pelo velho, e nela lhes acodem seus pais com os mantimentos necessários, mas não as vêem nem falam com elas; e estes velhos mudam os nomes a estas donzelas, pondo-lhes outros diferentes dos que tinham; e quando saem é todas juntas em coros, muito bem ataviadas e ornadas ao seu modo, pelas aldeias nos *arrifais*, que é praça em que dançam ao som de uns instrumentos chamados *bambalos* de que já tratámos; e têm grandes e pequenos, que tangendo todos se concertam. E nestes bailes e danças vêm os pais a verem suas filhas, e os fidalgos e homens mancebos que ali acodem, vendo-as, as pedem para mulheres, e dão os casamentos a seus pais, e pagam alguma cousa ao velho que as teve em guarda. E chamam a estas recolhidas *Mendas*, como entre nós Religiosas.

O costume de seus enterramentos é enterrarem-se dentro das suas próprias casas, vestidos com ouro pelas orelhas braços e narizes, que para isso os têm furados como já se disse, e as arrecadas que levam são *masucos*, chamados assim naquelas partes, e de 20 e 30 cruzados de peso. Os choros fazem-os segundo a qualidade das pessoas pela ordem que já se disse, ajuntando muitos mantimentos, comendo e folgando. Fazem este funeral no *arrifal*. Os Reis se enterram fora da aldeia ao longo da estrada; porque dizem que como é pessoa real e administrou justiça, se não há de enterrar senão em lugar público, onde todos o vejam. E fazem um modo de casa de palha que se põe sobre a cova. Estes negros se circuncidão em nascendo até aos oito dias.

Começa a terra destes Sapes do Cabo da Verga, que está em 9 graus e dois terços, até os Baixos de Sant'Ana, que estão em 7 graus, e há 80 léguas de costa do dito Cabo a estes Baixos. E deles para o Sul se começa a costa da Malagueta. E neste Reino dos Sapes há estas nações de gentes; a saber: *Bagas*, *Tagunchos*, *Sapes*, *Bolões* (os quais comem carne humana), *Temenes*, *Limbas*, *Itales*, e *Jalungas*; e todos estes se entendem uns aos outros. E por todas estas 80 léguas de costa vai outra nação de negros a que chamam *Souzos*, e *Putazes* pelo sertão e montanhas, cingindo a todas estas; e por cima destes Souzos, e Putazes, que ficam cingindo as nações ditas, como muro, habitam os Fulos, os quais começam no Rio e ribeiras de Sanagá, terra de 16 graus da banda do Norte, e vão correndo por cima de todos estes negros nomeados. E têm trato os Fulos com os Souzos, e a roupa que se trás dos Souzos aos Sapes vêm dos Fulos, e desce ouro dos Souzos abaixo a comprar sal; e há tão pouco sal que não basta para os do sertão; e há algumas nações e gentes que o não vêem nem o comem, como

na terra dos Limbas, que de nenhuma maneira o há nem o comem ; em tanto que se esta gente vem a outras partes e o come, logo incham e morrem deles.

Há nestas 80 léguas e limites da Serra Leoa muitos Rios caudais que correm ao mar do sertão, mui frescos ; porque vão os navios por eles acima muitas léguas, cobertos de muitas árvores, povoados de uma banda e de outra em aldeias a que descem muitos resgates ; e os principais rios são os seguintes: o Rio das *Pedras*, o de *Capor*, o de *Tambacira*, o de *Maca-mala*, (onde está a Serra do Cristal,) o de *Calanche-cafu*, e o de *Mitombo*, que corre ao longo da Serra Leoa ; faço esta declaração para os que não viram este Rio *Tagarim* ou *Mitombo* ; porque o de *Tagarim* corre ao longo da Serra Leoa, ficando o Rio de *Tagarim* ao Norte e a Serra ao Sul ; o Rio de *Bangue* corta a Serra por outra banda, de maneira que com pouco trabalho se pode acabar de cortar, porque dele passam os negros as suas embarcações por terra ao Rio *Tagarim*, varando-as ; e cortando-a ficará a ponta da Serra, que é o *Cabo Ledo* em ilha.

O Rio de *Calanche-cafu* cerca a Serra do Cristal pela banda Sul, e o Rio de *Tambacira* vai dar ao pé dela pela outra banda. O Rio de *Toto* tem em si muitas laranjeiras, e a barra é toda de vasa solta, e vão os navios por ele à vela. O Rio de *Tanglecu*, o Rio de *Bulibum*, e o Rio das *Alianças*, todos são mui frescos, de muitas árvores, e de muitos palmares, e muitas laranjeiras. E há nestas partes o Pau do Brasil, de que fazem as tintas, e chama-se a *Cama*, e dizem que é tão fino, que dá sete tintas, e que é parda a derradeira. E há este pau no Rio de *Bagarra-bomba* ; há canas de açúcar, algodão, malagueta, a qual se dá em umas árvores pequenas como bananeiras em capulhos ; ao pé da árvore há *Mantubilha* que é outra maneira de malagueta, a qual queima, e tinge como açafraão. E nestas partes se podem fazer muitas embarcações, porque há muita madeira e boa para isso. Há muito mantimento de arroz limpo e de casca, milho a que chamam branco, e marfim, colas que é o principal resgate para o Rio de *Gambia* e os mais Rios de *Guiné*, a qual se dá em árvores como castanhas, em ouriços sem espinhos. Há ferro da própria terra ; e ouro que também se resgata nestas partes.

Do *Cabo de Verga* vinte-e-cinco léguas para o Sul, estão os *Idolos*, que são três ilhas, uma delas povoada, e tem um rei. É terra montanhosa, coberta de árvores de palmares e outras ; fresca de ribeiras de água. Desta vão os negros a fazer suas searas às outras despovoadas. Chamam-se *Idolos*, porque quando foram a ela a primeira vez os nossos acharam umas figuras e ídolos de pau que tinham os negros e que reverenciavam, chamados por eles *Chinas*.

Defronte do Rio de *Sase* esta outra Ilha que se chama *Tamara*. Defronte do Cabo Ledo, que é a ponta da Serra Leoa, estão duas Ilhas que chamam as *Bravas*, as quais tem muitas águas, laranjas, cidras, limões, canas de açúcar, muitas bananas, e muitos palmares, dos quais tiram a *Sura* os negros, que é o seu vinho. São Ilhas pequenas.

Passando o mar desta Serra Leoa, ouvem-se grandes roncões. Parece que deve de ser o mar da mesma costa, que dando em terra soa o eco, e o ouvem os que passam de largo; e deve de ser o mar na verdade juntamente com alguns trovões.

Junto aos Baixos de S.<sup>a</sup> Ana há umas Ilhas que chamam as do *Toto*. Eram antigamente povoadas; hoje o não estarão, porque foram despovoadas por causa dos *Sumbas*; as quais são frescas, e de muito arvoredo; e nestes baixos se acharam muitas vezes em ostras algumas pérolas. Destas Ilhas de *Toto* para a Terra-firme está uma Ilha que se chama de *Tausente*, de 12 léguas de comprido e 10 de largo; fresca de muitas árvores que dão as *Colas*, e palmares, muito arroz e milho; e fica esta Ilha na entrada dos Rios de *Butibum* e das *Alianças*.

Nestas partes há muitos animais, como Elefantes, Leões, Onças, Lobos, Búfalos e Gazelas. Vacas não há, por não serem os Negros destas partes dados à criação delas; mas não deixam de vir por via dos Fulos. Ficam pelo sertão destes *Sapes* os *Conchos*, com quem se entendem, terra onde há muito ouro, e descem ao beiramar desta costa toda, e se entendem uns com os outros. Estas 80 léguas de costa é melhor coisa que tem Guiné e de mais resgate, e de menos custo. Antigamente os homens pobres não iam a outro nenhum, senão a este, porque com pouco cabedal se aproveitavam muito; e andavam muitos navios na carreira da Ilha de Santiago para esta terra, dos Rios de S. Domingos e Rio Grande: os da Ilha a resgataram escravos, cera, e marfim, e outras coisas; e os dos Rios iam à cola e mantimentos para tornarem a vender nos outros Rios. A principal mercadoria que nela vale é o sal, e o mais que atrás fica dito. Nela há uma casta de monos que não há em outro Guiné, chamados, «*Daris*», sem rabos, e se não tivessem cabelos podia-se dizer que eram humanos, como nós; porque nas feições há pouca diferença. Andam em pé, e alguns que se tomam depois de se fazerem à casa vão catar água ao rio em uma vasilha, e a trazem na cabeça; mas têm tal qualidade que em chegando à porta da pousada lhe hão de acudir de pressa e tomar-lhe a vasilha da cabeça; e não fazendo isto eles mesmos as deixam cair no chão, e se põem a chorar com grandes gritos. Malham nos pilões dos negros os mantimentos como uma pessoa. São baixos de corpo, grossos, de boas pernas e braços. São amigos da conversação das moças, e se acham algumas desenca-

minhadas e sós, as apanham, e levam consigo, e lhes fazem muito mimo ao seu modo. Há outros muitos bichos e animais de estima, e muitas árvores de toda a sorte.

Estes negros não são tão belicosos como os mais do Rio Grande para barlavento. São covardes os mais deles, tirando os *Limbas* e *Jalungas*, os quais até hoje não puderam os *Sumbas* de todo senhorear, porque têm suas habitações debaixo do chão secretas. Indo os inimigos contra eles queimam a sua aldeia e se recolhem a elas, e recolhendo-se os inimigos, se saem e dão neles, e dessa maneira lhes fazem muito nojo e dano. Os mais são dados a prazeres e festas que continuamente tem, pela terra ter em muita abundância tudo, e não usão nem exercitam as armas como as outras nações.

Costumam os desta nação a comerem o comer muito quente, de maneira que vá queimando. Isto usam agora depois de conquistados dos *Manes*, os quais podemos dizer que são agora os mesmos *Sapes*; e dizem que usam este modo de comer quente por amor do exercício da guerra, porque não hão de estar esperando que se esfrie. Esta gente, que antigamente era apoucada em si e fraca para as coisas da guerra, pela continuação dos *Manes* e o uso que continuamente têm das armas, se fizeram grandes soldados. É gente engenhosa; tomam muito depressa tudo o que lhes ensinam, melhor que todas as outras nações. São as negras muito serviçais e limpas.

Limam os homens e mulheres os dentes dianteiros, assim os de baixo como os de cima; e os *Manes* não.

## CAPÍTULO XVI

QUE TRATA DOS SUMBAS, CHAMADOS ENTRE ELLES MANES;  
DE COMO VIERAM, E DAS GUERRAS QUE FIZERAM.

Estando a Serra Leoa quieta e os seus moradores contentes, porque se havia alguma terra boa entre os negros era ela, abundante de todas as coisas; e os que iam à Guiné não indo a ela não se tinham por vistos naquelas partes, como entre nós Itália e França, assim os que conquistavam aquelas partes e tratavam não se tinham por vistos senão depois de a ve-

rem, porque além de ser muito abundante de tudo, e ter muitas coisas boas, era abrigo e refúgio para muitos, porque indo a ela com nada se levantavam os homens ; — parece que por alguns peccados occultos desta nação, ainda que gentios, quiz o Fazedor das coisas castigá-los de maneira que ficassem mais abatidos que todas as outras nações de Guiné, e para isso, se posso dizer, o não quiz mandar fazer por outros senão pela própria natureza deles, porque ainda que não são da própria nação, quando a ella chegaram já se entendiam uns aos outros ; não quiz que viessem os *Caribes* das Índias nem o gentio do Brasil, porque posto que sejam bárbaros, são de diferente côr ; — não quiz mandar animais ferozes com que os pudera bem castigar, senão com os de sua própria natureza e côr ; e para que fôsse o espanto maior quando já chegaram à terra destas Sapes se entendiam uns aos outros. Esta nação destes negros que vieram com a guerra sobre estes outros, chamam-lhe todos vulgarmente *Sumbas*. Hoje não há certeza onde começou a origem deles, nem quem saiba onde começaram a marchar com o seu exército ; porque até agora que há mais de 40 anos que conquistaram a Serra Leoa, não viram os Sapes mais que a vanguarda deste exército, e a sua retaguarda até hoje não chegada. Dizem os Sapes antigos que 100 em 100 anos vêm estas nações a esta terra com guerra. Devem de falar nisto verdade o que dizem estes negros, porque da era de 50 por diante entraram estes negros neste Guiné com maior ímpeto e ferocidade que jamais se viu ; porque se os Numantinos chegaram a comer carne humana, foi por se verem cercados de um cerco muito largo e lhes faltarem os mantimentos, e ser-lhes necessário comerem a carne dos que matavam ; estes não estavam cercados, mas antes eram os cercadores. Não lhes faltavam mantimentos, porque os tinham em sobejo. Parece-me que por ferocidade e temeridade a faziam comer à soldadesca que traziam, porque os próprios Manes a não comem. Torno ao que dizem os desta Nação, que de cem em cem anos vem esta guerra a estas partes, porque quando vieram estes *Sumbas* a esta terra, havia uma nação de negros que já comiam carne humana ; parece que deviam ficar de outra guerra como esta que já tiveram ; porque há mais de 40 anos que começaram a conquistar esta terra, e como a acharam boa fizeram alto nela e a habitam e são moradores nela ; e passaram palavra à retaguarda que não marchasse avante, porque tinham a terra por sua, e dela mandam os direitos reais, que elles chamam na língua da terra *Marefe*, e não comem já carne humana senão muito poucos, nem se nomeiam por *Sumbas* senão Manes, e são já vulgarmente chamados de todos *Sapes*.

Podem por tempos não cumprirem estes reis que habitam e povoam esta terra com mandarem os direitos reais aos reis e capitães que atrás fi-

caram, e tornarem a marchar com outro exército e com a mesma gente, e virem comer a estes que já esquecidos do com que começaram, são tidos por Sapes; e desta maneira fica sendo verdade, como eles dizem, vir esta guerra de cem em cem anos. Seja como fôr; entrou este espantoso exército na terra dos Sapes, comendo os vivos e desenterrando os mortos.

Não se certifica, como já disse, donde viessem, mas o mais que se sabe deles é que se levantaram entre os negros de alguma corda que vai cingindo uns aos outros como muro. Quanto a mim, tenho que procederam de Mandimansa, porque falam a mesma língua, e se não é a mesma, trazem as mesmas armas e vestidos como estes trazem, sem haver diferença nenhuma. Mandimansa é Imperador dos Negros, como já se tem dito, porque ouvindo os mais negros do nosso Guiné o nome de *Mandimansa*, se descobrem todos. As armas dos Maues e Mandimansas são uns arcos pequenos e as flechas pequenas; fazem-as desta maneira, porque dizem que sendo as suas flechas pequenas, e os arcos dos inimigos grandes, ficam as suas armas não servindo aos inimigos, porque as não podem sacudir nem lançar com força, e eles nos seus arcos se servem das dos inimigos por serem compridas. As adargas que trazem são de verga e pau e rota, e tamanhas que ficam cobrindo a um homem todo; as espadas curtas, uma faca em lugar de adarga, e outra atada no bucho do braço esquerdo; azagaias de uns ferros compridos e os contos da mesma maneira, e ficam ferindo de ambas as partes. Nas guerras trazem dois coldres, que são as aljavas, com muitas flechas. A sua erva é peçonhenta, mas não a cozem de outras ervas como nas outras partes; é do leite de uma árvore, que é tão fina peçonha em si que só o leite basta. Os vestidos são roupetas de pano de algodão, largas, compridas e degoladas, e as mangas largas até aos cotovelos; os calções muito largos até por debaixo do joelho meio palmo, daí vão estreitando ao modo de canhões. Trazem muitas plumas de aves pelas camisas e barretes.

Estes negros vieram atravessando por cima do Reino do Congo, das quais partes traziam consigo negros que comiam carne humana. Não deixaram de ter encontros com outros muitos, porque vieram atravessando por cima da *Mina* e pela *Costa da Malagueta*, em tanto que trouxeram, em sua companhia, dela dois homens nossos; um branco do Alentejo, por nome *Francisco Vaz*, e um preto por nome *Paulo Palha*, os quais se perderam na mesma costa em um galeão nosso; e vinham vestidos como os mesmos Sumbas, e traziam as mesmas armas, e vinham servindo de soldados até chegarem à Serra, onde acharam gente nossa para os quais se foram. Não de entender que por onde passava este exército levava muita gente dessas terras; estes vinham servindo de soldados e eram os que

comiam carne humana, como já se tem dito. Queriam dizer que o principal Capitão desta gente era mulher, e afirmavam ser assim. Seja o que fôr, a sua retaguarda, tanto que eles chegaram a esta Serra, não marchou mais para ela. Se é mulher ou não, não tenho notícia certa, mais que chamarem eles a esse general que fica atrás *Mestre*, e a esse e aos mais capitães que ficaram com ele mandam o *Marefe*, que são os direitos reais.

Tenho para mim, que se estes negros deram com tanto ímpeto e fúria nas nações por onde passaram como deram no Reino dos Sapes, que não ficara nada atrás; mas como fica dito, parece que permitia Deus castigar-se esta nação dos Sapes desta maneira. Despovocaram muitas aldeias antigas, assolando tudo, e quando os Sapes viam que as suas sepulturas haviam de ser os mesmos inimigos que com eles pelejavam, pasmavam todos; de maneira que com pouco trabalho assolavam tudo.

Estes negros não partiram de sua terra com tão grande exército como cá chegaram, mas pelo caminho o foram reformando das outras nações por onde passaram.

Tinham esta ordem: os povos que tomavam, logo a gente que consigo traziam comia os principais reis, fidalgos, e governadores. Da mais gente deixavam alguns mancebos que iam disciplinando ao seu modo, e os faziam muito bons soldados, governados pelos Manes, os quais se prezam de falarem com voz grossa e com soberba; e mandavam dar a esses, que assim traziam, a comer carne humana, e com o uso do tempo se foram fazendo mestres neste mister. Vinham comendo, como fica dito, os que cativavam e matavam nas guerras, e desenterravam os mortos por causa do ouro que achavam nas sepulturas; porque, como é já dito, é costume dos Sapes enterrarem os mortos com as jóias que têm de ouro; a saber, manilhas nos braços e nas orelhas, *masucos* de 30 cruzados e de mais pêso, e nos narizes outra invenção como copos de brida; e por isso os desenterravam. Costumavam os que governavam este exército, chegando sobre um lugar, mandarem embaixadores aos governadores dele com algumas roupetas e calções ao seu modo de presente, e um coldre com as suas frechas, e arco, adarga e azagaia; finalmente mandavam amostra das armas que traziam, dizendo, que lhes ofereciam os vestidos em sinal de amizade, e quando a não quizessem lhes mandavam amostra das armas com que os haviam de vencer, quando se eles não quizessem dar; e que traziam muita gente cujos peitos haviam de ser as suas sepulturas. Não se sabiam determinar os pobres de que lei nem jurisdição fossem, porque se se davam não deixavam de os comer, e se pelejavam desbaratavam-os. Houve nesta nação dos Sapes muita cobardia, porque com serem tantos que povoaram mais 80 léguas de costa e muitas pelo

sertão, nunca foram para se ajuntarem e pelejarem com os inimigos. Não usavam de nada. Parece que devia ser de serem pouco exercitados nas armas, porque chegando o inimigo a algum lugar ou aldeia, mandando estes pedir socorro aos vizinhos respondiam que pelejassem e se defendessem, e que quando chegassem a eles, eles pelejariam. E por esta desordem os foram destruindo de maneira que despovoaram muitas aldeias, destruidas e queimadas com mortes dos seus moradores, consumidos e comidos. Outros deixavam o que tinham, e se embarcavam com os nossos, que andavam como aves, que muitas vezes quando se queima algum bosque andam ao longo dele, esperando que saia alguma coisa para se cevarem nela; assim andavam os nossos com caravelas pequenas e outras embarcações ao longo dos esteiros e rios, perto do exército inimigo, nas quais se embarcavam muitos dos que vindo fugindo da fúria deles, iam logo à madre dos rios aos navios grandes que não podiam chegar onde eles chegavam, a se vender; assim os cativavam e levavam.

Verem isto os que o viram foi o maior espectáculo que se podia ver. Porque este campo, onde não traziam mantimentos mais que para os Manes, e onde os mais soldados não deixavam de comer o mantimento de arroz e milho, a carne era humana, e assim havia açougues de pessoas como de animais, pois tanto que faltava que comer os traziam e matavam como se fosse vacas ou carneiros. Vendiam os Manes alguns por pouco preço, e quando os vendiam, se os nossos recusavam, diziam eles que lhes não dava nada, porque se os não comprassem os comeriam. Os mesmos cativos apegavam dos nossos, rogando e pedindo por amor de Deus os comprassem. Davam muitas vezes por um cinto um escravo, ou por um barrete vermelho, ou por um pano que então valia nas Ilhas do Cabo Verde sete vintens. E antes desta gente verem os nossos, vieram dar uma noite ao longo de um rio, onde estava uma embarcação nossa esperando por alguns entrados, que assim chamavam aos que vinham fugindo dos Sumbas, e estava nesta embarcação um homem tangendo muito bem por uma flauta, e ouvindo os inimigos a flauta se vieram chegando até ao longo do rio, e mandaram bradar aos da embarcação, e perguntaram que era aquilo que sóava, se era coisa dos Ceus ou da Terra? Responderam que aquilo fazia um homem que ali estava. Perguntaram se o venderiam; responderam que sim, e perguntaram quantos escravos dariam por ele. Responderam que cento, e prometeram logo cinquenta. Zombaram os nossos dizendo que aquele era branco, e os brancos se não vendiam, porque não eram negros.

## CAPITULO XVII

QUE TRATA DE ALGUMAS GUERRAS, QUE TIVERAM ESTES MANES  
CHAMADOS SUMBAS.

Como já se disse, traziam os Manes no seu exército muita gente das nações por onde passavam e que sujeitavam ; comendo a uns, traziam outros comendo carne humana, para meterem espanto e medo às nações por onde passavam e que conquistavam. Esta gente que traziam forçada eram os que a comiam, e não os Manes, como está dito muitas vezes ; e como vinham todos juntos chamavam-os vulgarmente uns e outros Sumbas, que quer dizer na língua, gente que come carne humana ; e traziam os Sapes este adágio : «*Summa fumo cachim*» que quer dizer ; «Comem carne de graça sem lhes custar dinheiro.»

O primeiro encontro que teve esta gente saindo da Costa da Malagueta, entrando pelos baixos de Sant'Ana, que é a primeira terra dos Sapes, vindo por aquella costa, foi com um rei Boulão, como adiante se tratará. Vinham os capitães Manes, uns à beiramar, outros pelo sertão, marchando por esta ordem, conquistando uma coisa e outra. Conquistava o beiramar um capitão, chamado *Maçarico*, com boa gente, os quais conquistaram a terra firme, e entrando pelas Ilhas de Toto destruíram a de Tausente, a qual estava povoada toda. Uns se embarcavam com os nossos, que andavam como já se disse ; outros eram comidos dos mesmos inimigos. Tiveram as dianteiras com um Rei Boulão, que ainda me parece eram relíquias de outros que já antigamente vieram às ditas partes. Este Rei se esforçou mui animosamente. Ajuntou os seus, e lhes pôs diante o risco em que estavam de serem comidos, e que melhor era morrerem como homens que deixarem-se vencer como mulheres, e serem comidos como animais. Ajuntou os seus, esperou ao inimigo, e teve com ele uma briga mui travada, na qual matou o capitão *Maçarico*, e posto que houve aquella vitória não ousou esperar o fim dela ao diante, porque vinham outros capitães na retaguarda ; e vendo que lhe não acudiam os mais reis vizinhos a ele, determinou de se entregar, e quiz antes entregar-se aos nossos, que aos inimigos, tendo neles confiança que ainda que o cativassem o não comeriam. Embarcou-se com muita gente e mulheres, os quais foram pelos nossos vendidos todos, tirando o rei que por consciência o mandaram à Misericórdia da Ilha de Santiago de esmola, e não sabendo ela o successo como passara, foi o negro rei vendido, o qual servia o seu senhor, não

como quem havia sido rei, senão como quem fora toda sua vida escravo, servindo muito bem e com muita paciência, sem se queixar de sua desventura. Foi baptisado, e se chamou Pedro, e veio à cidade de Lisboa, e tornando à Ilha com seu senhor, governando-a António Velho Tinoco, e dando liberdade a muitos desta nação que se haviam embarcados com os nossos, este Pedro jamais se quiz pôr a dinheiro, dizendo que pois chegara a ser escravo que o queria ser e servir em mentes vivesse.

Em quanto os nossos que andavam ao longo daqueles rios e praias esperando aos que se embarcavam, viu-se a muitos deles serem prósperos; mas depois morreram pobres, e deixaram muito pouco a seus filhos.

Morto o Capitão Maçarico, não o comeram os seus como faziam aos que tomavam. Enterraram-o e fizeram-lhe os funerais ao seu modo, e vieram uma irmã e mulheres suas com muita gente de guerra por mar em muitas almadias; e desembarcando-se foram marchando ao som de seus instrumentos. No choro que houve mataram-se alguns animais para os Manes, mas para os mais mataram-se em lugar dos animais muita gente das que traziam cativa. Neste funeral fez esta sua irmã uma coisa horrenda e fineza grande, que foi tirar de um traçado que trazia na cinta, e pondo o dedo mínimo da mão esquerda sobre um cepo, ela mesmo o cortou, dizendo que por sentimento e memória de seu irmão haviam as suas mulheres de fazerem o mesmo. Algumas o fizeram, e outras não, e ficaram todas as outras em pouca estima daqueles capitães Manes. Depois das honras feitas entraram os capitães pela terra dos Sapes, e a destruíram de maneira que em muitas partes se não achava gente, porque uns eram embarcados e outros comidos. Cada um buscava onde se acolhesse.

Estes Manes eram grandes homens de guerra; cometendo algum lugar tanto que alojavam se entrincheiravam e fortificavam ao seu modo, que eles chamam: «*Atabancar.*» Parece que foi permissão divina virem estes negros de tão longe a esta terra a fazerem nela tanto dano; porque posto que por onde passaram o fizeram, não foi com total ruína, como foi nesta, e achando-a boa se não quizeram sair dela, e a senhorearam, e estão de assento nela, como já se disse. Não deixaram de comer nestes encontros alguns dos nossos que às vezes tomavam, em tanto que estando presos quatro companheiros, apartados de dois em dois, tiraram da companhia deles um, dizendo que o mandavam para outra parte, e o mataram e cozeram a carne, e no caldo dela arroz. Mandaram dar do próprio arroz aos outros; e comendo dele vinha debaixo um dedo o qual conheceram que era do companheiro que deles apartaram, porque o dedo era em si aleijado e o conheceram. Ficaram muito tristes, esperando pela hora de cada um deles. Quiz Deus que se livrassem e fugissem.

## CAPITULO XVIII

DE COMO QUIZERAM CONQUISTAR OS MANES A TERRA DOS SOUZOS, QUE FICA POR CIMA DOS SAPES PELO SERTÃO, E DO QUE PASSOU ENTRE ELLES.

Tinham já os Manes conquistada muita terra desta, assolada, e destruída, de maneira que punham espanto aos inimigos que tudo tinham senhorcado, parecendo-lhes que não cometeriam coisa que não vencessem e arrasassem com aqueles seus animais brutos, cujos peitos eram sepulturas dos vencidos; tendo pois senhorcado muita parte do beira-mar, e muitas léguas pelo sertão, ficavam-lhe os Souzos que ficam cingindo estas nações, por cima, como já se disse, e determinaram de os conquistar. Mandaram-lhes embaixadores com os presentes acostumados de vestidos e armas. Vistas as armas, eram umas sem falta nenhuma nem diferença. Mandaram-lhes os Souzos as suas, dizendo que se os quizessem aceitar por amigos que eles seriam seus, e se comunicariam e correriam seus tratos como de antes sempre fizeram com os Sapes; mas que de outra maneira não consentiriam entrarem por suas terras; que lhes não iam tomar as que elles tinham conquistado e tomado a seus donos.

Vendo os Manes esta resposta determinaram de ir contra elles, e fizeram grande aparato e percebimento de petrechos de guerra, e levaram em sua companhia muita gente da que já tinham sujeita, e muitos que foi o maior exército e aparato que elles ajuntaram e fizeram depois que começaram a conquistar os Sapes; em tanto que foi com elles um homem nosso, por nome Salvador Homem da Costa, com tres escopetas, de quem elles faziam muita conta por ser grande espingardeiro e valente homem de sua pessoa. Tendo os Souzos dada a resposta, e vendo que não tardavam os Manes a mandar outra, começaram de aperceber e ajuntar gente, e tendo uma cópia grande, e juntamente os Fulos com quem confinam, e sendo bastante a gente que tinham para se defenderem, e ofenderem, foram marchando com seus descobridores e atalaias. Sabendo que vinham os inimigos a poucas jornadas lhes botaram diante algumas mangas, os quais levavam vacas que matavam e coziam em panelas muito grandes, nas quais deitavam peçonha, e tanto que descobriram os inimigos fingiam que fugiam, e as deixavam. Vindo, se encevavam no comer e se fartavam, e desta maneira iam morrendo poucos a poucos que vieram a ser depois muitos, pois sem embargo dos Manes scem muito confiados pelas muitas vitórias que tinham alcançado nestas partes e serem costumados a irem

buscar os inimigos a suas próprias casas, perderam alguma reputação da muita que tinham, porque tiveram uma desconfiança, --- não sei porque causa, se seria por ser a sua gente de diferentes nações e não serem todos Manes, ou por algum sinal que como agoureiros tomariam de alguma coisa que viram, --- seja o que fôr, passando um rio depois de terem entrado pela terra dos Souzos, tendo aviso que vinham marchando para eles, mandaram os capitães e governadores fazer alto, e se entrincheiraram muito bem, e se deixaram estar ali, ficando o rio servindo de muro. Mandaram descobrir os inimigos, e acharam que tinham feito o mesmo, mas sabendo que não marchavam adiante os Manes, os vieram buscar os Souzos mui bem ordenados, até se pôr um campo perto do outro, e se fortificaram. E o outro dia, depois do sol fora, começaram os capitães Souzos e Fulos a desalojar a sua gente, e pô-la em ordem de batalha. E tendo-a toda posta e prestes, fez o Rei uma prática a todos por muitos arautos, porque não costumam os Reis naquêlas partes falarem com uma só pessoa, ainda que saiba a língua e se entenda com ela, senão por arautos, e hão de falar alto que entendam e ouçam todos, principalmente estando em juízo, e como era em campo e com muita gente, fez a prática aos capitães e oficiais de guerra juntos; dizendo: «Até agora não tiveram estes Sumbas quem lhes resistisse, e foram comendo carne sem lhes custar dinheiro de tantos quantos mataram; e destruíram toda esta terra, como o sabeis, dentro das suas próprias casas, onde costumam ter forças os senhores delas, e estes as não tiveram, e se deixaram destruir por gente estrangeira. Cuidam estes Sumbas, que assim como fizeram a estes vis, nos farão a nós. Eu pela experiência que tenho de vós outros, esforçados capitães, ainda que não tivéramos em nossa ajuda e favor os esforçados e valentes Fulos, cujas guerras e vitórias bem nos são notórias, temos a justiça por nós, porque estes nos vêm acomeier e buscar dentro das nossas terras para nos cativarem, comerem, e venderem assim a nós como às nossas mulheres e filhos. Se há entre nós alguém que o seu coração lhe diz que não peleje, daqui lhe dou licença que se torne e vá acompanhar as mulheres.»

Dizia o rei estas palavras com muita coragem e esforço, armado das suas armas acostumadas, encostado sobre um arco que tinha como bastão. Acabante de fazer esta prática e ter a certeza de todos que não tornariam a suas casas vencidos, senão mortos, mandou tocar os instrumentos militares, ao som dos quais começaram de marchar para o campo inimigo, que vendo os vir, estando fortificados, se deixaram estar como gente que já temia o fim e sucesso que depois tiveram, sem se quererem sair, e porem-se em ordem de batalha, como lhes representaram. Sòmente

deitaram algumas mangas que foram acometer aos Souzos pelas alas, mas eles jamais se desordenaram com todos os acometimentos, e foram marchando em compasso todos à uma.

Vinham na dianteira deste campo sete homens de cavalo, os quais eram pequenos como quartãos, selados e enfreados, e estes traziam capelhares (e eram Fulos,) e cascáveis grandes nos peitorais; e vindo todos juntos no compasso que traziam muito bem ordenados, trazendo os adar-gueiros de frente e pela alas, e a gente frecheira no meio, estando pertos, acometeram todos juntos arremetida e assalto, e pondo os de cavalo a mão na *atabanca* (que assim se chamam naquela língua as trincheiras) foram estas rotas. Não de entender que da parte dos Manes não deixaram de pe-lejar mui esforçadamente, porque eram muitos, mas a outra gente era mui animosa, e não trazia mistura de outras nações senão a dos Fulos sômente, que é gente muito esforçada, e sabiam que lhes importava porem toda a fôrça nesta batalha, porque sendo de uma vez vencidos, jamais tinham segurança nenhuma, e se destruiria toda a sua terra, mulheres e filhos; e naquela vitória estava a segurança deles; e os Manes ainda que fossem vencidos eram senhores das terras que tinham ganhadas, nas quais tinham muita gente sua, e faziam guerra com a gente da mesma terra que andavam com eles, e tendo vitória não deixariam de a seguir até de todo os conquistar, como fizeram aos Sapes; e por isso meteram todas as forças nesta batalha.

Estes Manes, como gente que depois de darem na Costa da Mala-gueta se embarcavam e desembarcavam, eram marinheiros e nadadores, e sendo rotos se passaram a nado, principalmente os Bolões e Temenes que traziam no seu campo e foram mortos e cativos muitos. Os Souzos como costumados a passarem muitas vezes aquele rio no tempo em que tinham seus tratos e sabiam os vales, sem se desordenarem o passaram e foram em seguimento do inimigo. Diziam os que nesta guerra foram que não escaparam dela senão homens muito esforçados e ligeiros, porque lhes não davam lugar para tomarem alento nem descanso nenhum. Afir-ma o nosso Salvador Homem da Costa que se achou nesta batalha da parte dos Manes, e levava três escopetas, que carregava e cevava um es-cravo seu, que não tivera tempo para disparar depois de os inimigos darem arremetida, mais que uma só vez; e que como sabia a terra, depois da trincheira rota se acolhera e se emboscara, e dessa maneira se salvou.

Foi esta a maior rota que tiveram os Manes depois que partiram da sua terra, e não conquistaram mais os Souzos, e falando às nações que com eles foram a esta guerra, na sua rota, punham as mãos na boca, fazendo grandes espantos.

Estes Souzos deixaram o trato que tinham antigamente nesta terra, e se passaram ao Rio do Nuno, mas já torna a haver comércio na terra, porque os Manes que há hoje nela são naturais; e ainda há alguns capitães que vieram em companhia dos outros, e o principal Rei que há hoje na Serra é um dos capitães vindos nesta guerra, e cá tomou título de Rei e se chama Farma; é rei de *Mitombo*. Há outros reis Manes que residem nos reinados que antigamente eram dos Sapes, e há guerra entre uns e outros. É costume entre eles quando hão de mutar algum vassallo ser a tempo que lhe vem dar a obediência. Costumam pôr os joelhos ambos em terra, e ir pondo as mãos como quem se quer deitar de bruços. Estando desta maneira põem o cotovelo direito no chão, e com a mão levantada para cima, dizem: *Atuaco*; que quer dizer: Aqui estou, Senhor, à vossa obediência. Responde o Rei: *Anamati*, quer dizer: Estejais embora; e se o hão de matar há de ser antes do Rei responder, porque tanto que lhe responde logo se tem por seguro. Alevanta-se muito alegre, e escaramuça de uma parte para a outra, porque se vêm a falar a el Rei vêm mui medrosos, que os matam muitas vezes.

Quando querem fazer gente para alguma guerra sai o rei fóra da aldeia e manda fazer uma casa sobrada de madeira alta, onde se põem em rocio chamado por eles *Arrifal*. Estando ali se vêm os capitães dos lugares apresentar com suas companhias, e por esta ordem vão tomando por lista toda a gente que trazem, até ter a cópia que parece ao rei ser bastante para o que determina; e nunca acomete aos inimigos senão em conjunção de Lua Nova.

Estes Sapes que habitavam a Serra Leoa e seus limites eram gente fraca e cobarde. Agora com a disciplina dos Manes se fizeram bons soldados e são bons capitães. Fazem muitas guerras uns aos outros; cercam aldeias e se descercam os cercados; e têm já alguns reis das ditas partes em seus fortes artilharia; e há negro Mane muito bom bombardeiro, e há alguns escopeteiros, e quando há guerra entre eles se fortificam e assentam nos fortes artilharia, e folgam de ter gente nossa escopeteira e compram escopetas. Foram sempre inimigos de Franceses e Ingleses. Tiveram brigas com o Capitão Inglês João Acle e com Bartolomeu Bayão. Quando este andou alevantado pelejou nesta Serra com o Rei *Sacena*, o qual se fortificou e teve na sua aldeia e fortaleza muita gente nossa e resistiram muito bem aos Ingleses, que dali se foram com perda de gente e de algumas embarcações.

Este Capitão *Sacena* fazia muita honra e mercê ao seu modo aos bons soldados Portugueses que com ele se acharam entonces. Estes Negros jamais terão amizade com Franceses nem Ingleses, que lhes con-

sintam na sua terra terem nenhum trato, como na dos Jalofos, (salvo se forem induzidos pelos nossos quando andam lançados das nossas partes,) porque sempre tiveram ódio formal a estas nações.

## CAPÍTULO XIX

### DA PRESQUIDÃO DESTA TERRA.

Esta terra é tão abundante de tudo que nada lhe falta ; abastada de muitos mantimentos ; muito fresca de ribeiras de água, laranjeiras, cidreiras, limoeiros, canas de açúcar, muitos palmares, e muita madeira excelente. Povoando-se viria a ser de maior trato que o Brasil, porque no Brasil não há mais que açúcar, e o pau, e algodão ; nesta terra há algodão e o pau que há no Brasil, e marfim, cera, ouro, ambar, malagueta, e podem-se fazer muitos engenhos de açúcar ; há ferro, muita madeira para os engenhos, e escravos para eles. Resultará de se povoar grande proveito à Fazenda de S. Magestade, porque as naus que vão para a Índia de viagem, arribando podem nela invernar no Rio de Mitombo, para da ali tornarem a seguir suas viagens sem vir ao Reino. Não se pode dizer o muito que resultará ao diante povoando-se, porque me lembra ouvir muitas vezes dizerem homens muitos velhos na Ilha de S. Tiago, onde sou morador e eles o eram e tinham nela mulheres e filhos, que para nenhuma parte se iriam salvo se mandasse S. Magestade povoar a Serra Leoa ; que para ela se iriam de boa mente e deixariam tudo quanto na Ilha tinham, a qual segundo está cansada de trabalhos que há padecido depressa deixarão. Haverá como 14 anos que fui eleito nela pelo povo para vir tratar com S. Magestade sobre se povoar a Serra, e eles se passarem a ela, governando o Doutor Gaspar de Andrade a Ilha, e tratando com ele este negócio em segredo me disse, que cumpria ao serviço de S. Magestade estar eu nela para o seu serviço e não se falar por entoncez neste negócio da Serra, porquanto se houvesse feito desemparariam a Ilha.

Está esta terra tão boa à porta, onde não falta nada, e podem ir de Lisboa a ela com o pão fresco e água em 15 e 20 dias, desemparada de nós ; porque pela continuação dos Franceses e Ingleses, da Ilha não armam navios para ela, e segundo tudo vai afracando cada vez será pior.

Uma só coisa me dá pena. Tendo isto à porta o deixamos para irmos buscar empresas duvidosas. Povoando-se resultará muito serviço a Nosso Senhor na Cristandade que haverá, e permitirá, que pois a Europa está tão conficionada de muitas heresias, a Sua Santa Fé se aumente e acrescente na terra dos gentios; e se acrescente a fazenda de S. Magestade. Abrindo estas portas a seus vassallos se fecharão aos estrangeiros, os quais enriquecem as suas terras com o que destas partes levam; e dela podem correr para a Costa da Malagueta com o mesmo trato, e cessarão os Franceses e Ingleses.

Permita Deus, pela sua misericórdia, que em dias da Magestade de el Rei D. Filipe, nosso Senhor, vejamos esta terra povoada de Cristãos, em que se salvem muitas almas, assim dos nossos, que nela andam e morrem sem Sacramentos, como destes gentios, que posto que em suas terras sigam muitas gentilidades e ritos, vindos á nossa eles mesmos pedem baptismo. E com isto acabo.

LAUS DEO.

PASSOS QUE CONTÉM INFORMAÇÕES NOVAS OU DIVERGENTES DO TEXTO PRINCIPAL.

[A primeira indicação de página mostra o lugar do nosso texto básico a que corresponde a interpolação; a indicação imediata, de folha, determina o lugar do ms. 297 onde se encontra o passo.]

- 1) P. 8, l. 4 — Fl. 3, l. 5 ...mandou algũs capitaes aos lugares beira mares daquella costa pera terem conta ã os governos daquele Reino que era grande e estes capitaes, e governadores erã escravos seus e vinhão a governar Lãbaja e os mais portos do mar...
- 2) P. 8, l. 31 — Fl. 3 v.º, l. 22 ...lhe manda o grao fullo ho barrete que he como setro...
- 3) P. 12, l. 6 — Fl. 7 v.º, l. 23 ...este Rei Jallofo filho do budumel que oje Reina no Reino de eucalhor he chamado antre elles o gran Jalofo porque os Reis domde elle proçede depois de sse aleuãtar contra o grão Jallofo da casta dos jonaes ficou tomandolhe a terra e ficou com o mesmo apellido.
- 4) P. 12, l. 23 — Fl. 8 v.º, l. 1 ...As armas que huzão na pas e na guerra são seis azagaias piquenas de hũas farpas e hũa grande. Ha espada curta de ate tres pallmos e m.º ha enpunhadura cham sem guardas; trazẽ estas espadas ao tiracollo e facas en lugar de hadaguas de pallmo e meio as azagaias piquenas despedenas nas brigas...
- 5) P. 13, l. 28 — Fl. 10, l. 2 Na era de setenta e seis...
- 6) P. 6, l. 10 — Fl. 10 v.º, l. 9 ...janguadas ã antre elles e chamada taro as quaes pasam trinta e corãta cauallos...
- 7) P. 14, l. 38 — Fl. 11, l. 4 ...ficando o resto...
- 8) P. 15, l. 30 — Fl. 12 v.º, l. 7 ...gergilim do quall fazem azeite...
- 9) P. 16, l. 15 — Fl. 13, l. 10 ...e depois de f.ºs estes pelouros se poem a enxugar ao sol ate que se seque e quando querẽ fazer tinta p.º tingirem os seus panos tomã haquelles pelouros e os quebrãõ ã pedasos e os deitãõ de molho ã algũa couza dentro nagoa por espasso de hun dia e tirada ha tinta da agoa a cobrẽ cõ algũ pano ou folhas de arvores por cima e a deitãõ estar ate que apodresse e crie hũs bichos brancos como de carne e estando desta manr.º a poem a ãxugar ao soll depois de lauada outra ves nagoa e depois de bein sequa a deitãõ ã hun pote grande e lhe deitãõ de coada dentro e fornãõ ha cobrir o pote e esta asi por espasso de algũs dias ate que se fassa m.º fremoza cõ m.º bom lustro, e nesta tinta nos potes por esta maneira tengem os seus panos e os fazẽ m.º pretos como sif e azues e todas as vezes que tirãõ estes panos dos potes os lauãõ em agoa quente e bollẽ estas tintas estando nos potes cõ hũs paos ate que alleuantao asima hũas escumas grandes cõ hũs olhos e cor muito fremoza.
- 10) P. 16, l. 40 — Fl. 14, l. 17 ...os principaes he o porto dale e a angra do bizigniche...
- 11) P. 17, l. 6 — Fl. 14 v.º, l. 2 ...e neste ilheo se podia fazer hũ forte m.º bom...

- 12) P. 17, l. 24 — Fl. 14 v.º, l. 19 ...o quall esta en quatorze graos e dous ter-  
sos...
- 13) P. 17, l. 31 — Fl. 15, l. 9 ...Ilha de Santiago...
- 14) P. 18, l. 4 — Fl. 15 v.º, l. 5 ...os fransezes e ingrezes mais de secêta mill  
couros...
- 15) P. 18, l. 18 — Fl. 16, l. 6 verdade he que ha m.<sup>tes</sup> anos que os frãsezes con-  
tinuão a esta costa do porto dale mas não tinhão tanto trato porq̃ quando  
avião os resguates da mão dos negros jnportaua muito pouco porq̃ quando  
muito tirauão destes portos seis scete mill couros e hun ano som.<sup>te</sup> sê as ou-  
tras couzas que selleuão porque os negros não tinhão abillidade pera tra-  
zerem as suas mercadorias do sertão nem de m.<sup>te</sup> poucas legoas do mar  
pera virem vender aos juigos...
- 16) P. 18, l. 27 — Fl. 16 v.º, l. 3 ...e mandão tomar ha carga pollos seus patai-  
xos ha Sanagua e Venezas a botar os mesmos pataixos as barras de ferro  
no porto de joalla...
- 17) P. 18, l. 33 — Fl. 16 v.º, l. 17 Fuão Ferreira...
- 18) P. 18, l. 38 — Fl. 17, l. 3 acabando o comercio que...
- 19) P. 19, l. 5 — Ibid. L. 16 não temos ainda tratado da ordem dos juizos e ju-  
ramentos destas partes mais e q̃lquer dos capitallos hadiante que tratam dos  
Reinos dos barbasis e mais Jallofos se tratara do mais porq̃ todos huzão a  
mesma couza e costumes. As mercadorias que trazê os nossos ha estas par-  
tes são caualllos,inhos bertanhas contaria da jndia chamada femea que  
he do tamanho dos bagos de hũa romã limpa e boa e cano de pata que e  
a mesma cõtaria mais comprida e não redonda, outra do mesmo cano de  
pata digo alaquequa redonda major que hũa avellam...
- 20) P. 20, l. 1 — Fl. 18 v.º, l. 14 ... podre e sego ao fumo...
- 21) P. 22, l. 7 — Fl. 20, l. 5 ...cõfina com este Rei outro mais poderozo en ter-  
ras e Reinos porq̃ senhorea da banda do mar polla banda do rio de Guãbea  
que chamão docantor per todo 60 legoas e tem tres ou q.<sup>tes</sup> Reis ou mais  
q̃ lhe paguão pareos e lhe são sugeitos neste dito Rjo de Guãmbes polla  
banda do norte e alê destes tem outros barbasis q̃ tãbem lhe são sugeitos  
chamasse este Reinado principall de que tratamos borsallo. Senhorea tres  
nasões de gento e saber jalloffos, barbasis mandingas e tãbê gento boa e  
guerreira huzão de caualllos e são bõs ginetajros huzão as mesmas armas e  
os mesmo vestidos de que ja fica dito atras. Ten dous capitaes generaes  
que gouernão estas nasões hum aos Jallofos e Mandingnas e outro que go-  
uerna aos barbasis assi nas guerras como a pas. E a mais segura terra q̃ ha  
naquelle costa...
- 22) P. 24, l. 25 — Fl. 22, l. 2 ...Nesta terra de borsallo ha todos os mâtimentos  
hatras declarados e aves e animaes, hũa couza vimos nesta terra de bro-  
sallo de q̃ me maravilhei muito que he q̃ o Rei q̃ Reinava naquelle tempo  
ter vertude p.<sup>a</sup> curar os mordidos da cobra e tanto q̃ se mordida aalgũa pes-  
soa loguo na mesma caza fazião sinall cõ hum atãbor que era sinall de estar  
pessoa mordida de cobra na tall caza p.<sup>a</sup> que o Rei ha ffosse curar ou não  
podendo jr logo mandaua o seu barrete q̃ tinha na cabessa ou hũa azaguaia  
sua e dizião os negros q̃ jndo aquella pessa da mão do rei q̃ o mall da cobra  
não hia por diante e jndo o rei a curana e sarana jsto fazia o rei e sarana  
muitas pessoas. Não sei porque vertude fazia jsto. Ha nesta terra e costa

- dos jalloffos desde o reino de sanagua ate ho de gãbea hũa nação de negros...
- 23) P. 27, l. 3 — Fl. 25, l. 8 ...fazem nestas partes vinho a seu huzo de milho que e como serveja tão boa como ella mais não he de tanta dura ebebeda como v.º. Fazem outro vinho de hũa fruita que e como codornos cheirão m.º bem mais não despede ao comer o carosso e o v.º desta fruita e brãço estando e mosto ferue como o nosso v.º tãbẽ enbebeda e fazem delle arrobe bom ha poucas fruias...
- 24) P. 27, l. 13 — Fl. 25, l. 23 ...a ql. tem en si hun azedo...
- 25) P. 27, l. 19 — Fl. 25 v.º, l. 7 ...embarquãõ muitas vezes dosẽtas pesoas...
- 26) P. 27, l. 29 — Fl. 25 v.º, l. 20 ...tornãõ a trazer no mes[mo] lugar depois de comerẽ as vazilhas. Guaslão o tempo depois que estãõ seu dores en jogos e dancas e outros passatempos ao seu modo...
- 27) P. 28, l. 9 — Fl. 26, l. 25 ...deuia sua Mag.ª de mandar q̃ estes taes fõsem fauorecidos p.ª que fõsẽ partes de viren outros...
- 28) P. 28, l. 23 — Fl. 26 v.º, l. 6 ...Este Rio de Guãbea esta sinco leguoas da barra dorrio dos barbasis...
- 29) P. 28, l. 28 — Ibid. l. 13 ...de guanbea q̃ se chamãõ as jlhas de jubande (?). Entra por antre ellas hun Rio piqueno que se chama de laguos que vai dar no Rio dos barbasis perto dos passos dell Rei de brosallo chamado os passos guanjal...
- 30) P. 29, l. 35 — Fl. 27 v.º, l. 11 ... no porto de casãõ...
- 31) P. 30, l. 8 — Fl. 28, l. 7 ...sãõ sans...
- 32) P. 30, l. 31 — Fl. 28 v.º, l. 19 ...ha muitos Reis por este Rio asima por hũa banda e outra quaze de espasso de vinte legoas e de menos hun do outro e ha outros de grandes terras e ha eperadores antre elles a que chamãõ farin...
- 33) P. 31, l. 31 — Fl. 29 v.º, l. 22 ...morrem por elle, chamaolhe doló...
- 34) P. 31, l. 40 — Fl. 30, l. 1 ... Neste Rio. 120. leguoas da barra nesta derradeira caza destes Religiozos ha trato douro que trazẽ allĩ en cafills sertos mercadores mandinguas q̃ tãbẽ sãõ Religiozos e fazem salas como os outros...
- 35) P. 32, l. 14 — Fl. 30, l. 25 ... principall mercadoria p.ª este Resgate douro sãõ manilhas de cobre nas quães me parece que se não ganha nada e se ha ganho não deue ser m.º porque dão por hum arratell douro 1.440 digo mill e quatrocẽtos e corenta manilhas nas mais ganhãõ bem que sãõ cano de pata q̃ he hũa pedraria cõprida q̃ vem da jndia e brandil papel e todas as mais q̃ ficãõ atras nomeadas...
- 36) P. 32, l. 26 — Fl. 30 v.º, l. 26 ...e estes negros fazẽ a sua veniagua cõ os cafres e esta he a verdade e não ha outra couza e o mesmo leuãõ ao Reino do Guallalho chamado por nos guaguo e ao grãõ fullo e o que me fas serto ficar mais de como não queriãõ a manilha senãõ p.ª ornamento de as trazerẽ foi porque dos q̃ leuasẽ quebrarãõ como mill manilhas e pedasos e cometendo eu ao capitãõ da guardia daquella cafilla que as cõprasse diçeme que não seruiãõ dizendolhe que lhe daria duas quebradas por hũa respondeunne q̃ ajnda q̃ lhe desse dez por hũa as não tomava porq̃ lhe não seruiãõ e as não queirãõ senãõ saãs pcrã as trazerẽ por onde me desenguanei da sospeita que tinha...

- 37) P. 33, l. 10 — Fl. 31 v.º, l. 9 ...a troço dealgũas alimofias de barro vidrado e pano vermelho e allgũs Reaões seos...
- 38) P. 33, l. 16 — Ibid. l. 17 ...e trazem nas cabessas barretes vermelhos muito alltos a que elles chamão turquinos parece pellos aucre dos turqos e algũs trazem chapeos pretos e suas espadas...
- 39) P. 35, l. 5 — Fl. 33, l. 22 ...pode aver jsto sento e vinte anos...
- 40) P. 36, l. 1 — Fl. 34, l. 27 ...mais de seto e sincoenta legoas por elle asina...
- 41) P. 36, l. 20 — Fl. 35, l. 7 ...metidas ã hũs sestos conpridos que la chamão coléguas q̄ leva cada hum duas mill collas e menos. Quer Ds. q̄ não aja desta fruita no outro Guine...
- 42) P. 36, l. 23 — Fl. 35, l. 15 ...Há no Rio grande hũa coleira e em são dominhos outra que dão colas e em outro Guinë não ha como esta dito nem estas não dão que abaste p.ª esta aldeia donde estão porque os negros cõtinauadam.ª andão a comer nella.
- 43) P. 36, l. 40 — Fl. 35 v.º, l. 21 ...do porto de casão chamada oulaoula...
- 44) P. 37, l. 15 — Fl. 36, l. 24 ...chamado bãbaro...
- 45) P. 38, l. 21 — Fl. 37, l. 21 ...e banhũs pollo sertão...
- 46) P. 38, l. 22 — Fl. 37, l. 24 ...não ten trato de escravos...
- 47) P. 42, l. 32 — Fl. 40 v.º, l. 21 ...e estando eu nesta terra no ano de 70...
- 48) P. 43, l. 37 — Fl. 42, l. 14 ...costumão nas guerras cortarẽ o mēbro viri aos mortos e as vezes aos vencidos...
- 49) P. 44, l. 15 — Fl. 42 v.º, l. ...ha hun farim chamado cabo...
- 50) P. 45, l. 2 — Fl. 42 v.º, l. 24 ...a pr.ª povoação sua cõ que temos comersio chama-se cacheu...
- 51) P. 45, l. 13 — Fl. 43, l. 20 ...de tres anos ha esta parte...
- 52) P. 47, l. 1 — Fl. 45, l. 4 ...estranha muito algũ branco se estando à missa falla cõ outro e allí o reprende dizado q̄ e minino pois falla naquelle tpo. Este Rei o dia do natalh dizendo o padre q̄ allí estaua entõces missa lhe ofereço na oferta hũa escraua mossã muito boa e fermoza. Tenho p.ª mim que se não convertem muitos gentios destes por falta de não aver qẽ lhes jnstrua e declare a nossa lei e doutrina porq̄ elles não tem seita mais que serẽ jdoltras. Pasmauão estes negros quando na nossa pouoação vem nas quintas f.ª das endoenças fazerẽ aquella proçisão en que vão allgũas jnsinias da paixão e algũs penitentes e oje ha negro gẽtio da terra q̄ mandão os seus f.ª a doutrina cõ os escravos dos nosos brancos q̄ quando allí vai algum ellerigo a vizitar faz como fazia o padre joão pinto ..... a q̄ s. mag.ª mandou as ditas partes p.ª conversão dos gentios dellas e serto q̄ se viuera não deixara de fazer fruto e seruiço a noso s.ª. porque sã embargo de ser preto viuia mui ezenplamente q̄ e couza que se requiere nas ditas partes e os brancos todos lhe fazião muita cortezia entanto que se estaua o feitor do dito Rio assõtado ã hũa cadr.ª tanto q̄ o via se alevantaua della logo e lha daua. Cõ verẽ os negros jsto porq̄ tem naq.ªs partes o feitor por hum s.ª m.ª grande vendo fazer jsto a hun ellerigo preto pasmauão os negros e dizião q̄ não auia couza como o ds dos br.ª q̄ aquelle padre q̄ fallaua cõ elle q̄ ajnda q̄ era preto que todavia os brancos tinhão muita [consideração] cõ elle o bpo da JIha de santiago cuidando q̄ o padre lhe apoquẽtasse a sua chãcelaria porque costuma mandar la vizitar todos os anos assi neste Rio de são dominguos como nos mais as

quaes vizitasoes não vemos fazer mais fructo q̄ na sua chãselaria somente q̄ se acreseta e se lhe vai dobrando cada ues mais mas estão os mesmos lançados de continuo no mesmo peccado seu se apartarẽ deile nẽ se virem cõ suas molheres cuidando como digo do bispo q̄ polla Rezão do Clerigo se lhe deminuiua a chãselaria o mandou suspender e q̄ não huzasse das suas ordẽs e se fosse logo caminhio da jlha de sã tiago o qual loguo obedeseo e se foi e falando cõ ho bispo preguntandolhe q̄ o mandara jr ha guine Respondeo o padre q̄ qẽ mandara jr o dno bispo a jlha o mandara a elle q̄ era S. Mag.<sup>de</sup> basta q̄ o teue suspenço e mandou q̄ se liurasse e q̄iscse formar culpas dizendo todos ã geral q̄ a não tinha andado o clerigo neste seu livram.<sup>to</sup> faleseo. Tratei deste clerigo porque disse atras q̄ ha mingoa de os não aver entendidos nas ditas partes se não conuertião muita parte dos gentios. Estes negros fazẽ o mesmo juizo como os casangas cõ agoa vermelha e preguntão aos mortos quando morrẽ qẽ os matarão como jaa ficou dito q̄ se fas ã cazamansa. Acodem nesta terra dos burames m.<sup>os</sup> escravos e se metem os nossos brancos polla terra adentro e de Reino em Reino adquirindo e buscando resgates. Ha nella muito mãtim.<sup>to</sup> de arros, milho, masaroqua, carne de vacua porq̄ ha muitas nestas partes tãbẽ estimão os Reis cães de fila e os tẽ por estado e pera esse mister os tem e muitas vezes nas suas festas e bãquetes os comen. Esta aldeia de cachu he a mais sãdia daqle Rio de são domingos porq̄ ficou situada no mais largo do Rio terra descuberta donde corre ..... e não é-tão efferma como é buguendo e sarar...

- 53) P. 48, l. 12 — Fl. 49, l. 24 ... a sua terra destes chamaçe bichanguor...  
 54) P. 50, l. 3 — Fl. 49 v.º, l. 20 e tem feiras hadonde acodem en cada somana e se fas todos os dias da somana hja ves e não he en serto dia porque se nesta somana foi ã quinta fr.<sup>a</sup>, a outra ade ser a quarta vão correndo p.<sup>a</sup> tras cõ os dias na costa he en serto dia e não se muda que é as quartas fr.<sup>as</sup> e sextas nestas fr.<sup>as</sup> venden mantimentos vacuas cabras escravos roupa q̄ ha na terra. Os negros banhũs e buramos destes lugares Cuguento e cacheu pollo muito huço q̄ sẽpre liuerão cõ os nossos fallão muito bem a lingua portuguesa os que morão nestas aldeias e assi são muito maos como já temos dito, he costume os Reis terẽ muitas molheres e todos os fidalgos tendo filhas as oferessẽ ao Rei pera serẽ suas molheres e depois de ter ajuntamento cõ ellas e estarẽ algũs dias na corte se tornão p.<sup>a</sup> casa de seus paes e andão as mais que elles querẽ e lhes parece bem, e por jesso ten muitos f.<sup>os</sup> e tãbem os ajudão a fazer muito fidalgos q̄ na corte andão. No Reino de Cazamansa por me festejar o Rei deu hun dia de comer a seus f.<sup>os</sup> no passo e serião como setenta ou mais e mos amostrou dizendo q̄ urão seus filhos todos aquelles. Respondi q̄ folguava muito de os ver, mas não é de crer q̄ hun so homẽ fassa tantos f.<sup>os</sup> se não q̄ lhos ajudão a fazer como esta dito seja como for elle os tem por sseos e as molheres são tantas q̄ tão pouco as conhece o Rei por q̄ vi a este mesmo Rei de cazamãssa virelhe fallar hãa molher sua e trazerlhe o comer como ellas costumão e elle não na conhecer ate lhe ella dar hun sinall q̄ dizia ter ella ã hãa perna e o Rei vjr o sinall e foi verdade ser ella sua molher e a assi tem por essa. Nesta terra dos banhũs ha hãa pimenta q̄ trepa polas arvores como era e dão ã cachinhos como a flor da uva quando esta abrindo p.<sup>a</sup> tomar o cacho e cha-

masse esta pimenta naquellas partes mantubilla, queima como pimenta e tenge como asafrão, ha outra que chamão mallagueta que dão è hũas arvores grandes em cachos e eila en si he comprida e tem hũs carosos dêtro redondos muito piqueno, estimãna os negros p.<sup>a</sup> suas medisinas p.<sup>a</sup> a dor da barriga e frialldade frita esta malagueta em azeite de pallma e no nosso é muito mais medisinal p.<sup>a</sup> cauza do frio. Ha poucas frutas ha principall e milhor he hũa fruta redonda do tamanho de hũ limão chamada môpatas da cor de hũa pera parda, e muito doce e boa ten dentro hum carosso grande fazê os negros fãbê desta mesma fruta vinho ha muita farroba e cabasas das q̄ dão aquella farinha br.<sup>a</sup> das q̄ ja tratamos, ha bananas que e muito boa fruta. Neste Rio ha muito bõ pescado e boas ostras que continuadamente andão os negros vendendo pollas portas aos brancos e assi as galinhas e todos os mantimentos. Estes negros banhũs principallm.<sup>o</sup> são muy entendidos e servem aos nossos assi homẽs como molheres e vão cõ elles a outros Rios por gorumetes ganhado soldo tão seguramente como se fosem nados he criados entre nos cõ muita segurança. Hafora o juramento que se daa dagoa vermelha quando se fazê algũs furtos ou ha algũs juizos ha outro juram.<sup>o</sup> q̄ jurão os Reis e senhores sobre guardar as leis e e foros que poem e pera serem certificados q̄ guardarão a lei posta sê aver fallta fazem hũ juramẽto no q̄l comẽ carne de cão e o sangue dele o oferesẽ ao seu jdoilo chamado naquellas partes china e deitão no Rio dous frangãos ou os q̄ querem atados pollas pernas cõ hũa pedra p.<sup>a</sup> q̄ vão ao fundo e feito o juramento cõ esta solennidade ficão seguros todos de se guardar a llei posta pollo Rei ou aquillo q̄ elles pedirão e muitas vezes quando neste Rio estauão os nossos aponzêtidos nas aldeias cõ os negros juntamente não se segurauão sem o Rei fazer pr.<sup>o</sup> este juram.<sup>o</sup> o q̄ fazia todos os anos este juram.<sup>o</sup> fazê os banhũs, buramos chamados por outro nome papeis e os chãos q̄ todas estas nasões estão misturadas chamo juntas porque se entendem hũas cõ as outras mas as terras estão diuididas e os Reinados esta barra deste Rio de são domingos he muy trabalhoza a entrada della e se os banços de frandes se não mudarão pior barra é esta q̄ não os banços porq̄ ten muitos baixos e parseis q̄ jnda q̄ se não mudem dão m.<sup>o</sup> êfadamento aos q̄ nella entrão tem tres canaes. He gr.<sup>o</sup> o quall entrando por elle fica a baixa do falulo, a leste, e o canal do sudueste o quall entrando por elle fica a baixa do falullo ao noroeste e o dos caravelões q̄ p.<sup>a</sup> averem de entrar nelle vão demandar as Jhetas pmdosse hũa legoa ao socario dellas, p.<sup>a</sup> a norte vão demandar os baixos do norte tem mais outro canall afora os tres q̄ se chama de afonso de llião q̄ he antre os baixos do norte e a praya das vaquas que he a terra dos falupos. Sajndo desta barra de são dominguos dão nas jhetas de fora que são tres piquenas despovoadas muy achegadas a terra firme dos papeis está hum ponto donde tomão muitas vezes hos mais dos nosos nanjos assi a jda como a yinda porto e se apersebem dagoa e mantim<sup>o</sup>. Estes negros tem Rei e são da mesma nasão dos de são dominguos andão vestidos de mesma man<sup>ra</sup> como os outros cõ as pelles de cabras ou de pallmas q̄ has fazem da manr.<sup>a</sup> das pelles e tragennas en luguar de callsas e quando achão algũa cabra pintada oferecem a pelle della ao Rei p.<sup>a</sup> callsas. Não trazem mais vestidos e andão nus e o mesmo Rej ajnda que tenha m<sup>o</sup> vestidos ao noso modo. Tem p.<sup>a</sup>

negros boas cazas de taipas ou adobes redôdas cubertas por cima das folhas dos sibes a q̄ chamão na nossa india orientall olas e são gr<sup>des</sup> e boas e con tantas portas e repartidas de manr.<sup>a</sup> q̄ ficão sendo mais laberinto q̄ cazas e fazendas desta manr.<sup>a</sup> por resp.<sup>to</sup> de hũa nasão de negros q̄ estão na entrada desta barra do Rjo grande detronte destes negros a q̄ chamão bejaguos de q̄ ao diante tretaremos e dão tanto q̄ fazer ha estes negros que cõtinuadam.<sup>te</sup> se vigiã de noite e de dia pasando as Ilhetas per espasso de seis ou sete legoas estaa o porto de busix o q̄l tãbê tem Rei e he da mesma nação dos das jlhetas e do Rio de são domingos, huzão as mesmas armas e os mesmos vestidos q̄ são as pelles sê embargo q̄ o Rei deste lugar tẽ muj ricos vestidos nosos mais huza poucas vezes delles, tẽ muitas pesas de prata lauradas as quaes tem por estado fezse este negro Rei mau e tẽ morto ã sua terra algũs dos nosos e tomadas algũas èbarcasões. Os negros desta terra e todos os mais buramos e papeis q̄ todos são de hũa nação limão os dentes de cima e de baixo por galantaria. é boa gente preta e fremoza não tẽ mais q̄ aqueli dezar dos dentes limados e as negras trazê algũas dellas os peitos muito grandes, parece q̄ é cauza o malhar dos mãtimentos naquelles seus pilões. Hum costume tẽ as molheres destas partes destes papeis q̄ ao meu parecer haprovo por bõ e se podesse ser bõ fora q̄ o luzacem qua as nosas portuguezas q̄ he p.<sup>a</sup> que as molheres não sejam porllixas nem comiloas em amanhecendo enchem as molheres as bocas de cinza e desta manr.<sup>a</sup> andão trabalhando e fazendo todo o servç<sup>o</sup> sem falarem hũas cõ as outras som<sup>to</sup> lansarem as mãos naquellas couzas q̄ tẽ pera fazer. As molheres andão vestidas cõ hũs panos q̄ lhes daa pollos juoelhos, todo o mais trazem nuu. As mossas donzellas assi burames como banhũas andão despidas som<sup>to</sup> trazem por diante hun paninho de cõprimento de hũ pallmo cõ que cobrem as vergonhas e assi andão até se cazarem e tanto q̄ se cazão andão vestidas como as outras. Os negros andão metidos nas snas searas e trabalhos fazendo cazas tirando o v<sup>o</sup> das pallmejras tratando de hũs Reinos p<sup>a</sup> outros cõ vacas, panos ferro que é mercadoria que cmrê ãtre ellos porq̄ hão os escravos. Pasante esta terra de busix entra outro Reinado chamado canhagutos que são da mesma nação e guardão as mesmas leis e costumes e huzão as mesmas armas he vestidos. Nesta terra entra hun Rjo chamado de caterina o q̄l na entrada da barra parece piqueno mas entrando por elle vai alarguando e de cada ves sendo major não estaa descoberto dizê que vai dar em hũas alagoas e q̄ ha nelle muita riqueza foi ja por elle asima hũ parête meu tres dias e de cada ves hião descobrindo mais. É a terra toda cuberta de arvoredõ e vião algũas almadias gr.<sup>des</sup> q̄ atrauesaua o Rjo de hũa banda a outra cõ o temor das quaes não falltou qẽ deitasse a aguoa na polvora e por esse resp.<sup>to</sup> se tornou, estaa jsto por descobrir como estão outras m<sup>tas</sup> couzas oje en Guine. Pasando os canhagutos vai correndo á terra dos bisões q̄ são os papeis q̄ ficão ao longuo deste Rjo gr.<sup>de</sup> hadonde se recolhê muitos navios nosos fogindo dos jngreses e françeses. O Rei destes bisões e muito amigo nosso. Resguatasse na sua terra escravos vaquas q̄ he o trato q̄ se leua dalli pera os bejagos. Estaa tãbê ho estejro de baboqua q̄ he na terra dos mesmos papeis bisões que correm ao longo deste Rio grande ao norte delle todos são perseguidos dos bejaguos que cõtinuam.<sup>te</sup> dão asalltos na terra destes e catiuão e matão

muita gente sêpre e vão dar dentro no Rio de São dominguos de perto de vinte legoas das suas Ilhas.

- 55) P. 59, l. 17 — Fl. 63 v.º, l. 14 não deixarei de dizer o que aconteseo a hun casis destes no Reino de cazamãsa no tempo do Rei masatãba amigo nosso e foi q̄ se veo ao Rej e lhe aprezeitou hũa nomina m<sup>to</sup> bem guarnecida dizemdo que a trouxeçe porq̄ jamais trazendoa seria ferido cõ arma nenhũa por ordem dos nosos mandou o Rei por a nomina no pescoso do casis que lha trouxe e atirarãolhe cõ hũa azaguaja a qual lha não desviou o demônio nem lhe valleo a nomina e foi pasado de parte a p<sup>to</sup> e moreo logo. nem todos estes dezêganos e outros que cada dia vem bastão pera os dezen-ganarê...
- 56) P. 60, l. 2 — Fl. 64 v.º, l. 21 os portei.<sup>ros</sup> que andão diante do rrei em lugar de canas trazê hũas pas de ferro quaze de pallmo e meio de llargo na ponta e ãbaixo estreitas com cabos de quatro pallmos de ferro Rolisso muito luzi-dio e estes porteiros seruem de algozes e com haquellas pas cortão as ca-besas dos que condenados são e chamãõ a estes ofiçiais mãchoides...
- 57) P. 62, l. 16 — Fl. 66, l. 24 a farinha deste milho he parda em si mas he muito boa, fassse este pão ã hũas tigellas de barro m<sup>to</sup> largas as quaes ser-vem de forno e nellas se cozê estes bolos de cada ves hũ porq̄ não cabê mais, do arros e milho branco fazê o mesmo pão mas não é tão bom, ha muitas galynhas boa carne de vaca e cabra bõ pescado muita cassa de aues e animaes. Nesta mesma pernada de guinalla vai hũ esteiro metendosse polla terra hũ bõ espasso e vai dar em hun lugar dos mesmos beafares que he como ducado entre elles chamado biam, no quall abitanãõ m<sup>tos</sup> dos no-sos e se hião despachar algũs navios e corrião muitos escravos por elle, oje não esta tão bẽ de triato como de antes estaua...
- 58) P. 62, l. 19 — Fl. 66 v.º, l. 19 pernada de guinalla da banda de este cha-mada Anquj.
- 59) P. 63, l. 25 — Fl. 68, l. 14 e não deixarei de dizer aqui o q̄ acõteço a hũ Roque lopes de Castel branco natural da jlha de sãtiago o quall judu por este Rjo abaixo ã hũa barqua passanãõ dous helefantes da terra de bise-gue pera a de biguba a nado, elle os foi seguyndo cõ a barqua he che-guando perto se botou a nado cõ hũa faqua grande nas mãos se pos sobre hum delles e lhe foi dando cõ a faqua e abrindo cõ a furia do ferir e o san-gue do mesmo ellefante e polla faqua não ter ãpunhadura lhe correo a mão polo gume sem elle sentir lhe ferio de maneira q̄ ficou alijado de tres dedos da mão dr.<sup>ta</sup> e cõ a matizada q̄ fizerão os da barqua hacodirão muitos ne-gros hao longo do Rio e ajudarão a matar o ellefante ã que elle hia porque se envazou o ellefante na vaza e alli o acabarão de matar e o outro ellefãte se foi. Era este Roque lopes de castel branco tão valente homem e esfor-sado nas armas que ho chamauão os negros daquellas partes soprocanta q̄ quer dizer Rajo...
- 60) P. 63, l. 34 — Fl. 69, l. 3 ...como he a fonte de berenalla ã guinalla que he de muj Riqua aguoa e as de biguda ã balola...
- 61) P. 64, l. 7 — Fl. 69, l. 24 ...e foles q̄ he hũ fruto como peiras pardas Re-dondas tem hũs carosos Redondos tamanhos como avelãs e são azedoas e ha outro fruto que chamãõ manipulos e são amarellos e do tamanho de hũ limão galego...

- 62) P. 64, l. 30 — Fl. 70, l. 14 ... neste Rio grande ha outro fruto que dão hūas arvorezinhas piquenas o quall fruto chamão polla lingoa da tr.<sup>a</sup> manquanaje, quando estaa é frol tem ho chejro muy suave. Este fruto não no podē apanhar pessoa nenhūa senão todos ã geral juntos porque se algum o aserta de apanhar antes do seu tempo pollo mesmo cazo ho vendem porq̃ não se pode apanhar se não depois de ser madura q̃ mandão q̃ da terra apregoar q̃ todos de então por diante apanhē todos ignallmente tēna estes negros por mantimento tãbē...
- 63) P. 87, l. 16 — Fl. 99 v.º, l. 11 ... e en tanta quantidade que nella se pode fazer muitas ēbarcações da maneira q̃ quiserē e he tali e cõ esta acabo porque se não pode dizer o muito que nella ha q̃ ouui per muitas vezes dizerē homēs muito velhos na jlha de santiago donde sou naturall e elles erão moradores...
- 64) P. 88, l. 2 — Fl. 100 v.º, l. 5 pavoandosse esta serra não deixaria de rezultar m.<sup>to</sup> servç.º e proueito ha faz.<sup>da</sup> de s. mag.<sup>da</sup> porque nella se faria hun trato tão grosso como o do brazill polla viagē ser muito breue assi a jda como a vinda e se guardaria e defenderia dos estrang.<sup>tos</sup> e della podião correr p.<sup>a</sup> a costa de mallagueta cõ o mesmo trato mas oje não vejo senão leis postas contra nos porque nos defendem que não vão a costa da malagueta nem da serra p.<sup>a</sup> baixo so pena de perdimento de nauio e faz.<sup>da</sup> e mais penas crimes e com isto serem conquistadas dos jmgos francezes e ingrezes que sē embargo das leis e penas postas elles são os que vão as ditas partes e dellas tirão muito proueito, por que não farão os vasalos de s. mag.<sup>da</sup> o que fazē estes jmgos q̃ bē podião jr com despachos ha costa da mallagueta e resguatar e do que trouxecē paguarião os dr.<sup>cos</sup> a fazēda de S. mag.<sup>da</sup> e o mesmo ao Rjo de sanagua nos quais pr.<sup>tos</sup> dos Jmgos lão mais comersio que nos porq̃ me doe ver jsto defendernos a nos e as portas estarē abertas p.<sup>a</sup> os jmgos e de seus tratos nas ditas partes não receberem estes Reinos nenhūs proueitos mais antes perda. Proueja Ds ã tudo polla sua santa mã porque ja que vemos quaze a maior parte da eropa apesohēhada de muitas seitas luteranas pode ser q̃ pavoandosse algūa parte desta afriqua dos negros que se aumento nella a sua s.<sup>ta</sup> fee e que disto rezulte muito servç.º seu e que se saluem muitas allmas destes gētios os quaes ajnda que en suas terras sigūão muitas gentilidades e rictos vindo a nossa elles mesmos pedem o bautismo. E con jsto dou fim a este tratado porque se não pode dizer tudo.

Ms. 297 F. G. da B. N. L.

INCIPIIT

Como antre os negros da nossa Africa não ouue escribaes antre elles nen se husou quãoto seia couza que se possa ler escrevendo hũos aos outros e verdade que antre elles ha hũs negros tidos por Religiozos chamados bixirĩs estes escrevem em papel e em l.<sup>ta</sup> emcadernados de quarto e meia folha mas as suas escrituras não seruem senão para quem a escreue som.<sup>ta</sup> porq̃ os outros as nao sabem ller nem as entende em como ha ysto não se pode saber as couzas que ãtre elles pasauão porque a trazem elles por istorias e como a memoria dos homẽs nao podẽ cõprender muito e ajmda que compreenda nao pode durar tanto que o tempo a nao consuma e guaste basta jsto pera não podermos saber m.<sup>ta</sup> delles mais que aquellas cousas que elles oje trazem na memoria e lãbransa, não deixarão de passar couzas antre elles dinas de se escreverẽ mas como não ouue quem jsto fizesse e o mesmo tempo as tornou ha consumjr e fazer que se esquecessẽ e como os Reinos dos negros são tantos e as lingoagẽs que fallam tão varias e costumes que em cada espasso de menos de vinte legoas ha duas e tres nasões, hũas misturadas com as outras e asi se entendem hũs aos outros e os Reinados delles piquenos e delles grandes sujeitos hũs aos outros e com suas leis q̃ quaze vem a ser todas hũas e os juramẽtos e como se ade tratar de muitas nasões não sera neccs.<sup>ta</sup> que vamos faz.<sup>ta</sup> declarasão de cada hũa dellas som.<sup>ta</sup> contando na verdade o que passa antre elles e dos tratos e outras couzas porq̃ quaze q̃ no mais se encontrão e portanto não me parece que scia neccs.<sup>ta</sup> escrevendo de cada nação ir fazendo prolonguar porq̃ esta declarasão me pairesse ser bastante sem embargo q̃ nos trataçõs dos Reinos e Nasões iremos declarando polla melhor ordẽ que poder ser tudo de maur.<sup>a</sup> q̃ se escuse como esta dito — e os que ho lerẽ recebãõ de mí esta vôtade porque tomara saber m.<sup>ta</sup> p.<sup>a</sup> poder dizer muito o que diçer sera na verdade.

Ms. 603 da B. P. M. P.

INCIPIIT

Antre os negros da nosa africa não ouve escriptores nẽ antrele eles se huzou escreuer couza que ler se posa posto q̃ neste gentio a hũs negros tidos por Religiozos chamado bixeriuiz os quaes escreuẽ em papel E em liuros enquadernados de quarto E mey.<sup>a</sup> folha mas de tal manr.<sup>a</sup> são estas escrituras q̃ ãa podẽ servir a outrẽ nẽ de outrẽ serẽ entendidas mais q̃ dos q̃ as escreuẽ perq̃ mais são scrtos sinaes e particulares comseptus q̃ letras intelligees e como así seia não se pode saber as cousas notaucs q̃ antre eles pasarão posto que seu costume seia trazelas per estorias perque como a memoria dos homẽs não posa cõprẽder muito subposto que tudo comprehã não se pode Reter tanto que a continuação do t̃põ ho não gaste e consuma pelo que não podemos saber deles mais que as cousas que eles oje Reten en a memoria porque as que naqueles t̃põs antigos pasarão posto que dignas de eterno nome os t̃põs as gastarão E como os Reinos dos negros seião tantos E as lingoageis tão varias como os Costumes diverços porque en cada espaço em menos de vinte legoas ha duas e tres nações todas misturadas E os Reinos hũs piquenos E outros grandes sogeitos hũs aos outros E como suas seitas E costumes E as leis do seu gouerno e juramentos venhão pela may.<sup>or</sup> partte a ser todos hũs não sera neceçario fazer declaração particular menção porque de todos direi geralmente...

Ms. 525 F. G. da B. N. L.

INCIPIIT

*Dos Jalofos. Cap. 1.º*

Ajudou se o Jalofos do poder do Rey dos Fulós, Gasalhos seus vizinhos, e delle socorrido foi segunda vez vencido do Budumel e assi se retirou aos confins do seu Rn.º, e por se assegurar no pouco que delle lhe ficava, se sojeitou, e fezse tributario do Rey dos Fulos, que em tempo de sua prosperidade lhe era muy inferior: e por este modo ficou este negro Snr. da mayor e melhor parte do grande Rn.º dos Jalofos; e p.º fundar bem o novo estado, tomou logo por companheyro no governo a hum filho seu, que fazia profissão de cakis e religioso (q̃ estes negros chamão Bexerim) muy amigo dos mouros, q. na sua terra tratavão, e pouco affeiçãoado aos nossos q. nos seus portos do mar resgatavão, dos quais elle vivia longe em hua cidade do sertão chamada Lambaya. Este, morto o Pay, fez levantar por Rey de Ancalhor a hum filho seu por nome Amadmalique, o qual pello mesmo modo depois q. ficou reynando só, tomou por companheyro a hum filho seu, chamado Silão, repartindo o conquistado em duas provincias, ficando elle em o R.º de Ancalhor, q. seu Pay lhe dera, q. era do Cabo Verde thé o Çanagá, e porto de Cabaceyra, onde surgem os navios q. vão ao resgate, e pello Sertão confinando com o R.º de Bala, e com o de Brocalo, e ao filho Chilão obedece toda a terra de Cabo Verde athe o rio de Ale, terminando pello Mediterraneo com seu Pay.

Seccederão por este modo estes tiranos filhos a seus pays traidores, contra as antigas constituições dos Jalofos, entre os quais per hum novo cazo se ordenou hua pragmatyca, q. herdassem o R.º os sobrinhos filhos das Irmaãs da p.º da Mãy, e não os filhos porq. sendo hum Rey dos Jalofos leproso, governando se o R.º por hũ irmão seu, mandou chamar hum Bexerim, havido entre os negros por Santo, q. por meyo de sua santidade e de ervas, com que fazia maravilhosas curas, cobrásse a perdida saude. Veio o Bexerim, e aconselhado do Diabo, disse ao leproso Rey, q. banhándose no sangue de dois filhos seus de tenra idade, e applicando lhe depoyos alguns outros medicam.º, sararia. Difficiloso remedio p.º outro Rey menos barbaro; mas como este gentio o era e tivesse m.ºº filhos, e com grande ansia desejase a saude dospós a elle tudo; e chamando duas das suas mulheres, das quais tinha dous pequenos filhos, lhes disse, como da morte delles dependia a sua vida, e pois mt.ºº vezes a propria lhe haviaõ offerecido, estas destes innocentes lhe concedessem...

## Registo dos nomes geográficos que aparecem no texto principal

[Os números indicam a página]

- Afonso de Leão, Canal de — 50  
Ale, Pôrto de — 17  
Ale, Reino de — 11, 18, 26  
Ale Embiçane (Ale em Biçane), Reino do  
— Vide: Ale Reino de  
Alentejo — 78  
Alianças, Rio de — 74, 75  
Angra — 18  
Areias, Ilhas das — 55  
Bagara bomba (Bagarra bomba), Rio de —  
70, 74  
Bala, Rio de — 70  
Balangar — 34  
Balantas, Esteiro dos — 51  
Balola — 63, 65  
Barbacins, Baixos dos — 38  
Barbacins, Reino dos — 20  
Barbacim, Rio de — 22  
Barbacins, Rio dos — 20, 28  
Biguba — 62, 63  
Bijagós, Ilhas de — 50, 52, 55  
Bijorei, Feira de — 59  
Bissegue — 62, 65  
Bissegue, Coroas de — 55, 56  
Biziguiche, Angra de — 16  
Boão, Ilhas de — 52  
Bonabo, Ilha — 52  
Bonabo, Rio de — 55  
Bangué, Rio de — 74  
Borçoló, Reino de — 13, 26, 28, 22  
Brasil — 17, 77, 87  
Bravas, Ilhas — 75  
Brucama — 44, 49  
Bucis, Rio de — 50  
Budumel, Reino de — 15, 16, 17, 20  
Buguendo, Aldeia do — 48  
Bulamo, Ponta de — 52, 55  
Buramos, Reino dos — 44, 45  
Butibum, Rio de — 74, 75  
Cabaceira, Pôrto da — 11  
Cabo Verde — 11, 14, 17, 21, 38  
Cabo Verde, Costa do — 18  
Cabo Verde, Ilha do — 17, 40  
Cabo Verde, Ilhas de — 67, 80  
Cação, Pôrto de — 29, 36, 37  
Cacheu, Pôrto de — 47, 50, 53  
Cadiz — 67  
Cagaçais, Ilhas dos — 69, 70  
Calanche cafu (Calanche cafu), Rio de — 74  
Cantor, Reino de — 28  
Cantor, Rio de — 14  
Capor, Rio de — 74  
Caravelões, Canal dos — 50  
Carraxa, Ilha — 52  
Casamança — 48, 58, 67  
Casamança, Barra de — 38  
Casamança, Reino de — 40, 58, 59  
Casamança, Rio de — 38, 40  
Caterina, Rio de — 50  
Cavalos, Ilha dos — 52  
Crato — 18  
Cristal, Serra do — 74  
Cruz, Pôrto da — 46, 60, 62  
Curete, Ilha — 52  
Degolia — 51, 57  
Degouia, Rio da — 69  
Egipto — 15  
Encalhor — 8, 10, 11, 18  
Escravos, Ilha dos — 52, 65  
Europa — 88  
Fanados, Ilha dos — 52  
Farangue, Ilha — 52  
Farim, Rio de — 45, 46, 49, 50  
Fogo, Ilha do — 47  
Formosa, Ilha — 52  
França — 17, 18, 76  
Fulos, Passo dos — 34, 36  
Furna, Rio da — 68, 70  
Galinhas, Ilha das — 52  
Gambia, Reino de — 28  
Gambia, Rio de — 5, 14, 15, 18, 22, 27, 28,  
33, 37, 44, 49, 51, 59, 74  
Gomar, Pôrto de — 22  
Grancamona, Ilha — 52  
Grande, Canal — 50, 55  
Grande, Rio — 18, 27, 34, 35, 46, 50, 51, 52,  
55, 56, 60, 68, 75, 76  
Grã Fulo, Reino do — 18, 31

- Gran Jalofó, Reino do — 22  
 Guinalá — 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63  
 Guinalá, Rio de — 56  
 Guindim, Pôrto de — 22  
 Guiné — 5, 11, 15, 18, 21, 23, 24, 29, 30, 31, 32, 36, 49, 57, 58, 59, 62, 68, 75, 76, 77, 78  
 Guiné, Rios de — 1, 3, 5, 7, 74  
 Herejes, Braço dos — 37  
 Huno, Ilha — 52  
 Ídolos, Ilhas dos — 74  
 Ilhetas — 51  
 Ilhetas, Pôrto das — 50  
 Índia — 16, 19, 28, 36, 70  
 Índias de Castela — 17, 77  
 Infante, Ilhas do — 52  
 Inglaterra — 17, 18  
 Itália — 76  
 Izigichor — 40  
 Jagão — 22  
 Jagrançura, Pôrto de — 32  
 Jangue Mangue, Passo de — 36  
 Joala, Baixa de — 38  
 Joala, Pôrto de — 17, 20  
 João Vieira, Ilha de — 52  
 Jugo — 44  
 Lambaia — 10, 11, 17  
 Lane — 35  
 Ledo, Cobo — 74, 75  
 Leôa, Serra — 5, 17, 31, 36, 51, 58, 70, 74, 75, 76, 77, 86, 87  
 Lisboa — 47, 67, 82, 87  
 Maca mala, Rio de — 73  
 Madrid — 47  
 Malagueta, Costa da — 17, 73, 78, 81, 85, 88  
 Malor — 31  
 Malor, Passo de — 36  
 Mandingas, Reino dos — 35  
 Mastros, Cabo dos — 17  
 Mêio, Ilha do — 52  
 Metambole (Matão-bole) Matão-bolí, Ilha de — 52, 55  
 Mina, Costa da — 78  
 Mitombo — 86  
 Mitombo, Rio de — 74, 87  
 Mosquitos, Ilha dos — 38  
 Nilo, Rio — 15  
 Nuno, Rio do — 66, 67, 68, 69, 70, 86  
 Oxango, Ilha de — 52  
 Palão, Ilha do — 52  
 Palmeirinha, Pôrto da — 22  
 Papagaios, Ilheu dos — 52, 55  
 Pedras, Rio das — 69, 74  
 Pero Alves, Baixa de — 55  
 Pranhas — 56  
 Putamo — 39  
 Roxo, Cabo — 38, 40, 44  
 Rôxa, Ilha — 52, 53, 55  
 Sanagá, Rio de — 3, 5, 7, 11, 14, 15, 16, 18  
 Santa Ana, Baixos de — 3, 73, 75, 81  
 Santa Maria, Baixos de — 38  
 Santa Maria, Cabo de — 28, 37, 38  
 Santa Maria, Ilha de — 3, 5, 17, 45, 47, 49, 54, 58, 60, 67, 69, 75, 81, 87  
 S. Domingos — 44, 47  
 S. Domingos, Barra de — 38, 39  
 S. Domingos, Rio de — 18, 34, 45, 39, 49, 53, 57, 60, 62, 67, 75  
 S. Filipe — 48, 49  
 S. Martinho, Ponta de — 55  
 S. Pedro, Baixos de — 38  
 S. Tomé, Ilha de — 69  
 Sapes, Reino dos — 69, 73  
 Sarar — 48  
 Sase, Rio de — 75  
 Sereno, Rio — 16  
 Sete Pontas — 56  
 Sevilha — 67  
 Sofala, Serras de — 32  
 Sudueste, Canal do — 50  
 Tagarim, Rio — 74  
 Tomara, Ilha de — 75  
 Tambacira, Rio de — 74  
 Tanglecu, Rio de — 74  
 Tausente, Ilha de — 75  
 Timis — 39  
 Toto, Ilhas de — 75, 81  
 Toto, Rio de — 70, 74  
 Tumbocutum — 32, 33  
 Veneza — 19, 70  
 Verga, Cabo da — 68, 69, 73, 74  
 Xoga, Ilha — 52

## Registo dos nomes geográficos que aparecem nas notas do ms. 297 BNL

[Os números indicam a nota]

- afonso de ljião, canal de — 54  
ale, porto de — 10, 15  
baboqua, esteiro de — 54  
balola — 60  
barbasís, reino dos — 19  
barbasís, rio dos — 29  
berenalla — 60  
biam — 57  
bichanguor — 53  
biguda — 60  
biziguiche, angra de — 10  
borsallo — 21, 22  
brazill — 64  
busix, pôrto de — 54  
cacheu — 50, 52  
cantor, rio de — 21  
caterina, rio de — 54  
casão, pôrto de — 30, 43  
cazamansa — 52, 54, 55  
encalhor — 3  
eropa — 64  
falulo, baixa do — 54  
frandes, bancos de — 54  
grande, rio — 54  
guãbea — 21, 28  
gualhalho, reino do — 36  
guanjal, passos — 29  
guinalla, pernada de — 57, 58, 60  
Jalofos, reino dos — 19  
jubande (?), ilhas de — 29  
Lãbaja — 1  
laguos, rio de — 29  
malagueta, costa da — 64  
norte, baixos do — 54  
praya das vaquas — 54  
Sanagua — 16  
sanagua, rio de — 64  
Santiago, Ilha de — 13, 52, 59, 63  
são dominguos, barra de — 54  
são dominguos (são domingos), rio de —  
52, 54  
são sans — 31  
Venezes — 16



## Observações

- 1) P. 9, l. 22 — *preplexas* — leia-se *perplexas*.
- 2) P. 12, l. 24 — *suas* — leia-se *seis*, leitura suposta por Köpke e confirmada pelos mss.
- 3) P. 13, l. 40 — *com* — leia-se *como*.
- 4) P. 14, l. 16 — *este* — a concordância exigirá *estes*.
- 5) P. 17, l. 17 — *obras* — leia-se *abras*.
- 6) P. 18, l. 12 — *regates* — leia-se *resgates*,
- 7) P. 20, l. 17 — *sádia* — leia-se *sadia*.
- 8) P. 21, l. 12 — *soião* — leia-se *soiam*.
- 9) P. 27, l. 4 — *maçãs* — Köpke, com base na edição adulterada de Valle, completou : *d'anáfega*.
- 10) P. 31, l. 26 — *levam* — o ms. 297 diz *lavam*.
- 11) P. 38, l. 9 — *laigichos* — o ms. 297 diz *laiguichos*, e substitui normalmente *g + i, e* por *gu + i, e*. Cfr. *Sotateguis* por *Sotategis*.
- 12) P. 39, l. 34 — *Timis* — no ms. 297 *Times*.
- 13) P. 47, l. 2 — *o repreende* — a concordância exige *a*; no ms. 297 *alguma pessoa* está substituída por *algum branco*.
- 14) P. 51, l. 35 — *aleiando* — no ms. 297 *alijando*.
- 15) P. 52, l. 6 — *Oxando* — no ms. 297 *Oranguo*.
- 16) P. 53, l. 2 — *Cacheu* — leia-se *Cacheu*.
- 17) P. 54, l. 5 — *prezas* — leia-se *présas*.
- 18) P. 55, l. 7 — *Ilha das Areias* — no ms. 297 *Ilha dos Arquos*.
- 19) P. 58, l. 36 — *Jabundares* — no ms. 297 *Jabundanes*.
- 20) P. 58, l. 2 — *Hajáyá* — no ms. 297 *Hajaia*; no ms. 525 *Idá, yá, yá*.
- 21) P. 59, l. 34 — *Bijorei* — no ms. 297 *Bijorrei*.
- 22) P. 63, l. 8 — *nuvensinha* — leia-se *nuvensinha*.
- 23) P. 64, l. 4 — *Nalus* — no ms. 297 *Nalus*.
- 24) P. 69, l. 18 — *Cagaçais* — no ms. 297 *Caguasas*. Idem P. 70, l. 11.
- 25) P. 74, l. 23 — *cama* — no ms. 297 *camo*.
- 26) P. 75, l. 1 — *Sase* — leia-se *fase*.
- 27) P. 75, l. 1 — *está* — leia-se *está*.
- 28) P. 75, l. 3 — *tem* — leia-se *tém*.
- 29) P. 75, l. 17 — *Alianças* — no ms. 297 *Alianguas*.
- 30) P. 76, l. 8 — *inigos* — leia-se *inimigos*.
- 31) P. 78, l. 13 — *Manes e Mandimansas* — no ms. 297 *Sumbas*; idem P. 80, l. 21.



## Registo do conteúdo

1)	Esclarecimento ... ..	VI
2)	Descrição das espécies ... ..	X
3)	Tratado breve dos rios de Guiné ... ..	1
	Prólogo ... ..	3
	Cap. I — Que trata dos negros jalofos ... ..	7
	Cap. II — Dos mais costumes destes jalofos ... ..	15
	Cap. III — Que trata do Reino do Ale-em-Bicane ... ..	20
	Cap. IV — Que trata do Reino de Borçalo... ..	22
	Cap. V — Que trata do Reino de Gâmbia ... ..	26
	Cap. VI — Que trata do mais que há neste Reino de Gâmbia ... ..	33
	Cap. VII — Que trata dos arriatas e falupos ... ..	37
	Cap. VIII — Que trata do Reino do Casamansa... ..	40
	Cap. IX — Que trata do Reino dos Buranos... ..	44
	Cap. X — Que trata dos bijagós... ..	52
	Cap. XI — Que trata do Rio Grande ... ..	53
	Cap. XII — Que trata do que há mais nesta terra dos beafares ... ..	61
	Cap. XIII — Que trata dos reinos dos natuns, bagas e coquolins ... ..	65
	Cap. XIV — Que trata do reino dos sapes ... ..	69
	Cap. XV — Que trata como alevantam os reis na terra dos sapes... ..	71
	Cap. XVI — Que trata dos sumbas... ..	76
	Cap. XVII — Que trata dalgumas guerras que tiveram estes manes ... ..	81
	Cap. XVIII — De como quiseram conquistar os manes a terra dos souzos ... ..	83
	Cap. XIX — Da fresquidão desta terra ... ..	87
4)	Ms. 297 F. G. da B N L. Passos com informações novas ... ..	89
5)	Ms. 297 F. G. da B N L. Incipit ... ..	93
6)	Ms. 603 da B P M P — Incipit ... ..	94
7)	Ms. 525 F. G. da B N L — Incipit ... ..	100
8)	Registo dos nomes geográficos	
	I. Do texto principal... ..	101
	II. Do ms. 297 F. G. da B N L ... ..	103
9)	Observações ... ..	107

1946  
OFICINA GRAFICA LIMITADA  
Rua da Oliveira do Carmo, 8  
Telefone 22886 LISBOA